

RESPOSTA⁴ AS REFLEXOENS,

Que o R. P. M. Fr. Arsenio da Piedade Capu-
cho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de estudar.

Escrita por outro Religioso da dita Provincia para de-
zagravo da mesma Religiam, e da Nasam.



V A L E N S A

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANO MDCCLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, etc.

AT 2025

374 OXFORD LA

: Ủy ban Dân sự và Xã hội

... in der ersten Reihe ...



A 2 H I L A V

THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS



RESPOSTA

AS REFLEXOENS

Que o R. P. M. Fr. ARSENIO da PIEDADE
Capucho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de estudar.

M. R. P. Frey ARSENIO, irman, e discipulo muito amado em Jezu-Cristo. Escrevo esta carta por zelo da gloria da nosa Religiam, e da Nasam, que vejo injuriadas com esta Apologia, que teñdes publicado contra o *Novo Metodo*. Estam pasinados os nosos Religiozos, que sendo vós um Religiozo tam moderado, e prudente, caiseis nesta simplicidade, e imprudencia: nam lhe chamo malevolencia, porque sei, que pecastes por ignorancia. Mas sabeí, que aquilo que escrevestes com zelo imprudente, na boca de outro seria a maior malevolencia do mundo. Os dias pasados estando nos na ccla do P.*** com os PP.*** se examinou atentamente esta vosa Apologia, e me pediram, que por credito da Serafica, e da verdade vos disese o que julgam os omens doutos, e vos despertase dese Letargo, em que repouzaes.

Quem vos meteo, Fr. Arsenio, a falar em materias, que nam entendeis? em materias, que cadauma delas podia ocupar um grande omen toda a sua vida? materias, que pediam outra capacidade, outra doutrina, outro criterio, outra eloquencia, e elegancia, que vós nam tendes? Sim, Fr. Arsenio, capacitaivos de que nos tendes envergonhado, que toda a nosa Religiam está escandalizada, e ainda toda a Nasam picada deste vosa arrojo. Faltava ca gente, que escrevese nesta materia? nam havia aqui tantos Religiozos capazes de dizerem o sco parecer? nam ouvistes vos dizer, que um omen douto secular estava respondendo a parte desta obra? Eque

doutrina tendes vós para sair a campo contra um omem de semelhante crudisam? e que dirá o Autor, se lhe chegar à noticia, que respondei-tes desta maneira? Será possível que tenhais o atrevimento de dizer, que estudasdes todas as materias, que o Critico trata? ou a vaidade de afirmar, que as sabeis, nam digo eu com fundamento, mas ao menos superficialmente? E se nunca as estudasdes, nem sonhasdes estudalas, com que cara vos atreveis a falar nelas? com que confiança abriz boca em materias, que nunca vistes? que omem prudente poderá aprovar esta loucura.

Mas eu vos quero dar de barato que diseis verdade: quem vos manda apartar bulhas, que vos nam pertencem; e apartalas desorte, que ficais pior doque os duelantes? Alem diso, onde aprendestes este modo de criticar? Vós chamais-lhe satirico, e a cada pallo lhe fazeis uma satira. Toda a vossa critica é uma invetiva continuada, e a mais injurioza, que eu ainda vi. Mil vezes lhe chamais ignorante, presumido, tolo, atrevido, e coizas semelhantes, que estavam melhor na boca de um Lacaio, que de um Religiozo. Se o omem é satirico, para que o dezanquietais? Nam sabeis vós, que estes negregados estrangeiros, quando se vem provocados, são terribes? E se o Barbadinho, vendo que todo o trabalho, que tem feito em obsequio dos Portuguezes, nam so é malogrado, mas satirizado; e que em vez de galardam, nam acha senam vituperios; fizer algum dezatino; tendes vós foras bastantes para o reprimir? se o omem escrever contra vós pessoalmente, e vos descobrir a toda a Europa; achais-vos com poder bastante para lhe tapar a boca a elle, e aos seus amigos, e fautores? creio que nam: pois devíeis ter previsto isto muito antes.

Eu ouvi dizer, que este *Metodo* ja se achava traduzido em Italiano, e que brevemente se traduzia em Francez: e que achára grande aceitaçam nos omens doutos daquellas Naçoens, e nas suas Universidades, porque abraçavam os mesmos principios, e opinioens: E quereis vós agora que os Barbadinhos traduzam as vossas Reflexoens nas ditas Linguas, ou na Latina; e as distribuam pelos Jornalistas da Europa, e vos fassam ridiculo, e a todos os vossos sequazes em todo o mundo literario? Pois isto facilmente vos pode succeder. Ca achareis algum protetor, mas fora daqui todos vos farão justifa: e a vossa insuficiencia, que ate aqui estava oculta nos claustros da nossa Religiam, se fará patente a toda a Europa com discredito da nossa Religiam, e da Naçam.

Quando eu estava em Italia, onde me demorei algum tempo, quando fui comprir o meu voto a Jerusaleim, succedeo um cazo semelhante. O P. Cordara Jezuita compoz em Florensa varias satiras Latinas anonimas com estillo tam culto, que parecia do seculo de Augusto. Mas satirizando nelas com mais liberdade alguns omens doutos; estes saíram com a famosa satira *Menippea*, e lhe fizeram tais comentarios, que puzeram à vista todos os poderes das Provincias da Companhia em Italia. E a tempestade creio de

de sorte; que foi necessario, que o P. Geral prohibisse ambas as satiras de *Cordara*, e *Menippea*. E me disse um douto Jezuíta meo amigo, que como em todas as Religioes, por altissima promissam de Deos, avia bom, e mau, nam deixou com esta satira de padecer muito o credito da Companhia. E se uma Religiam tam esclarecida como esta padeceo algum eclipse com a dita satira; que será se o Critico toma a pena, e começa a referir todos os podres meus, vossos, e de toda a nossa Religiam? que creio o pode fazer Limpamente, porque se mostra bem informado.

Lembrame a este intento, que o P. Jeronimo de Castilho, que morreu em S. Roque no anno 1739. e tinha estudado Teologia em Italia, sendo acuzado perante o seo Geral, de ter em um sermão de S. Quiteria feito uma tremenda satira contra um Superior da Companhia; o P. Castilho para se defender traduzio o sermão em Latim, Francez, e Italiano, e juntamente com o original os mandou a Roma. O P. Geral, que entam era o discretissimo Miguel Angelo Tamburini, examinando o sermão, e descuberta a malignidade dos invejosos, depois de os reprehender vivamente, acrescentou estas palavras: *Utinam omnes sic pradicassent!* O caso é publico entre os Jezuitas.

Tenhamos na memoria o dano, que cauçou à onra da Nasam o livro, que imprimio em Inglaterra o Marechal de Schomberg: quando descontente do pouco premio, que tiveram os seus servios em Portugal, se foi para Inglaterra, acabadas as guerras da Aclamam: pois por cauza do tal livro as ultimas vittorias impresas nos Reinos Estrangeiros atribuem ao tal Schomberg o restabelecimento da Coroa Portugueza: *Actum de Lusitanis videbatur, nisi ipsis Schombargius contigisset, qui fortitudine, & prudentia sua rem restituit.* (1) Passando eu por Genova encontrei um Cavaleiro Flamengo de Gante omeu doutissimo, o qual desfazendo na Nasam Portugueza disse, que despoes do reinado de D. Joam III. nam tinhamos feito nada de bom, nem tido omens, que prestassem para nada. Respondi eu, que nam era assim; pois nas guerras da Aclamam tinha avido grandes Generais, e entre eles D. Joam da Silva, que foi pedido por Luiz XIV. para general da sua Cavalaria. A isto deo o Flamengo uma grande rizada: *Como; disse, se o Marechal de Schomberg, quando chegou a Portugal, pedindo aos vossos Generais as plantas militares dos confins do Reino, nem menos estes entenderam o que pedia? Como podem saber os Portuguezes a arte militar, se ignoram os primeiros principios dela, como evidentemente prova o mesmo Schomberg no livro que imprimio das campanhas de Portugal?*

Foi ingrato certamente Schomberg às finezas, que os nossos lhe fizeram. Mas algumas particulares injurias o escandalizaram de sorte, que publicou em outras partes os podres da Nasam. E assim nam é prudencia responder com mordacidade a animos irritados: porque vendo-se ofendidos

da malevolencia, e inveja de quatro particulares malignos, podem dar em algum extremo, que produza muito maosefeitos. E por isto vos digo, que era muito mais acertado, nam vos meter em um doelo, onde nam creis chamado, e de que nam podeis sair bem, e que pode ter para vós funestas consequencias. Nam julgueis que vos digo isto por mal: mas cortame o corasão ouvir o que dizem os imparciaes destas vossas Reflexoens: e que tendo vos tam bom conceito de moderado, e entendido, o perdais, sendo oje a fabula da Nasam. Vos nam aprendestes ainda o modo de fazer boa figura quem tem pouca erudisam. Devieis nas conversações estar calado, e com sêzudeza magistral: abunar de quando em quando a cabelã: um rizozinho seco nas ocaziões: nunca sair do prologo dos livros: e elogiá muito aqueles, que vos podem exaltar. Mas pegar na pena, de nenhum modo: porque a pena mostra quanto vale o omem.

Enfim a pedrada está atirada. O que daqui se seguirá nam sei eu. No em tanto para vos mostrar a vosa seinrazam, farei algumas Reflexoens sobre as vossas Apologeticas: e repetirei algumas couzas mais necessarias, que se disseram na dita conversação. O que tudo deveis aceitar como conselho de quem foi voŝo Mestre, e como sinceridade de um bom amigo, e confrade.

R E F L E X A M I.

Da qualidade do Autor.

ENtrais vòs com grande curiozidade a examinar se o Author é *Barbadinho*, Que importa isto para o merecimento da obra? seja Turco, ou Persiano, respondei vòs aos argumentos, que tudo o mais é perder tempo, e enganar o mundo, dizendo que dezagravais a Nasam. Pareceis-me com o P. San Felice Jezuita Napolitano, que ainda vive, o qual querendo confutar a Istoria do famoso *Pedro Gianone*, plantou estas duas proposições, 1. *Gianone é espurio*: 2. *Gianone é concubinario*: e dilatouse muito em provalas. E ainda agora os Literatos Italianos se estão rindo da puerilidade do Autor, e o livro teve tal gasto, que foi necessario mandalo às tendas para embrulhar adubos.

Mas o que tem mais graŝa é a primeira prova, que dais: *As cartas contem noticias modernas; e aĩ nam á memoria de doutor Barbadinho Italiano; logo nam é barbadinho*. O Barbadinho pode replicar: Nas vossas Reflexoens contem-se noticias de França, de Roma &c. La nam á memoria de Fr. Arsenio: Logo nam á Fr. Arsenio no mundo. E notai de caminho que é falŝo que o Barbadinho diga que foi Doutor, ou que esteve em Coimbra: e assim o que dizeis, nam ŝo é ridiculo, mas caluniozo.

Dizeis que é *mascarado*, e quereis tirarlhe a mascara, Irmam Arsenio,

nio, isto é contra a caridade: se vós supeitais, ou com razão, ou sem ela, como eu entendo, que o autor se cobrio, onde vos ensinam os mandamentos, que se pode descobrir sem injuria? se vós tivêdes tratado mais Religiozos, e lido mais Livros Estrangeiros, verieis que em Italia os mesmos Capuchinhos criticam com Largueza. Desorte que eu nam vejo ali couza alguma indigna de um Barbadinho, muito mais considerando que sam cartas familiares.

Chamais satira à dedicatoria. Ah tal cegueira! A dedicatoria é um dos maiores, e mais bem feitos elogios, que eu tenho lido. Vós ascenstastes que era ironia, sem mais fundamento, que parecervos, que o omen se retratava. Aquilo é uma figura de Retorica muito praticada nos elogios. Alem d'isto a dedicatoria é de um, e as cartas de outro. Os Religiozos Jezuitas nam se queixam, e com que razão vos queixais vós, e dizeis improperios ao Autor? Se o Autor se explica na primeira carta, e em toda a parte fala dos Jezuitas com respeito, porque nam vos serviz da explicação do Critico?

Em toda a obra se louvam os Jezuitas: reprova-se somente o seu metodo. Isto nam é chamarlhe nomes injuriosos: de outra sorte todo o mundo Literario seria satirico. Temos por ventura alguma propozição condemnada de Jansenio, para nam dizer mal do metodo de uma Provincia da Companhia? Isto dizem em Roma todos, e com tal Largueza, que nam se consentiria aqui em Portugal. Dominicanos modernos, Padres das Escolas Pias; Padres Somáticos, de S. Francisco de Paola, Benedictinos, Celestinos, e os nossos Observantes ouvi eu em Roma nas suas orações *de sapientia*, dizerem raios dos estudos da Companhia, e conservo ainda algumas impressas, que se for necessario, publicarei: e contudo ninguém lhes chamou satiricos.

Quando o P. Concina Dominicano, que assiste em Roma, escreveu contra os Moralistas da Companhia, nomeando muitissimos, e mostrando os danos, que nascem do seu Probabilismo; ou quando averá trez anos o mesmo P. consultou o livro do P. Benzi Jesuita, que defendia, *que se podiam tocar os peitos das mulheres sem peccado, seposito periculo*: que resultou daqui? foi castigado como satirico pelo Papa? nam senão: antes foi muito louvado, e o livro do P. Benzi prohibido tambem com rigorosas penas, que nenhum se atrevese a defender em escrito o livro de P. Benzi; e um, que o quiz defender, foi castigado.

Alem d'isto, esta mesma liberdade tomam os PP. da Companhia. O P. Contzen, que o Critico cita, diz raios contra os Advogados, e Jurisperitos &c. O P. Marianna Jesuita Espanhol diz coizas terriveis dos Espanhoes do seu tempo. O P. Alberto de Albertis reprova todos os Retoricos, e quer reformar todo o mundo Retorico: e muitos outros Jezuitas, que podia citar. A isto chamais vós Critica; e ao que o Barbadinho diz, satira? verdadeiramente entendes bem o ponto.

Daqui faie a resposta ao que o Barbadinho diz de Escoto, Soares, &c. Irmam Arsenio, uma coiza é *satira*, e outra *critica*. A satira vai dirigida aos costumes, e ridiculiza os omens respectivamente aos seus vicios do corpo, e do animo. Assim o entendem todos os que sabem que coiza é satira: e especialmente os Jezuitas, que sabem mais que vós. *Satyra est poema jocosum, liberum, aculeatum, ad reprehendendos, corrigendosque mores corruptos*: assim a define com os bons poetas o P. Jouvency Jezuita: e acrescenta, que *debet exagitare inertes, parasitos, deformes, loquaces, ingratos, ambiciosos, prodigos, avaros, &c.* Isto é satira. A critica pelo contrario nam toca nas pessoas, mas nas afoens do entendimento, mostrando o bom, e condenando o niao, paraque o evitemos. E isto praticam oje os omens doutos em toda a parte culta, qual mais, e qual menos, conforme a efficacia de cadaum. Isto é critica.

O Critico em nenhuma parte toca nos costumes, mas na doutrina, e metodo, que esse é o seu argumento: (e ainda o que diz na Etica é para provar a necessidade dela,) e nam podia provar os defeitos sem citar os millores Autores, porque esses sam os textos. A palavra mais alterada que lhe acho é, *ridicularia, ignorancia, parvoice, &c.* falando de obras publicas. Alem disso, unde vistes que o ensinar aos omens o bom metodo em tudo se chame satira? Somente vós, e outros semilhantes lhe chamam assim.

Satira é o que vos fazeis a cada passo, saindo do argumento Literario para satirizar os costumes, e a pessoa. Dizeis que *ouxadamente satiriza: que o maldito do livro redonda em discredit do seu Autor: que nam quereis tanta soberba nos vossos contextos.* (1) que dá admirasam ver a audacia, a vaidade: que critica com fatuidade: que nam é firme na fe, (2) que é invejozo, arrojado, descortez, soberbo, vaidoso, e desprezante. (3) que satiriza toda uma Nasam. (4) que diz mil disparates juntos. (5) que o omem é insigne em baixarias, e que fala com desazoro. (6) que fez uma satira bem descomedida. (7) que as suas cartas dizem parvoices em toda a materia: que o seu assunto consiste em dizer mal: que o Critico, sem ser letrado, censura tudo. (8) que dexejais que tenha mais virtudes, umildade, caridade, modestia no falar: que nam tenha soberba, inveja, jancia, vaidade, desprezo do proximo, (9) que diz mal de S. Thomaz, Escoto, Camoens, Vieira, &c. (10) que começa uma satira com extraordinaria ouxadia: que tem vaidade, e mal fundada prezunsam, e parece mentecapto, (11) e outras coizas semilhantes, que se acham nas vossas Reflexoens. E vós sois o que nos pregais nissam? ora ide vestir outra sobrepeliz.

Direis vós que aquillo sam bagatelas, de que ninguem se deve escandalizar. Bagatelas? isto é uma satira das mais descortezes, que eu tenho li-

(1) Pag. 2. das Reflexoens Apolog.

(2) Pag. 3. (3) pag. 5. (4) pag. 9.

(3) Pag. 10. (16) pag. 14. (7) p. 21.

(8) Pag. 37. (9) pag. 38. (10) Pag.

40. (11) pag. 42.

do. Senam vede. Suponhamos que o barbadinho para se vingar fingia um omem imaginario mui direito, mui empanturrado, sem saudar ninguem, Verdalooprando sempre, cheio de almisçar, todo metido a bazofia, e palaciano deiro ca- para ter estimasam, dando rizadinhas sardonicas, afetando superioridade de rater de doutrina, sem saber mais que quatro postilas bem furradas, sem ter fide- Fr. Arse- lidade a ninguem, cheio de uma ambisam desmarcada: e disse que este nio.

retrato era *vera effigies* vosa. Dirieis que era grande injuria: e com razam, porque vós nam tendes nenhum destes defeitos. Comtudo cadaum deles nam é cousa grande; e em um secular Englez, ou Olandez nam estaria tam mal: mas postos juntos em um Religiozo, mostram que nam tem carater de Religiozo. Da mesma sorte as couzas, que dizeis, aindaque sejam leves, applicadas a um Religiozo sam de grande dezonra.

Se andastes no pátio de S. Antam, porque nam aprendestes daqueles doutos, e pios Religiozos, aquella maxima, que ensinam aos seus estudantes, de nunca argumentar com palavradas, nem ofender ninguem com a expresam? Porque nam aprendestes de Soares Granatense, que tanto louvais, a modestia, com que impugna os seus advertarios? Porque nam imitastes a cortezia do doutissimo P. Daniel Jezuita, quando disputava com o seu famoso Antagonista Natal Alexandre. O certo é que vós daquela exemplarissima Comunidade, nam aprendestes nada bom.

Nam á mais ridicula ilasam, que aqueia vosa: *Critica a doutrina de S. Thomaz; Logo critica a inocencia*. Irmam Arsenio, estudai um bocadinho mais de Logica, que tendes necessidade diso; e adverti, que ningnem deve ser condenado por consequencias sem conexam: e nem menos pelas que tem conexam, se ele constantemente as nega. Isto é o que ensina a Logica moderna, e isto é o que vós nam sabeis, porque nam a lestes.

Queixai-vos que o Barbadinho diga, *que seria justo se cerceassem alguns privilegios, que se tem concedido ás Religioens, porque de alguns tem cesado os motivos*. Nisto nam diz o Barbadinho mais, que o que esta fazendo Roma todos os diar: que por conhecer que nam existem ja os motivos, porque se introduziram varias Religioens, as tem aniquilado, ou secularizado; e nam uma, ou duas; mas muitas mais, e alguma delas em Portugal, cujas rendas pásaram para os Jezuitas. E se vós perguntares a estes PP. se foi bem feito, diram que sim. E assim nam tendes que replicar. Alem diso todos os dias se estam secularizando Conventos, e Religioens, e presentemente algumas Abadias em Fransa por graves motivos, que eu sei. Outras reformamse, e se lhes diminuem as muitas liberdades, que tinham usurpado contra a jurisdicam Ecclesiastica, e que ja tinha em virtude de uma *centenaria*, ou *inmemorial* (se é que entendeis estes termos) prescrito contra a lei. E o mesmo se podia fazer a outras muitas, que eu sei. E nam era isto usurpasam? E como todos os privilegios dos Regulares sejam *vulnerativos do Direito*, neste sentido se podem chamar usurpasam.

Demais temos o exemplo bem fresco nas Indias. Tinham alguns Missionarios na China, e Malavar com estranha Dialectica unido os ricos Idolatricos com os Catholicos: cuja temeridade desde o anno 1645. tinha Innocencio X. reprimido com excomunham. Depois de infinitas contendadas, e prohiboens de varios Papas, Benedito XIV. confirmando o Breve *Ex illa die* de Clemente XI. e anulando as permissoens violentamente extraidas a Monseñhor Mezzabarba, declara dogmaticamente com o Breve *Ex quo singulari*, que as taes permissoens na China nunca foram aprovadas pela Sé Apostolica, e que o rito era supersticioso. E o mesmo Papa com o Breve *Omnium sollicitudinum* declara, que sam supersticiosos os ritos do Malavar: e intima aos Missionarios, que se dentro em cinco annos nam provarem autenticamente em Roma a lua obediencia; e dentro em dez nam fizerem todas as diligencias para a execúsam; que logo sem nova ordem se retirem; que lhes tira os privilegios de Missionarios; e que mandará outros Missionarios mais obedientes à Sé Apostolica. Suponhamos agora (o que Deos nam permita) que isto succede: nam se verifica aqui, que se podem cercçar os privilegios concedidos a algumas Religioens, por motivos que ja cessam, que era a obediencia jurada à Se Apostolica em materia de Misoens? Quem poderá negalo, vendo o que diz a Cabeça da Igreja? Ora aqui tendes vós, que o voço argumento nam vale nada, e se pode voltar contra a voça opiniam.

Mas perguntárvos eu, como encaixastes aqui Alexandre, Sertorio, Viriato? foram por ventura Nero, Domiciano, Diocleciano, que perseguiram os Cristaos, paraque vós os destruais com o braço direito da Igreja? Irmam Arsenio, outro officio. Vós nam sabeis criticar; sabeis sim mostrar a voça ignorancia, e maledicencia. Se eu tiráse consequencias como vós, era esta uma boa conjuntura para inferir naturalmente da voça propozisam varias blasfemias. 1. que Cristo fundou a sua Igreja sem braço direito, que é o mesmo que dizer sem foras bastantes para se defender. 2. que por 1540. annos nam teve a Igreja braço direito. 3. que Cristo nam soube o que era necessario para dirigir a sua Igreja, e quando a fundou, lhe faltou uma circumstancia esencial, que foi porlhe braço direito.

E que diram as famozas Religioens de Beneditinos, Bazilianos, Dominicanos, e Franciscanos? Apostarei, que diram com mais razam, que sempre foram obraço direito da Igreja: e que podem mostrar mais, e mais, onrozias Bulas pela sua parte. Direis vós; que a Bula fala assim. E eu respondendo que tambem Benedito XIV. na sua Constituissam chama aos Missionarios dezobedientes, *Homines captiosos*: e se vós perguntares aos tais, se se deve entender literalmente; diram que tem interpretaissam mais benigna. E o mesmo digo eu da outra Bula. Se vós tiveseis lido o Bulario, acharieis tantas expresoens destas, que pasmarieis da voça ignorancia, em levantar maquinas sobre elas. Estes elogios sam tam triviais na Bulas, que ninguem faz caso disso: muito mais porque todos sabem, que o Papa aprova a sus-

tancia;

tancia, nam as palavras das Bulas, principalmente as que elogiam, que dependem regularmente do arbitrio do compositor, o qual faz ao principio os cumprimentos que lhe parece. Nós somos os que com mais razam podiamos dizer, que eramos o braço direito da Igreja: visto que o Papa nos concede por armas, unir o nosso braço com o de Christo; que significa muito. Mas eu nam quero argumentar deste modo; porque sei que vós nam prevenistes estas consequencias, porque nam entendieis o que dizieis.

A concluzam da vossa Reflexam é, *que as dedicatorias nam tem parentesco com os prologos, mas devem ser separadas*. E como se dicseis do concilio dos Deuses revestido da autoridade de prescrever Leis, intimais esta à Republica Literaria, declarando que fazer o contrario é pecar contra a Retorica. Meu Fr. Arlenio, vós nam sabeis nada de belas letras, e a cada passo mostrais que nunca abristes livros. Os prologos e dedicatorias sempre foram a mesma coiza. Nam é necesario recorrer aos Gregos, porque vós ja confelais, que nam entendeis esta Lingua: vamos aos Latinos, se é que os entendeis.

Cicero sabia mais Retorica do que vós. Contido nos trez livros de *Oratore ad Q. Fratrem*, faz em cada um seu prologo a seu irmao, que é juntamente dedicatoria. No Livro *Orator ad Marcum Brutum*, nos *Paradoxos, de Finibus, Tusculanarum Disputationum*, faz uma dedicatoria a Marco Bruto, que é juntamente prologo. Nos *Topicos* faz dedicatoria, e prologo a Caio Trebatio Testa. Nas *Academicas*, que dedicou a Marco Varrao, mandoulhe uma carta separada, que é prologo, e dedicatoria. Conificio na sua *Retorica ad Herennium* tem no frontispicio uma dedicatoria, e prologo. Hirtio Pansa no VIII. livro dos *Commentarios de Cesar* faz um prologo, e dedicatoria a Cornelio Balbo. Cornelio Nepote dedicando as suas *Vidas* a Atico, faz um prologo somente. Todos estes sam do seculo de Augusto. O mesmo poreis achareis descendo mais para baixo. Plinio assim dedica a sua *Istoria Natural* a Tito Vespaziano. Avieno as suas *Fabulas* a Teodozio: o mesmo fizeram outros. Assim se praticou sempre no tempo, em que a adulaam, e rudeza nam tinham destruido o bom gosto da eloquencia.

Mas ainda no XV. e XVI. seculo os omens mais doutos, que respectableceram as belas letras, e a Retorica, fiseram o mesmo, escrevendo a grandes Principes. Lede as prefatoens do famoso Marco Antonio Mureto Orador, e Jurisconsulto do seculo XVI feitas a Torquato Bembo, Leonar-do Mocenigo, Bernardino Lanredano, Senadores Venezianos: a Francisco Gonzaga, e ao Cardial d'Este, Princeses; e a outros muitos: e achareis que sam dedicatorias, e prologos. E disto está o mundo cheio, principalmente quando se dedica obra a alguma pessoa literata, e o dedicante nam tem tanto que dizer, que seja necesario prologo separado: como vemos todos os dias. Se vós tiveseis noticias do mundo culto, nam diries com

tanta fatisfasm falsidades inauditas, e puerilidades dignas de compaixam; e nam censurarieis aquilo mesmo, em que caio o voso Niculao Francez da Cidade de Siani, que fez uma dedicatoria; que se nam pode entender sem ser prologo. E eisacui tendes, que tudo quanto dizeis é uma grande parvoice, e ignorancia de belas letras, de Livros, e do mundo; e uma mera calumnia. E atreveis-vos a criticar? fatalidade grande!

REFLEXAM II.

Juízo do Autor, e da obra.

MAs vamos à segunda Reflexam. Quem vós ensinou, Fr. Arsenio, a fazer descriçoes, e retratos das pessoas? onde aprendestes a pintar um omem imaginario, e dizer com tamanha calumnia, que é *vera effigies*? Tudo quanto vós dizeis é falso: nem tal se tira da obra. Vos pintais a vaidade, a soberba, a maledicencia, a pertinacia eretica: e deveis pintar fomentando a *Critica*. Mas como vós nam entendeis o significado desta palavra, poriso lhe attribuiz tais epitetos.

Mas que coizas nam dizeis aqui nesta vosa descriçam! Que Retorico vos ensinou a elogiar, ou vituperar por tam galante estílo? Nem ao menos no mesmo P. Pomey, que tanto vos agrada, aprendestes a imitar uma descriçam das muitas que traz, e dilatar um argumento com alguma galantaria, e verosimilidade? O que dizeis, merece compaixam, e bem mostra, que entendeis tanto Retorica, como belas letras. Credeme, Irmam Arsenio, que a dita descriçam é uma parvoice; e que tem muita razam os nosos PP. de dizerem, que ridiculizastes a Religiam.

Para prova da vosa ignorancia Filozofica, basta considerar este periodo: *As ideas, que lhe occorrem sam a quinta essencia de Platam*. Ideias aqui, meu P. Mestre, sam o mesmo que *conceitos* ou *pensamentos*: e as ideias de Platam sam couza muito diferente: sam exemplares das cousas sensiveis, substancias eternas, incorrutiveis, separadas de Deus, e da nosa alma. (1) Cade um bocadinho de Istoria Filozofica, senam quereis dizer tamanhas parvoices.

No 3. 4. 5. 6. paragrafos descreveis a origem das crezias modernas, mas em modo tal, que faz vontade de rir. Deveis saber que os tais Ereges nam só admittem, e abraçam aqueles quatro Padres *Postnicenos*, que apontais, mas os *Antenicenos*; e finalmente todos até S. Gregorio Magno. E isto é um erro consideravel em um Arcicritico, como vós. Unizalem diso Janfenio com os Ereges, como se tivese as mesmas opinioens: sem saberes, que Janfenio errou sem pertinacia, submeteosse a Igreja; foi, e morreo

(1) *Veja-se Platam* in Timæo tom. *Veja-se também Aristoteles* Mataphys. 4. 3. pag. 98. D in Parmenide, *ib.* p. 135. 1. p. m. 66.

morreo Catolico. Pois era necessario advertir tudo isto para nam meter pe-
culantemente Janſenio na claſe do Ereges.

Pintaſis a arte critica como prejudicial: ſem advertir, que a Igreja Ro-
mana a admite como infinitamente util para eſtablecer os Dogmas. Todos
os Criticos para vós ſão Janſeniſtas: e falais mil vezes em Janſenio, ſem
nunca ter aberto Janſenio, nem ſaber qual é a ſua verdadeira doutrina, pe-
loque vou vendo; Dizeime, o P. Rapin, que critica os Poetas, Retoricos,
&c. O P. Hardoino que diz mal de todo o mundo: o P. Sirmondo, que
tambem criticou muitos Autores: o P. Petavio, que diſe coizas inauditas
contra Joſe Eſcaligero: o P. Vavaſſeur que criticou o Rapin, e outros;
todos Francezes, e Jezuitas, por ventura eram Janſenitas? Douvos o con-
ſelho, que aprendais primeiro a Iſtoria Literaria, para poder depois falar
diante de gente neſtas materias. Aſirmais iſto, porque de Critica, e Dogma
ſabeis tanto, como ſe pode eſperar de um omem, que nunca ouviu falar
neſtas faculdades.

Dizeime, Fr. Arſenio, ſe vós tiveſeis aberto um livro, que tratáſe
da Iſtoria das Erezias, ou algum Autor de bom nome, dirieis tamanha par-
voice, como aſſimar, *ſe continuando a Critica, Eretica e Janſeniſtica, ſuãam con-
tra a Fizica os Cartezianos, e meos Cartezianos?* Se tiveſeis lido com aten-
ſam algum Carteziano, atrevor-vosieis a dizer, *que deſterraram os accidentes,
extinguiram as cores?* &c. Se tiveſeis lido a Iſtoria das ſciencias, poderieis
condenar as opinioens de Cartezio, que omens tam doutos, e pios como
os RR. PP. da Companhia de Jezus defendem em Franſa, e Flandrez, ain-
da nos eſcritos: (1) e Jezuita ouve, que expreſamente defendeo Cartezio?
(2) Se ſoubefeis que eſta meſma Fizica, que vos ridiculizais, ſe defende pu-
blicamente em Italia pelos noſos Religioſos, ſem quẽ tenham medo das
voſas invectivas a favor de Eſcoto? (3) certamente que ſe ſoubefeis tudo iſ-
to, ficarieis envergonhado de ter aberto boca em materias, em que vos fal-
tam os primeiros principios.

Eſcarneceis a opiniam do Barbadinho, *que faz os Brutos diſcurſivos*, co-
mo ſe fora ſó dele. Provem iſto deque nam ſabeis, que o voſo oraculo
ſempiterno Feijoo defende o meſmo em um largo diſcurſo, e o prova com
S. Bazilio, e outros PP. Provem deque ignorais que oje a opiniam recbi-
da nam ſo entre os milhores Filozofos, v. g. o Lock, Hartſoeker, Ereges,
de la Chambre, e outros Catolicos: mas tambem entre os meſmos Teolo-
gos, é que alma dos Brutos ſeja eſpiritual, de uma ordem muito inferior

B ii

a no-

(1) *Vejáſe o P. Fabri na Fizica, que defende muitas opinioens de Carte-
zio, o de Lanis Magiſter. natur. & art. Milhor ainda o P. Regnault, e Caſtel,
que ſão Anticartezianos.*

(2) *P. Barbieri de Lovanio. Veritas*

Philosophiæ Cartezianæ.

(3) *Fortunato de Breſcia Francis-
cano, Lente de Fizica experimental, no
Curſo de Filozofia moderna, em 1741.
Breſcia. Alem de outros em Roma.*

à nossa, a sem *ius* a Bemaventurança. O que provam largamente, nana Ereses, mas os mesmos Catholicos Italianos, especialmente o Magalotti (1) com varios SS. PP. mostrando que se a nam admitimos espirital, segue-se que a materia conhece, (porque os modernos nam acham substancia material sem ser materia: e quando alguém lhe diz o contrario, pedem-lhe, que lho prove com evidencia) e la vai pelos ares a melhor prova para mostrar aos Ateos, e Deistas a espiritalidade da nossa alma, e de Deos: porque se a materia raciocina nos Brutos, como nos convencereis que nam raciocina em nós?

Provem tambem de que nam sabeis, que o P. Pardies Jezuita no seu tratado da *Alma das Bestas* em Francez, ou Italiano (2) expoeem a questam problematicamente: e depois de empregar dois terços do Livro em provar que sãõ maquinas, responde-lhe com tanta frialdade, e pouco fundamento, que todos, e até o seu mesmo tradutor, asentaram que o homem era *Maquinista*: ao menos quem nam lhe dezagradava o sistema. E contudo era o P. Pardies homem celebre.

Provem de que nam sabeis, que as ordens particulares dos Superiores da Companhia, que proíbem defender as G. e mais proposições Físicas dos modernos, sem que se saiba o motivo; sãõ as que fazem, que quando os Jezuitas mais doutos as defendem em certas partes, fingem defender a Peripatetica, quando na verdade defendem a Moderna: como fizeram os PP. Pardies, Fabri, Frimaldi, e outros muitos. Pois se nam fôr este grilham, os mesmos Jezuitas vos ensinariam como deveis defender a Moderna. E contudo a verdade e tam clara, que tirando aquellas proposições, oje defendem tudo o mais, e muitos defendem o Newton, principalmente os Jezuitas Francezes, sem serem Janenistas.

Onde aprendestes aquella solufãõ, que o ar faz uma abobeda, com que cerca este globo da terra, e por isto nam carrega em parte nenhuma: e por conseguinte nam é esta a cauza, porque a agoa sobe nas bombas? Irinam, é possível que todas as atheiras em Filosofia estejam reservadas para vós: e que nam vejais, que esta abobeda se desfaz com um sopro, que move o ar, para onde vós quereis. Onde vistes uma abobeda sem pilares, em que asente, e que se nam movam: porque se se movem os pilares, cae logo a abobeda na terra. Que belo engenheiro serieis vós para fazer abobedas no ar! Ide aprender os primeiros elementos destas materias: e ide ter com o Mestre de Matematica a S. Antam, que vos ensine as leis da *Mecanica*: e vos explique, porque o arco ou abobeda nam se rompe por mais pezo que lhe ponham encima. Por isto eu digo, que vós sois capaz de ridiculizar, e causar discredito a toda uma Nação; porque nam conheceis a vossa ignorancia, e contudo quereis publicar obras.

E ten-

(1) Nas suas cartas familiares contra o Ateismo. Em Veneza.

(2) Veneza. 1696. em 16.

E tendes cara para dizer, que o autor se ferve doque escreveram outros, como se ele o negasse, ou o nam disese mui claramente repetidas vezes? Não em Lugar de odeprimir, o exaltais: pois mostrais, que o que ele diz é aprovado pelos maiores omens da Europa: e só é condenado por aqueles, que tem tanto juizo como vós. Prouvera a Deos, que vós tivésseis feito o mesmo, e examinado bem o que dizem os milhores autores, que logo nam diríeis tanta parvoíce.

Tornais aqui de novo a dizer, que o autor *satiriza toda a Nasam*. Vós satirizais todas as Nasoens Estrangeiras; e a isto chamais moderatam, e critica: e ao referir o Barbadinho os defeitos Literarios chamais satira? E boa teima! Nam sabeis vós, senhor Teologo, e Jurista de agoa doce, que os defeitos publicos todos os podem criticar sem peccado? Se os livros andam divulgados, se o Barbadinho nam revela segredos particulares, mas prova o que diz com os tais livros; paraque lhe chamais satira? Valhate Deos para tal cabeça de pedra, e cal!

Tudo o mais que apontais nos ultimos tres paragrafos, nam é critica ao Barbadinho, mas satira que fazeis aos Principes, e Senado da Corte: porque só estes podem remediar aqueles males, nam com arbitrios novos, mas com a execuçam das Leis ja promulgadas. *Odmiraivos que nam aja Corte, emque se vejam tantos roubos, e mortes*. Quereis o arbitrio? é este: Alumiar as ruas denoite: grandes rondas á pé, e á cavallo: infôrçar pela menham todos os Ladroens, e malfeitores que se prendem denoite; e as cabeças pregadas pelas ruas publicas. Tudo está remediado. Quereis outro? Lei promulgada, paraque ninguém diga graças a mulheres, nem de dia, nem de noite: polês pelas ruas, e ministros promptos, e quarteis de soldados em todos os bairros: aos rapazes trez tratos de polê: aos grandes galês, ou forca: e isto *istiu oculi* sem apelasam, nem agravo. Toda a Cidade se aquieta logo em unia semana. Agradam-vos estes arbitrios? Pois isto é que fez em semelhante cazo Sixto V. e praticam outras cortes da Europa.

Quereis as ruas direitas? Fafase o que fazia Alexandre VII. que se punha a considerar a planta de Roma. Se via um canto saído para fora, comprava a caza, e a deitava abaixo: ou obrigava o dono a fazelo, dando-lhe nima compensaçam: assim foi indireitando Roma. Depois publicou uma lei, paraque em se reedificando uma caza, se fose torra se puzese em linha direita, somente alargando a rua: e isto se pratica oje. Estes sam os arbitrios. Mas isto á superfluo para vós, que de Politica sabeis tanto, como de erudisam. Falais milhor nos *merendeiros*, e *abobedas do ar*, que em materias tam longe da vosa esfera.

A Reflexam III. deixo para a Teologia, por nam repetir o mesmo em diversas partes, e passo à seguinte Reflexam.

REFLEXAM IV.

Da sua Orthografia.

L Astima é ouvir como comelais esta Reflexam, e quam pouco entendeis o que criticaes: *Sam as palavras*, dizeis, *sinais arbitrarios*, *que as Nasoens deputaram..... e o uzo de cada Nasum é lei*, &c. Logo erra o Critico em querer introduzir palvaras novas. Onde aprendestes esta Logica, Fr. Arsenio? Para provar alguma coiza devicis provar, que nam se podia admitir palavra nenhuma sem uma Lei feita pelo Senado, ou por Elrei. Mas em quanto deixais a introdusam ao uzo, deveis saber, que alguem deve ser o primeiro a introduzilas, outro a abraçalas, e assim se vai fazendo o uzo. Pergunto agora, quem á de ser o introdutor? Um sapateiro, ou um omem douto? Sem duvida que o douto. E neste cazo que coiza provais? Nada.

O mesmo Horacio, que vós citais, admiite como util a introdusam de vozes novas. Considerai estes versos do dito Horacio. (1)

*Dixeris egregie, notum si callida verbum
Rediderit junctura novum. Si forte necessè est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum,
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget, dabiturque licentia sumpta prudenter.
Et nova, siætaque nuper habebunt verba fidem, si
Græco fonte cadant, parce detorta. Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio, Varioque? ego cur adquirere pauca
Si possum invidior cum lingua Cætonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit, & nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, semperque licebit
Signatum præsentè nota producere nomen.*

Será necessario que pesais a alguem vos traduza bem claramente estes versos, que sam applicaveis a todas as lingoas vivas. Os Inglezes, que tem mais juizo dõ que vós, de quarenta anos a esta parte tem augmentado de sorte a sua lingua com palavras novas, que parece outra. Os Francezes tem feito o mesmo. E parecevos. que será pecado fazer o mesmo em Portugal? boa consequencia! Muito mais que o Autor nam tem por objeto introduzir palavras novas; mas diz que seria util: e adverte que o modo de o fazer é, deduzindoas das milhozes linguas, dandolhe a terminasam Portuguesa-

(1) Arte Poetica no principio.

gueza, e seguindo nisto, e no mais a pronuucia dos omens doutos : e nella introduçam procede muito moderado.

Condenais alguma palavras, que ou praticou deduzidas do Italiano, ou foram erros da imprensa, que caíram infinitos nela. Olhai para as regras que dá, que são as que abraça, e não o que fizeram os outros. Mas quem é o que nos condena em Orthografia! vós, que escreveis *Leteranense*, *Bordalu*, *Baromatros*, *Termomatros*, e outras parvoíces destas? vós, que escreveis *silaba* por *Profodia*, ou quantidade das sílabas; *confuir* por *traduzir*, e outras puerilidades destas? Vós, que até errais na gramática Portuguesa; como mostram entre outras estas Orações: (1) *Tomaram o cuidado de fazer criticas contra todos os autores, acurando-os de nam seguirem os primeiros SS. PP. mas se desviavam deles: e em outra parte* (2) *uma terçom*: e mais adiante (3) *se o am de curar com os remedios, que tem mostrado a experiencia seram bons para a cura: pondo serem por serem?* vós, que sois inconstante na Orthografia, escrevendo as mesmas palavras umas vezes de uma sorte, outras de outra; sem saber donde se deve por Letra maiúscula, e donde Letra piquena? vós que prezado de elegante, e eloquente afetais dizes grasas, e frioleiras com uma locução trivialíssima, e mais ridicula que a de qualquer rustico? vós finalmente, que chamais elegancia à pedantaria de encaixar versinhos, latins, e textos da Escritura em toda a parte; afetando aquilo mesmo, que os omens cultos evitam com cuidado? vós, torno a dizer, com estes, e mil outros defeitos quereis ensinar aos outros a orthografia, elegancia, e estilo? Outro officio meo Padre, que estas censuras não são da vossa jurisdicção.

Além disso, admirai-vos de que o Barbadinho não desterrasse a Letra *u* destas palavras; *guerra*, *guitar*, &c. sem reparar que nelas se ouve muito bem o *u*, pois se pronunciam muito diferentemente do que se o não tivessem; como se mostra da pronuncia destas vozes, *gente*, *gigante*, em que não entra o *u*; e por isto se deve conservar nas outras. Também vejo, que não sabeis, que a consoante entre duas vogais se une sempre com a vogal seguinte: porque se o soubeis, não diríeis, que *emrazaom*, *vieraom*, &c. se deve escrever o *m* entre as Letras *a*, e *o* assim, *ra-za-m-o*, *vi-s-ram-o*. Porque desta sorte faz um som despropozitadíssimo.

Em fim como de Orthografia vejo que não entendeis nada, nem tenho mais que vos aconselhar, senão que leais bem, e entendais a primeira carta do autor, e a compareis com o que dizem os autores Portuguezes, que ele cita; e vereis, que nas regras fundamentaes pela maior parte concordam: e a differença só está em que o Barbadinho da regra da pronuncia tira bem as consequencias; e as pratica; o que não fazem os outros.

Escandalizaivos também de dizer o Barbadinho, que depois de pon-

to nos periodos breves, e dependentes de outros se deve por letra piquena! Isto é porque nam sabeis, que o mesmo dizem os millores Ortografos, e praticam oje os millores Escritores. Lede o *Novo Método da Lingua Latina* em Francez ou Italiano, e achareis, que exprefamente o repete duas vezes. (1) O mesmo Celario, um dos maiores Ortografos dos notos tempos, o pratica na sua *Ortografia*, e tambem o P. Rogacci Jezuita na sua *Gramatica* vulgar: e na edisam de Cicero pelo famoso Verburgio impresa em Amsterdam pelos Wetstenios em 1724: nas idisões dos autores clasicos feitas em Padoa com a diresam do famoso Facciolati: nas millores edisões de Germania, &c. achamos o mesmo. E esta é outra casta de gente, que nam sois vós, que de Ortografia nem vulgar, nem latina nam sabeis nada.

Vamos às escolas de Gramatica Portugueza. Parecevos novo que o Critico as dezeje em Portugal? Mas nam advertiz que isto mesmo se está observando em outros reinos cultos, e nas universidades, e que é sumamente necessário. Os Gregos praticavam isto: e ainda temos em Platam alguns dialogos (2) em que expoem a Gramatica como necessaria para a Filosofia. Aristoteles no seu livro de *Interpretatione* nam nos deo mais que uma Gramatica. (3) Quintiliano dá o modo de regular a Gramatica nas escolas, e mais era lingua viva. Nam cito mais Gramaticos nem Gregos, nem Latinos, porque os podeis ler em Suidas, Ateneo, Suetonio, e outros.

Saie logo aqui a vosa erudisam Filologicã, e diz magistral de, *que os Romanos tinham especial razam, por ser a lingua Latina cheia de muitas regras, e excessões, farta de nomes, e verbos anomalos; miuda na conjugasam dos verbos, e na sílaba: e folhes preciso este meio para falarem certo, e cultamente.* Vede quantas asneiras aqui dizeis juntas! Todas as linguagens Latinas na Arte de Manuel Alveres tem outras correspondentes Portuguezas: logo a nosa lingua tem as mesmas linguagens, que a Latina. Que as regras da Sintaxe sejam as mesmas, e as anomalias; confessa o P. Argote na sua Gramatica. Que tenha mais ou menos, isto nam obsta para a necessidade das regras: Logo por esta mesma razam se deve introduzir a Gramatica Portugueza.

Pergunto mais, os Romanos, que nam estudavam por Gramatica, nam sabiam falar latim? quem tal crera! Temos exemplos bem modernos, comque isto se pode declarar. Monsieur Montaigne em França foi criado com Pessoas, que so lhe falavam latim; como ele confessa (4) e nam tinha ouvido nunca Francez. Na idade de 7. anos lia com todo o gosto as Metamorfoses de Ovidio: e falava com tanta pureza Latim, que quando o grande Marco Antonio Mureto oraculo da Latinidade lhe queria falar latin

(1) *Traité de l'orthographe*, chap. 13. p. m. 663. 668.

(2) Philo, e Cratylo.

(3) *Contra-se o cap. XX. da Poetica de Aristoteles.*

(4) *Montaigne Essais l. I. ch. 5.*

tim envergonhava-se, e nam podia competir com ele em coiza nenhuma. O Scipio diz o mesmo de si, e dos seus companheiros, que souberam latim praticamente com o exercicio. E o mesmo succede todos os dias nos paizes onde se fala latim. Onde nam sam as regras necessarias para o latim, mas para a elegancia: para evitar algum solecismo, barbarismo, &c. E isto tanto se verifica no latim, como no vulgar.

Que sorte de consequencia é esta vosa: *Em França, Italia á diversidade de falar nas provincias: Logo nam uzam la estudar Gramatica.* Meu Padre, nam uza o povo ignorante, mas uza agente culta. Eles tem Academias para os que querem falar bem, e muito particularmente em Italia: achase muita Gramatica para aprender: todos os cultos aprendem a falar e escrever bem, ou em casa, ou nas escolas; ou nas academias: todos os que querem pregar, especialmente os Jesuitas, estudam a sua lingua com cuidado; e por isto falam melhor que vós, que nunca tivestes tal exercicio. Estes sam fatos notorios.

Atrevei-vos a dizer, que o P. Argote nam compoz a sua arte para os Naturais; mas muito principalmente para os Estrangeiros. Pode aver cegueira semelhante! vós certamente nam puzestes os olhos, e por isto nam lestes o frontispicio, que diz assim: *Regras da lingua Portugueza, espelho da lingua Latina: ou disposiçam para facilitar o ensino da Latina pelas regras da Portugueza.* Parece-se isto com o que vós dizeis? Continuemos a ouvir o P. Argote na sua pretasam. *Para evitar estas demoras (do ensinar a lingua Latina) se tem propozido por alguns varoens sabios diversos arbitrios. Entre estes o que se tem achado ser mais util, facil, e seguro é ensinar aos rapazes primeiro a Gramatica da sua lingua vulgar, e depois ensinarlhes a Latina. Mostra-o razam, porque a maior parte das regras da Gramatica Portugueza, convem, e sam as mesmas da Gramatica Latina (notai bem Fr. Arsenio) e pelo que pertence as regras, em que differem, como sam poucas, facilmente virá no conhecimento delas Este pois é o intento desta arte, ensinar as regras da lingua Portugueza, para facilitar aos mininos a preensam e uzo da Gramatica Latina. É mais abaixo: Fora muito conveniente, que nas escolas ao mesmo tempo, que os Mestres ensinam os mininos a escrever e contar, lhes ensinarem esta Gramatica Portugueza.*

Isto diz o P. Argote, que vos pode ensinar de cadeia assim o Portuguez, como o Latim: e isto mesmo é o que diz o Critico. Do que se mostra, que vós sois um caluniador, que attribuis ao P. Argote o que ele nam disse, ocultando o que disse: e condemnais no Critico aquilo mesmo, que os Portuguezes de melhor doutrina estam praticando, e aconselhando por necessario. E acresceto de caminho, que a Gramatica, que o P. Argote acha difficultosa, e longa, é a do P. Manuel Alvarez. Conque, meu Fr. Arsenio, era melhor que fosseis pedir os merendeios, do que me-

vos a falar em materias, que nam entendeis, dando chascos, e deitando piques em coizas, emque devieis falar menos, que ninguém; porque vos devieis conhecer muito bem, assim como vos conhecem os outros.

REFLEXAM V.

Da Gramatica, e Latinidade.

Como de belas letras nam sabeis nada, uniz a Gramatica com a Latinidade, e de ambas falais, como se fosse uma só. Meu Fr. Arsenio, isto é um erro manifesto que podieis evitar se relletiseis com o Critico no que diz Quintiliano: *Aliud est Gramaticæ, aliud Latine loqui*. Os Gramaticos buscam somente a verdadeira regencia das partes da orasam: Os Latinos buscam a beleza do estylo: e estas duas couzas sam muito diferentes. Explico a propozisam de Quintiliano. Cicero comeca a sua bela orasam pro Marcello assim: *Diuturni silentii, P. C. quo eram his temporibus usus, non timore aliquo, sed partim dolore, partim verecundia finem hodiernus dies attulit*. O Gramatico porem se a quer explicar bem deve dizer assim: *P. C. dies hodiernus attulit nobis finem silentii diuturni, quo silentio eram usus his temporibus, non aliquo timore, sed partim dolore, partim verecundia*. Deve, digo, dizer assim, porque deve mostrar a verdadeira regencia das partes da orasam, e reduzir a syntaxe figurada à ordem natural para poder entendela bem. Onde o puro Gramatico so ensina a *construissam*; quero dizer a syntaxe das partes segundo as regras da Etimologia; e so cuida em nam cometer solecismos, e barbarismos, e deste modo entender bem os Autores Latinos. O Latino porem dá um passo mais adiante, e procura as virtudes da boa locusam, que sam a clareza, elegancia, ornato, colocasam, uniam, numero oratorio, copia, e variedade.

Se quereis uma prova bem clara, considereai, que os millores Gramaticos antigos, que sam Diomedes, Charisio, Nonio, Donato, Mauro, Caper, Prisciano, &c. e outros, que se acham em dois tomos de 4. da edisam de Putschio, todos sam pefinamente o Latim; e que o P. Manoel Alveres, que soube menos doque eles as regras do Latim, escreveo milhor o Latim nas poucas regras, que nos deixou, como confesa o seo maior antagonista Scioppio. (1) E eis aqui que nam é o mesino ser bom Gramatico, que bom Latino.

Porem vos com a vossa costumada coufiansa definistes ex cathedra, que a Gramatica serve para falar Latim bem: o que e falso. Lede este bo-cadinho de Cicero, que é bom autor na materia. *Solum, & quæ si fundamentum Oratoris vides, Locutionem emendatam, & Latinam: cujus penes quos laus adhuc fuit, non fuit rationis, aut scientia, sed quasi bona consue-*

(1) Na Prefasam da Gramatica Filosofica.

*fuertudinis..... Sed omnes tum fere, qui nec extra urbem hanc vixerant, nec
 eds aliqua barbaries domestica infuscaverat, recte loquebantur. Sed hanc rem
 deterior vetustas fecit, & Roma, & in Gracia. Confluxerunt enim & Athe-
 nias, & ad hanc urbem multitudine loquentes ex diversis locis. Quo magis
 expurgandus est sermo, & adhibenda tanquam obrussa ratio, qua mutari non
 potest; nec utendum pravissima consuetudinis regula. (1) E em outra parte:
 Omnis loquendi elegancia, quanquam expolitur scientia litterarum, tamen au-
 getur Legendis Oratoribus, ac Poetis. Sunt enim illi veteres, qui ornare non-
 dum potuerant ea, qua dicebant, omnes prope praeclare locuti: quorum ser-
 mone assuesfacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi latine. (2)
 E em outro lugar: Ut Latine loquamur, non solum videndum est, ut & ver-
 ba efferamus ea, qua nemo iure reprehendat: (esta é a pureza) & ea sic
 & casibus, & temporibus, & genere, & numero conservemus; (esta é a
 Grammatica) ut ne quid perturbatum, aut discrepans, aut praeposterum sit.
 (3) esta é parte da elegancia.*

Nestas poucas palavras vos desmente Cicero muitas vezes. Diz, que
 o falar bem Latim se aprende com o uzo, e lisam dos que melhor escre-
 veram. Diz, que reflectindo nisto unido com a boa razani é que se deve
 emendar a lingua. Distingue o falar Gramatico do falar Latino. Condena o
 que vós dizeis, que se nam pode saber Latim bem senam com a Grammatica
 como se a Grammatica de Manoel Alvares ensinase as virtudes de boa locufam!

Se fosse verdadeira a vossa proposiçam, que necessidade tinha o P. Tur-
 selino Jezuita, de publicar o famoso livro das *Particulas da orajam*, para
 ensinar a elegancia do Latim? Que necessidade tinha o P. Vavassienr Jezui-
 ta, de escrever o bellissimo livro de *Ludrica ditione*, e o outro singularissi-
 mo de *vi ac usu quorundam verborum tum simplicium, tum compositorum*?
 Deixando agora outros Jezuitas, e muitos mais que trataram, ou das ob-
 servaçoens sobre a elegancia, como o Ker, Godescalco, Schoro, Cardial
 Adriano, Scioppio, Gifanio, &c. ou da forsa, e idade das palavras, como
 os Borrichios, o Prasehio, o Cellario, o Vorstio, o Vossio, &c. ou da co-
 pia, e analogia, como Marie Corrado, &c.

Todos os tais Jezuitas tinham estudado pelo P. Manoel Alveres: e
 contudo acharam, que nam ensinava aquilo à que se chama *boa latinidade*.
 Ora sem duvida, que estes Jezuitas sabiam muito mais do que vós, que
 apostarei que nam sabeis explicar a verdadeira regencia Gramatical das mais
 faceis cartas de Cicero. O mesmo P. Pomey, que vós defendeis, vos con-
 dena no Indiculo Universal. Diz ele na prefacam: *Todos sabem, que para
 aprender uma lingua peregrina, nenhuma via se pode inculcar melhor, que a
 de falar e exercitar esta lingua. Desta sorte em breve tempo, e quasi com ne-*

C ii

nhum,

(1) Cicero, in Brut. fine.
 (2) Cicero, l. 3. de Oratore.

(3) Idem ibidem.

nham trabalho conseguirá qualquer o que se poderá alcançar com grande molestia se aprender por preceitos. Isto nos ensina a experiencia.

Quereis ver um exemplo, de que pode um omeim ser sufficiente bom Latino, e mau Grammatico: tendes o exemplo no P. Famiano Strada Jezuita no seu livro de *Bello Belgico*, no qual o famoso Gaspar Scioppio (1) descobriu muitos solecismos, e barbarismos, &c. e contudo confessa, que é um dos mais elegantes escriptores da Companhia. O mesmo Scioppio no dito livro, e no de *stilo Historico*, e principalmente *infragmento Rhetoricae* impresso em Milam, mostra tambem muitos solecismos, e barbarismos do famoso P. Maffei Jezuita, que escreveo a nossa historia da India: e contudo confessa, que Maffei é bom Latino.

O Scioppio nam era Jansenista, era um grande Fidalgo Tudeasco, e nam bom Catolico, que o Louvam os Papas, Cardiais, Imperadores, Reis, &c. (2) Ninguem ate aqui lhe respondeo, porque acharam, que, nam falando em uma, ou outra couza rarissima, tinha razao: a Companhia se queixou. E os mais famosos Jezuitas, como o Belarmino, o P. Jacobo Keller, o P. Paulo Bombini; o P. Manuel Thesauro, o P. Lourenso Forieri, os Jezuitas de Ingolstadt todos o louvaram, (3) ainda depois que condenou a arte de Manuel Alvares. Temos logo que esta Religiam doutissima, que zela mui bem a sua onra, achou ser verdadeiro o que diz o Scioppio. E com que cara nos dizeis entam vós, que sois ignorantissimo de belas Letras, *que com o Alvares tem muitos sido bons Latinos, e que sem ele é impossivel sairem bons Latinos.*

Certamente que se avemos de julgar pelas vossas obras Latinas, devemos confessar, que nam conduz nada para a boa Latinidade. As vossas postillas sam tam barbaras na Latinidade, que quando li nelas alguma couza, pareciam ouvir um preto bufal guaguejando em Latin. Nam tendes nem pureza de palavras, nem estilo Latino: e falais Portuguez com palavras meias Latinas, e meias barbaras. Nem me digais, que isto é permitido nas postillas. Esta resposta, que muitos tem prompta nasce de uma grande ignorancia. Lede os PP. Conimbricenses, e as Instituicoens do Fonseca, e algumas Lisoens de Jeronimo Osorio: Lede o Petavio, o Sirmondo, o Vavasseur Jezuitas: Lede o Melchior Cano, o Mureto nas suas variantes, o Nunes, o Sepulveda, e outros muitos: vede com quanta pureza, e elegancia tratavam estas materias didascalicas ou doutrinaes: e entam conhecereis a vossa ignorancia; pois tendo tam bons traslados à vista, nem procurais, nem sabeis imitalos. O que mais mostra a vossa insuficiencia é uma certa dedicatoria Latina (em que se pode mostrar toda a forsa da eloquencia, pureza, e beleza do estilo) que ainda conservo para rir nos dias de melancolia, toda

(1) No livro intitulado: *Infamia sua Poedia Aurelice.*

Famia: i Stradae *Amstelodami*, 1663.

(3) Veja-se o dito livro dos *Diplomas.*

(2) Vejam-se os ditos *Diplomas* na

toda cheia de barbarismos; e solecismos na frase; e composta em um estilo tam pueril, que parece de estudante do pateo. O que, se acazo dividaes, farei publico a todo o mundo, como fez o Scioppio com o strada, e Massi. E vós sois o que falais em Latinidade, e nós quereis mostrar os erros do Critico nos conselhos, que dá nesta materia? Certamente que não pode chegar a mais a fatuidade dos omens!

Mas vamos á Gramatica do P. Alveres. Não me cansarei em vos dizer, que os mesmos Jezuitas em Roma tem reformado a dita arte, e posto em maior clareza, e mais breve, porque a experiencia mostra, que é uma arte impertinentissima. Não me denotarei em mostrar, que os PP. das Escolas Pias, e Somascos, que ensinam a maior parte da Mocidade em Italia, seguem outra arte muito mais clara. Não vos trarei a memoria, que Elrei de Sardenha neste seculó reformando os estudos, tirou todas as escolas aos jezuitas, e lhes prohibio ensinar a mocidade; dando a incumbencia a outros, que praticam outro metodo Latino. Não vos contarei, que nas melhores Universidades, e escolas de Italia se ensina o *Novo Metodo da Lingua Latina, de Porto Real*: e que os particulares fazem o mesmo. Já em Olanda, Inglaterra, Franca, grande parte da Germania, e reinos Setentrionais é certo, que ou o Porto Real, ou o Vossio, ou outro semillante é que se estuda. Tudo isto podia eu dizer, e provar: mas nem vós me entenderéis, porque vos faltam as noticias estrangeiras, nem eu agora me quero cansar em vos explicar estas coizas. Vamos a folha 192 e responderei aos voos tres pontos.

Para o Critico, dizeis, *provar alguma coiza ao ponto, devia medir uma detrez coizas contra a Arte*: 1. erros nas regras: 2. falta das precisas: 3. superfluidade. Tudo isto mostrou o Critico na sua carta, indicando alguns erros, e autores, e dando a ideia da Gramatica. Dizer mais seria compor uma Gramatica, e seria uma grande impropriedade no tal lugar. Pertencia a vós, meu Fr. Arsenio, ler os livros que ele cita, e ver se diz bem, ou mal. Mas como vós as vezes com os fumos que vos sobem á cabeça não podeis ver o que dizem os autores, repetirei aqui o mesmo que en breve insinua o Critico.

O Alveres na sua Gramatica dá de Syntaxe 247. regras. O Scioppio mostra na sua *Gramatica Filosofica* que não á mais que 15. regras de Syntaxe regular sem exceção nenhuma. Por esta conta ficam superfluas 232. e fica respondido á vossa terceira proposição. Vamos ao *Novo Metodo de Porto Real*: este dilatando algumas regras do Scioppio, ou para melhor dizer dividindo-as, o mais que dá são 36. regras de toda a Syntaxe: e por esta conta quando menos ficam superfluas 211. E como por estes livros estuda a maior parte da Europa culta, e que sabe o que é necessario para entender os bons autores; segue-se que a maior parte dos sabios reconhecem que á grandes superfluidade na arte de Manuel Alveres.

Vamos à segunda: *Que faltam no Alveres as principais regras de Syntaxe*: isto mostra com evidencia o famoso Espanhol Francisco Sanches na sua *Minerva*, (1) e depois dele o Scioppio, Vossio, Laurenti, Porto, Real, &c.

Quatro são as partes da Gramatica: Etimologia, Syntaxe, Orthografia, e Prozodia: e nas principais occorrem erros no Alveres. Na Etimologia, que explica as vozes, separa o Alveres as coizas, que pertencem aos nomes, e as poem em diferentes lugares, e nam explica tudo o necessário. Primeiro devia explicar os accidentes do Nome, logo os Generos, e depois as Declinaçoens todas. Depois disto devia explicar o Pronome, Verbo, &c. com as explicaçoens neccsarias. Esta é a ordem natural. Os Generos reduzem-se a poucas regras, como também os Preteritos, como diz o Critico. Onde nisto mesmo se mostra também a superfluidade do Alveres.

Na Syntaxe mostram, que o Alveres ignorou quais eram as verdadeiras causas da lingua Latina; e aquêlas particulas occultas pela figura *Elipsti*, as quais regem as partes da orasam, que por engano se ficam attribuindo a outras partes. Estas regras eram precisas, como mostra admiravelmente o dito Sanches, (2) e Scioppio. (3) Por onde se ve, que o Alveres saltou ao principal. Quando Terencio diz: *Paucis te volo. Ego ne illum? quæ illum? quæ me? quæ non?* ou *Noctuas Athenas. Triste lupus stabulis*, &c. estas, e outras semelhantes frases nam se entendem, sem saber as particulas, e figuras que digo. Demais, todas as particulas que faltam, ou sobram, ou estam mudadas de lugar; como também o reduzir a syntaxe figurada à syntaxe natural para se entender; tudo isto falta no Alveres.

Da Orthografia nam diz nada o Alveres na sua arte: e com effeito os Jezuitas Italianos unem a esta a Orthografia do Manucio para poderem aprender: e esta é uma parte essencialissima da Gramatica. Na Prozodia, ou quantidade das syllabas nam se explica mal, mas podia explicar-se melhor. E temos respondido à segunda proposiçam. Direis com a vossa celebre Logica, que devia eu provar isto melhor. Nam tenho necessidade, quando cito os Livros, que são bem vulgares. Comprai-os, estudai-os, e entam falaremos.

Daqui saie a resposta à primeira proposiçam. Todas as regras que nam explicam a verdadeira cauza da Lingua Latina; digo, a verdadeira regencia, são faltas. Onde entre outras notai estas proposiçoens, que são opostas às de Manuel Alvares.

O Adjectivo nam concorda com o sustantivo proprio, mas com o comum. O Relativo concorda com o subsequente em genero, numero, e cazo, que é o mesmo antecedente repetido. Nam á mais que duas concordanças.

(1) Imprimio-se com os Comentários de Scioppio, e Perizonio varias vezes: uma das melhores edisões é a de Amsterdã apud Jansenio-Waesburgios 1732.

(2) Lib. 4. *Minerva*.

(3) Gramat. Philos. desde a pag. 120. até 160. da edisam Veneziana de 1728.

dancias. O Genitivo nam é regido de nenhuma parte mais, que de um sustantivo claro, ou occulto. O Dativo nam é regido de nenhuma parte; mas pode unirse ao Adjectivo, e a todo o Verbo. O Acuzativo nam é regido de nenhuma parte mais, que do verbo finito, ou infinito, ou particípio de significação activa, ou de certas proposições. O Vocativo nam é regido por outra parte, mas mostra somente a quem se dirige o discurso. O Ablativo nam é regido por nenhuma outra parte. Senão pela proposição. Deixo outras que podia trazer.

Estas proposições, a que reduz toda a syntaxe de regencia, (porque a de concordancia são poucas palavras) são verdadeiras, e os autores as provam evidentemente. Daqui segue-se, que todas as tuas contraditorias, ou contrarias, que são muitas regras que dá o Alveres, são falsas. E eis aqui fica respondido à primeira proposição.

Isto diz mais claramente o Scioppio, (1) e expõe *septem rationes, quæ conscientis Episcoporum religionem, sive scrupulum injicere debent, ne veterem Grammaticam (Alvari) diutius in Scholis tolerare, sed novam in eas introducere velint.* E a primeira razão que dá é esta: *Vetus Grammatica plena est fraudibus, & mendaciis. Turpe vero est, permitti ut pueris tantus mendaciorum numerus à Magistris, præcipueque Clericis instilletur.* E prova isto com muitas razões.

Isto é tão claro, que o mesmo famoso Laurenti, que por ordem de Clemente XI. compoz uma Grammatica Italiana para uzo de seu Sobrinho o Principe Albani, seguiu o mesmo, que aqui aponto, e tem ao principio um Breve de Innocencio XIII. que o Louva. Contendo Clemente XI. foi um dos millores Latinos, e Gregos do seu tempo, e tinha estudado por Manuel Alveres. Se vos não capacitais destas razões, lede os taes livros: pois é puerilidade estar eu explicando estas coizas a um ome, a quem faltam os primeiros principios para as entender. Conhecei a vossa ignorancia, estudaí, e entam falareis com gente: pois disto sabeis tanto, como dos outros estudos Estrangeiros.

Do mais não digo nada, porque vejo que não entendeis a materia: só falarei no Grego, e Ebraico. Vós condenais estes estudos por inveja, como fazem todos os que não sabem as materias. Se vós soubestes que o Concilio geral Vienense no anno 1311. ordenou que nas quatro principais Universidades da Europa se abrissem escolas de linguas Orientais para poderem propagar a Fé no Oriente; conhecerieis que não deixa de ser temeridade condenar o fim que teve um tal Concilio. Pois este mesmo fim existe hoje a respeito dos Ereges; aos quais não poderemos convencer sem saber estas linguas, em que eles se fundam.

Demais, vós ainda não apparestes com bula alguma, que tire a autoridade aos textos sagrados originaes Grego, e Ebraico; nem aos Livros dos

SS.

SS. PP. e assim argumentando eu com vósco sobre a intelligencia v. 9. das profecias de Daniel, pois dizervos que nam quero ouvir a versam, mas o texto. Que direis vós neste caso? direis *que sou pouco seguro na fé?* sim senhor, com a mesma razam; com que o dizeis do Barbadinho. Quem sabe Teologia Dogmatica nam diz isto: mas vós que nunca saistes de duas postilas de Escolastica, a tudo o que nam entendeis chamais crezia. Lede o noso Portuguez Diogo de Paiva na *Deferza do Concilio de Trento* l. 2. que mostra exprelamente, que a aprovasam da Vulgata nam tirou a autoridade aos textos: e confessa que á muitas faltas na Vulgata.

Quero vos convencer nam com a minha autoridade, mas com a daquela ciclarecida Religiam, que vós com tanta razam louvais, e deveis louvar todos os omens pios; a Companhia, digo, de Jesus, a qual diz, e faz o contrario. O P. Peravio, Sirinondo, Vavaffeur, e mil outros, que podia nomear, por isto fizeram tam grande figura no mundo literario, e declararam bem os dogmas, porque sabiam estas linguas: e nos milhores Colegios de Europa sim le-pratica. O mesmo Fonseca, e Cipriano Suares as sabiam bem. E que omens nam sim estes para fazerem autoridade! Os seis famosos Jezuitas que compozeram o livro intitulado: *Ratio atque institutio studiorum Societatis Jesu*: ano 1586: querem que os Teologos sabiam Hebraico; e sentem muito que na sua Companhia o estudo da Escriptura se deixe por cauza da Escolastica, chamando aos tais, *mutilos ou mancos Theologos*. Nam quero citar mais exemplos, porque estes devem bastar para vós.

Todos, os dias se está vendo a necessidade destas linguas principalmente em Teologos. No ano 1732. me contaram os Religiozos da Companhia, que neste seculo vindo uma nao das Ilhas com dois Jezuitas Portuguezes, arribou a Gibraltar: onde os Ingлезes receberam os tais Jezuitas com grande cortezia, e afabilidade. Certo predicante Inglez os levou a sua casa e conversando com eles em diferentes materias, incidentemente se tocou um ponto Teologico. O Ereje citou um Santo P. Grego: os Jezuitas explicaram o texto da sua cabesa, como costumam os Escolasticos. Onde o Ereje produzio o dito Santo em Grego, para mostrar aos Jezuitas o seu engano. Escuzaram-se estes com dizer, que nam sabiam Grego. Eis aqui o Ereje exclamou: *Miror; Jezuitæ cum sitis, ignoretis linguam Græcæ*. E me disseram os mesmos Jezuitas, que referiam o caso, que o dito Ereje dizia bem; porque a lingua Græga era muito necessaria em tudo: e em outras partes os Jezuitas a sabiam com fundamento.

No ano 1727. na misam, em que era Superior o P. Vasconcelos, foram para o Malavar quatro Jezuitas Alemaens, e no de 1729. foram mais dois Alemaens. Conheci aqui em Lisboa um destes, que era o P. Jozé Haussegger da Provincia do Austria, Religiozo de muitas prendas. Perguntando-lhe com confiança de amigo a cauza, porque os PP. Alemaens nam todos para o Malavar, e nam para outras milhoens da China, Cochinchina, &c.

respon-

respondeo-me, que o P. Geral com carta circular mandada ás *Provincias de Alemanha*, convidava aos Teologos, que tinham acabado a Teologia, para o Malavar; para poderem opor-se aos Erejes Dinamarquezes, que começavam a fazer grande dano no Malavar.

O cazo foi, que os tais Dinamarquezes, que posuem na costa do Malavar o porto de Trankbar, comesaram a catequizar os Indios Malavares, para os afeiçoar ao dominio de Dinamarca. Pela vizinhança do dito porto com as missoes do Maduré, os catequistas Erejes tiveram ocaziam de disputar com os catequistas Catolicos, (catequistas são os Indios mais cultos, e bem doutrinados pelos Missionarios, os quaes explicam aos outros a doutrina de seus Mestres) os catequistas apelaram para os seus Mestres: e os Erejes, aproveitando-se da conjuntura, dezafiaram os Missionarios Jezuitas Portuguezes. Vieram à disputa. Os Erejes citaram logo a Escriitura, e Tradisam; mas a Escriitura em Grego, e Ebraico; os PP. nas linguas em que escreveram, Grega, e Ebraica, Siriaca, &c. Aqui foi ela. Os Portuguezes, que nam estavam costumados àquele modo de argumentar, ficaram pasmados. A Teologia Escolastica, as formalidades Aristotelicas nam tinham forsa contra uns omens, que nam argumentavam com palavrinhas, mas com textos; e com a Istoria. Finalmente por nosos grandes pecados ficaram tam envergonhados e confuzos, que o Vice-Provincial do Malavar escrevendo, como é obrigado todos os anos, ao P. Geral, lhe deo conta do que succedia. E este zelante Prelado acodio com os PP. Alemaens, que pela vizinhança dos Erejes estudam as Linguas Orientais, e mais Polemica, que Escolastica. E eis aqui tendes, meu Fr. Arsenio, que nam só nos reinos Estrangeiros, mas aqui mesmo em Portugal; e o que mais é de admirar, na mesma India é mil vezes necessario o estudo das Linguas Orientais, e da Teologia Dogmatica; e que a Escolastica nam vale nada.

Isto mesmo se conhece examinando bem as materias. Muitas vezes depende da intelligencia de uma palavra, uma inteira questam gravissima. Porei algum exemplo: A interpretaçam da palavra *Siloh* mostra, se o vaticinio de Jacob pertence ao Messias. Da palavra *Alma* depende a questam, se a Virgem pario sem concurso de omem. Da palavra *Emmanuel*, se em Cristo á uma só pessoa. Frequentemente na lingua Ebraica um *ponto*, ou *suffixo*, ou *letra servil* tira muitas duvidas: v. g. se o primeiro omem foi sepultado em *Hebron*: se o Diabo tomou verdadeiro corpo de serpente: se os pés, e as maos do Messias se deviam pasar com os carvos. Outras vezes com um artigo dos Gregos confutamos os sofismas dos Erejes, quando se examina a Divindade do Verbo, ou a subsistencia do Espirito Santo. Impossivel é que impugnemos bem as erezias antigas, sem saber que coiza é *Omooioun*, *Hypostasis*, *Theotokos*, &c. Nem menos sem a intelligencia do Grego saberemos o que significam os nomes dos livros sagrados, *Genesis*, *Exodus*, *Deuteronomium*, *Paralipomenon*, *Evangelium*, *Apocalypsis*. Desfor-

te que para qualquer parte que nos voltemos na Teologia, vemos a necessidade da Lingua Ebraica, e Grega. Sem falar por agora em mil outras controversias, que sem a intelligencia dos textos Originaes nam se alcançam, como conhecem os que abriam livros Dogmaticos. Mas como vós nam entendeis estas materias, nam é muito que condeneis aquillo mesmo, que os omens mais doutos, especialmente os Jezuitas exaltam.

REFLEXAM VI.

Da Reterica.

A Qui começais com a vossa costumada moderasam, e com doutrinas bem escuzadas. Mas logo concedeis, *que á muitos, ainda entre os Prêgadores, que pouco uzam desta arte de falar, e observam mal os preceitos dela: mas que vos nam empurre todo o panal.* E o omem nam está de acordo, senam de empurrar todo o panal, ateque vós deis a diversa razam.

Para provar alguma coiza deveis provar, que avia muitos, que observavam todos os preceitos da Reterica; e responder aos argumentos, que o Critico tira das obras dos ditos Prêgadores mais celebres; e mostrar que aquella dispozisam é a milhor da Reterica. O Critico diz que ele nam nega, que algum particularmente estuda bem, e que destes conhece alguns. (1) Mas diz que o comum do Reino prega muito mal. Pertencia a vós mostrar a contraditoria, *que o metodo comum é optimo.* Isto nam fizestes vós: onde fica em pé a difficuldade: e todos os que entendem a materia ficam-se rindo de vós.

E *que culpa tem disto a Reterica de Pomey?* muita; porque ella é a Reterica por onde estudam os que sabem mais. E *porque nam aponta os erros, que achou no Pomey?* Porque crevia a um omem donto que os sabia, e é coiza publica ainda entre os mesmos PP. da Companhia: e o Critico nam tomou por asinto criticar os Autores, mas apontar o metodo. O P. Menestrier Jezuita doutissimo diz muito mal de Pomey. Mas o que é mais de admirar está nisto: que tendo os Jornalistas da Haya (2) criticado os Jezuitas das *Memorias de Trevoux*, dizendo que tinham perdido o bom gosto da eloquencia lendo o P. Pomey; os tais Jezuitas se defendem dizendo, que nem o Leram, nem o ensinaram aos estudantes, e que julgam dele o mesmo que o Journalista (3) deste modo: *Se o Journalista da Haya quer saber o que julga da eloquencia a Sociedade de Trevoux, leia a Reterica do P. Cygne, ditada por dois celebres Professores da Universidade de Paris; as suas Analizes de Cicero; Balbini Quæstia Oratoria, Alberti de Albertis Actio in Eloquentia corruptores, P. Rapin Reflexoens sobre a Eloquencia; P. Gishert* Boni

(1) Tom. I. pag. 104.

(3) Journal de Trevoux. Dezembro

(2) Mex de Mayo, e Junho 1713. — bro 1713. pag. 2096.

Bom gesto da Eloquencia, P. de Poix Arte de pregar. Informa-se em Collegios, os Polignais, os Nicolais, os Lamignonns, os Benoists, os Chauvelins, os Danton, ontens eloquentissimos: em que Collegio tantos Advogados famosos, tantos Pregadores celebres, estudaram Rhetorica, e sentirá ter feito uma satira, que ja a voz publica tem consultado.

Aqui tendes, Fr. Arsenio, que os Jezuitas mais doutos nam so aprovam o que diz o Critico, mas se queixam de que lhe digam, que lem pelo P. Pomey, e condenam tacitamente o Jouveney, de ter feito uma nova edilam ainda que aumentada, e emendada. (1) E se quereis saber que feitos, tem, lede o famoso critico Morhof, (2) que vos dirá que fomenta explica bem as figuras, e amplificaam; mas que nas regras que dam os outros, em lugar de as explicar bem; embrulha, e confunde tudo; e o que diz, de sua caza sobre achar as provas na amplificaam, e coizas semelhantes, sam ridicularias; e que ensina a falar sem saber o que se diz, como Raimundo Lulo. E aqui vereis a verdade, e moderaam com que falou de le o Critico, dizendo somente, *que nam tinha metodo, e era obscuro.*

Definiz magistralmente, *que vale pouco o que diz o Critico satirizando os Pregadores.* E como se isto fosse definiam de Concilio, julgais que é superfluo provalo. E ficam em pé todas as dificuldades que promoveo o Critico contra o metodo comum, e esperam ainda a resposta. Dizeis mais, *que á dois modos de pregar: um puramente Oratorio sem uso de conceitos, e só apontando os textos da Biblia no sentido literal, como fez o Segneri, e o P. Bourdaloue, outro usando de conceitos tirados do sentido allegorico, que é o de que mais se agradam os Portuguezes, e Espanhoes.* Só esta propoziam bastava para mostrar aos inteligentes, que nam sabieis que coiza é Rhetorica.

Meu Fr. Arsenio, nam á mais que um modo de pregar, o qual explica Cicero por estas palavras, *docere, delectare, movere.* (1) Isto é o que ensinaram os Gregos, os Romanos, e os mesmos SS. PP. A Rhetorica é uma só; as regras sam as mesmas em toda a ocaziam; a materia é que pode ser diferente. E quem nam pratica estas regras, nam pode ensinar, agradecer, e mover; e por consêquencia nam sabe pregar.

Assim como nenhuma Nasam pode mudar a natureza, e paixoes dos ontens, assim nenhuma pode inventar regras diferentes para excitar estas paixoes. Por forsa devemos praticar aquilo, que a experiencia mostrou ter o unico meio de o coneguir, que sam as regras, que nos deixaram os antigos. Quem saie delas, logo dá em seco, e a experiencia o confirma; porque ninguem fica persuadido, quando nam ouve pregar bem. Por isto agrada

D ii

(1) Em 1712.

(2) *Oratoris est docere, delectare, movere. Primum est necessitatis, alte-*

(3) *Polyhist. tom. 1. liv. 6. c. 2. rum suavitatis, tertium victoria. Cicero in Oratore.*

da tanto a todos os que sabem Retorica o Segneri, e Bourdaloue, porque observáram estes preceitos.

Perguntárvos eu, paraque fim publicastes esta Apologia? Direis, que para persuadir ao mundo literario, que sois um grande omem, e que o Critico é um grande ignorante. E porque nam conseguistes este fim? a razam é porque nam buscastes argumentos verdadeiros para o persuadir, nem soubestes dar verosimilidade a isto mesmo que escreveltes. E eis aqui tendes, que o fim de quem fala, ou escreve é o persuadir: e quem nam busca os meios de o conseguir, nani é Retorico, mas falador. O mesmo succede nos sermoens: se acazo o Pregador nam diz coizas verdadeiras, claras, e com tal artificio, que as meta pelos olhos, e ouvidos, ninguem saie de la persuadido: nam os ignorantes, porque o nam intendéram: nani os doutos, porque conhecéram os seus defeitos.

Se vós tiveseis estudado a materia, e lido os milhores autores, acharieis que esta é a pura verdade; e que nam á mais regras para prégár, do que para orar em qualquer outra materia; e acharieis que nenhum Retorico nem profano, nem sagrado ensinou nunca tal modo de prégár por-conceitos.

Agostinho Valerio, aquele grande Cardial, e Bispo de Verona, que floreceo nos tempos do Concilio de Trento, sendo rogado por seu amigo S. Carlos Borromei, para que compozese uma *Retorica Ecclesiastica*, foi o primeiro (nam falo em Erasmo) que escreveu semilhante Retorica. Mas que faz ele nesta Retorica? No primeiro livro mostra a necessidade da eloquencia para o pulpito: dizendo que deve ser clara, agradável, coronada. Mostra os defeitos que á neste particular, e ensina a evitalos, e a dilatar os argumentos com os principios de Aristoteles: indicando as fontes donde se devem tirar os argumentos, que sam a Escritura, a Tradisam, os Concilios, os PP. e todos os milhores escritores Ecclesiasticos. No segundo livro trata das paixoens segundo a doutrina de Aristoteles, Cicero, e S. Agostinho, que é a mesma. No terceiro trata da locusam, provando a sua necessidade, e aconselhando buscar um Mestre, com quem se aprenda fundamentalmente, ler as orasoens mais eloquentes; e finalmente expoe mlhe tudo o que neste particular disseram Aristoteles, Cicero, Quintiliano, Cornificio; acomodando tudo á gravidade de um ministro Evangelico. Isto disse aquele grande Retorico: isto agradou a S. Carlos, que nam era omem de louvar senam coizas utilissimas: e isto praticáram todos os que se seguiram despois. E isto mesmo á propor sam diz o Critico. Onde achais aqui o defeito?

O grande Luiz de Granada Dominicano Espanhol na sua *Retorica Ecclesiastica*, segue os mesmos principios de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, acomodados ao argumento sagrado. Escreve com mais difuzam que Valerio, mas escreve com os mesmos principios. E notai que o P. Rápin Je-

Jezuita (1) propoem Granada aos seus leitores, como o melhor exemplar dos oradores sagrados.

Fr. Lourenço de Villavicencio Agostiniano Espanhol, no seu livro de *Formandis sacris concionibus* nam se afasta destes principios. Os nolos Observantes dizem o mesmo. Fr. Francisco Panigarola Bispo de Asti Italiano, no seu livro intitulado: *O Pregador, ou Demetrio Palereo de Elocutione*, &c. ou *a Eloquencia Profana Grega acomodada à Eloquencia sagrada*: mostra que nam á outro modo de pregar. E o mesmo confirma outro Observante igualmente celebrado, que é Fr. Diogo Stella Espanhol no seu tratado de *Modo concionandi*. Este autor explica as coizas com mais individualidade pelo que respeita aos argumentos, notando os muitos defeitos dos Pregadores do seu tempo: e diz expressamente o que escreve o Critico da divizão do sermão. (2) E notai, que Kekerman autor Breje na sua *Retorica Ecclesiastica*, louva o stella como um dos melhores Retoricos. Todos estes foram do seculo XVI. em que a Eloquencia florescia.

Pasemos ao seculo XVII. O P. Gody Benedictino, um dos omens mais doutos, e pios do seu seculo, no livro *Via ad eloquentiam Christianam* confessa (3) que nam á outras regras para pregar senam as de Aristoteles, Cicero, Quintiliano: e assim o pratica na sua Retorica: e nam faz mais, que em lugar de exemplos profanos dar sagrados tirados da Escriitura, e Padres.

E que diram nesta materia os melhores Doutores da Companhia de Jezus? o mesmo que os outros; nem podiam dizer outra coiza. O P. Caussin Jezuita na sua Retorica consagrando trez livros à *Eloquencia Ecclesiastica*, diz claramente (4) que o Pregador deve *desse a mocidade saber todas as ciencias humanas: que deve saber bem a Historia, os costumes, e usos do paiz: a Teologia, a Escriitura, os Concilios, a Moral, e Historia Ecclesiastica*. Enfinalhe os preceitos Retoricos dos estilos, &c. (5) e provalhe tudo com exemplos de S. Joam Crizostomo, que é um grande Retorico. O mesmo diz no que pertence aos preceitos o P. Braz Gisbert Jezuita na sua *Eloquencia Cristian*: (6) e o P. de Foix tambem Jezuita: e nam dam outros ditames, senam os dos Gregos, e Romanos.

Os outros melhores autores da Companhia, e que tem nome entre os mais doutos, v. g. o P. Pelletier, Soares, Arriaga, Cresol, Massenio, du Cygne, Rapin, Bouhours, que escrevem Retoricas, ou Reflexoens sobre a Eloquencia, nam falam de coizas separadas: mas propoem uma sorte de regras, e dizem que servem para tudo. Deixo de parte os seculares, que escreveram *Retoricas Ecclesiasticas*, como Monsieur des Bords, de Bre-

(1) *Reflexoens sobre a Eloquencia*, pag. 70. em 4. Franc.

(2) No cap. 23. e 37. e 38.

(3) *Prefasam* pag. 7.

(4) L. XV. p. m. 951.

(5) L. XVI.

(6) Em Francez impresa em Leam.

teville, du Jarry, e outros, que podia citar: os queis todos convem neste ponto, que a materia é a que diverifica o Orador Sagrado do Profano, mas nam as regras.

Temos aqui, Fr. Arsenio, os maiores omens das Religioens Benedictina, Dominicana, Franciscana, Augustiniana, Jezuitica, e do Clero secular, que diferam o mesmo dos Pregadores, e Oradores, desde que se rellableceo a Eloquencia. Nem todos sam Francezes, mas Espanhoes, Italianos, Tudeseos, Portuguezes. E queredes vós agora, que a vosa opiniam valha mais que a dos oraculos nesta materia, venerados por todos os que sabem, que coiza é Rétorica; é mostrar que sois louco. Mostraime um unico Retorico, (nam digo eu algum preocupado, que ese nam prova nada) que tenha aceitalam entre os doutos, e que diga, que á dois modos de prégar, um oratorio, outro por conceitos, que eu me quero desdizer de tudo quanto disse.

Nem me citeis unia ou outra expozisam de S. Agostinho no sentido allegorico. Isto nam prova nada para o caso: Nem o Critico ate aqui negou, que o sentido allegorico possa ter seu uzo; mas lo condena o abuzo. Se vós tiveis sido os livros de S. Agostinho, que o Critico cita, (como era obrigalam vosa, ja que querieis criticar) verieis que diz o mesmo, que diz o Barbadinho.

Nos quatro livros de *Doctrina Christiana* instrue este Santo Doutor os Prégadores. Mas especialmente no quarto lhe encomenda que estudem a Rétorica: (1) e lhes dá os mesmos tres, perceitos de Cicero, eizendo, que se devem explicar em modo tal, *ut audiantur intelligenter, libenter, obedienter*. (2) Ensinahie o modo de o conségvir, e os estílos. Finalmente conclue, que nam obstante a diversidade da materia Sagrada, e Profana, a Rétorica nam dá diferentes regras; para unia, doque para outra: e diz, que nam deve o Pregador desprezar nada do que os Mestres da eloquencia ensinam, porque tudo é util.

Lede, Fr. Arsenio, este S. Doutor, que foi o primeiro e unico, que tratou esta materia entre os PP. (3) e vereis que em cada folha deffmente a vosa opiniam, e a dos vossos sequazes: e que vos diz claramente, que nem sabeis prégar, nem pódeis entender o que o Critico diz dos sermoens, porque yos faltam os principios. Assim que neste particular tudo o que dizeis é para móstrar a vosa incapacidade: porque asentando naquelle principio de todos os Retoricos, que se deve prégar como diz S. Agostinho, légue-se que os que o nam executam, nam prégam, mas falam, e muito mal. Pelo que se quereis provar alguma coiza, deveis provar primeiro, que o que diz o Critico dos Prégadores Portuguezes é fallô: segundo, que o que diz S. Agostinho, e todos os Retoricos Ecclesiasticos nam

(1) L. IV. n. 3.

(2) Ibid. n. 38.

(3) Agostinho Valerio na Prefasam da sua Rétorica Ecclesiastica.

nam vale nada: terceiro, que o modo de pregar de Espanha, e Portugal é o unico, e verdadeiro para persuadir. Em quanto nam provaes isto nam provaes nada: e só provaes que vos metestes a falar no que nam entendieis.

E agora entendereis a razão, porque o Critico nam condena o P. Suares: porque ele nam escrevia para condenar a Náam, mas para lhe n. o. l. trar os defeitos dos Autores, e ensina a evitalos. E como o Suares é um dos melhores autores da Companhia, que escreveu um belo compendio de Retorica tirado de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, e mui bem escrito em Latini; por isto o nam condenou. Condena sim aqueles, que nam fazem o caso de tam bom compendio, (como vós que nunca o lestes) se servem do Pomey, e outros semelhantes embrulhadores.

Verdade é que este mesmo Soares tem algum defeito: porque no primeiro livro confunde a abundancia do Orador com a amplificação. Nam aponta nem o tempo, nem o lugar da amplificação. Nam distingue bem as paixões. Diz muito pouco dos costumes Oratórios. Querendo dar regras para a memoria, contra a experiencia. Mas estes defeitos pode um Mestre facilmente advertir e supir, e o compendio tirando isto é ottimo.

O que dizeis no penultimo paragrafo merece compaixão. 1. Confundiz o sentido da Escriitura com o mau uzo, que dele fazem os Pregadores, como se este dependesse daquelle. 2. Confundiz as exposições dos SS. PP. com os sermoens. 3. Quereis provar isto com S. Jeronimo, sendo um dos PP. que falou, e orou melhor: e para isto citaes algumas palavras, e nam olhais para as outras obras suas. Citaes S. Gregorio Magno, sem saber que em materia de eloquencia foi dos que soube menos: e com tanto alegorizar se afastou das regras dos outros PP. e de S. Agostinho: ele mesmo confessa, que cometia muitos erros contra a Retorica, e Gramatica. (1) E quem faz isto nam é bom autor de Retorica. Mas vós que nam sabeis nada da Historia Literaria, e nunca abristes os melhores livros, entendeis que todo o mato é ouregam. Outro officio, meu Fr. Arsenio, que o criticar nam é para vós.

Daqui saie a resposta para o que diz o Critico do P. Vieira. Ele louva no Vieira (2) a capacidade, a piedade, a doutrina, a intelligencia das coizas politicas. Isto chama-se Louvar, e nam satirizar. Acrescenta porrem, que se se applicase a outro estilo, e florescesse em outro seculo seria o maior omem do mundo. Em tudo isto o Barbadinho fala com grande

(1) *Unde & ipsam artem loquendi motusque prepositionum casusque servare contemno: quia indignum vehementer existimo, ut verba coelestis oraculi restringam sub regulis Donati.* Gregor. Pap. in Vedic. Moral.

(2) Tom. I. pag. 174

moderavam, e respeito. Diz mais, que o Vieira seguindo o metodo moderno dos Espanhoes se afastou do verdadeiro modo de prégár. E tambem nisto diz a verdade.

O Vieira era um grande omem, e se florescia oje abisinaria o mundo. Soube prégár, e conheceo a verdade, mas nam quiz prégár, porque achou Portugal preocupado com os estílos Espanhoes, e foilhe necessário conformar-se com eles: e porque mudou alguma coiza no estílo de prégár teve suas perseguiçoens. Agradou em Roma a alguns, que seguiam as mesmas opinioens dos Espanhoes: porque naquele tempo a Italia tinha algumas preocupações nesta materia. Mas se quereis saber, em que conceito está oje, que o mundo tem aberto os olhos, mandai-o perguntar a Florença, ou Roma aos millores Pregadores: La ouvi eu o mesmo, que o Barbadinho conta de si. Mas vós fazeis muito mal de falar das Naçoens estrangeiras, onde nunca estívestes: e de citar o Segneri, e outros, que vós nam lestes, nem podíeis entender; porque vos saltam os principios, a lingua, e a doutrina.

Finalmente dizeis, que o Barbadinho afirma, que a *Istoria do Futuro é o Clavis Prophetarum*. O Critico nam diz tal: diz sim, que na *Istoria do Futuro dá o Vieira uma ideia do Clavis Prophetarum*. (1) E isto aprendeo ele no mesmo Vieira, que o diz claramente na dita Istoria, afirmando ser um Prologomeno da tal obra. Mas vós com tanto que injurieis o Barbadinho, nam importa que escrevais calumnias. Como se configa enganar o povo ignorante, com dizer que dezagrávais a Nação, pouco importa que fique dezacreditada a nossa Religiam, com as infinitas falsidades, que nesta chamada Apologia escrevestes.

A concluzão é, que vós nam respondestes ao Critico; so nos injuriaídes a nós, e a vós. Lede bem, se o podeis fazer, o Barbadinho: (2) estíndai bem os autores, que cita; e entam consultareis os sermonarios modernos, e direis o que vos parecem. E lede tambem o *Scrutinium doctrinarum*: é entam vereis se o que disse o Critico dos qualificadores é verdade.

REFLEXAM VII.

Da Poesia.

NA Poetica temos as mesmas incoerencias da Retorica. Em lugar de provar o que devleis, demoraivos com certas palavrinhas; e attribuz ao autor o que nam disse. Meu Fr. Arsenio, lembrado estareis, que sempre na Filozofia vos adverti, que o principal ponto de quem argumenta deve ser provar a contraditoria do que lhe negam: e vos adverti muitas vezes,

(1) Tom. I. pag. 169.

(2) Tom. I. pag. 172.

ves, que fazieis o contrario. Cuidava que vos tiveseis emendado; mas vejo que cada ves estais pior: porque nenhuma destas Reflexoens tocais o ponto.

O Critico diz, que Camoens teve grande engenho, e secunda imaginassim, e poderia com estudo desempenhar o argumento da Epopeia, e que naquella tempo é maravilha que escrevesse tambem. (1.) Diz mais, que o Camoens, tirando os defeitos que aponta é um dos melhores Poetas Portuguezes. (2.) Vós respondeis que o Critico diz que Camoens nam vale nada: e que quer tirarlhe a estimassim do melhor Poeta Portuguez. (3.) Primeira calunnia.

O Critico diz que o Camoens entre muitas boas qualidades teve muitos defeitos: (4.) e os refere tanto no Epico, como na Versificassim: e esta critica é prudente. Vós a nada d'isto respondeis. O Critico diz, (5.) que Camoens nos Sonetos diz algumas coizas mal. Vós nam tocais este ponto.

O Critico diz (6.) que o Chagas cometeo mil erros sustanciais no seu Poema, e cem mil nos Sonetos: e que se serve sempre de palavras sem significado: o que prova com o mesmo Chagas. Vós sem falar, nem responder ao que deveis, contentaivos com dizer, que a frase agradables danos é muito engrasada, e se pode admitir: o que provaes de modo tal, que merece compaixam. E o pior é, que confelais em outra parte (7.) que os Poetas ainda nam alcançaram a licença de unirem contraditorios.

O Critico diz, (8.) que o tal Elpanhol, que fez o Soneto ao nariz grande, despois de o ter encaricido tanto, desfizera quanto tinha dito com a frioleira de Anaz. Vós dizeis, (9.) que o Critico nam quer dar licença aos Poetas para uzarem de iperboles: o que provaes com alguns exemplos. E temos outra calunnia. Valha-vos Deos! que nunca aveis de ver nos autores o que dizem; mas somente fantassimas, que nam existem senam na vossa mal regulada imaginassim? Eu nam vi tal cegueira!

O Critico finalmente relata mil defeitos dos Poetas Portuguezes, nados da communicassim com os Elpanhoes: e indica o modo de os emendar, correndo por todas as composições: Especialmente nota os defeitos dos Elogios lapidares, e outras coizas muito mimozas neste Paiz. E dá os melhores conselhos, que apontam os bons Poeticos, para compor com acerto, e gosto. Vós respondeis a tudo isto, que a noticia destas composições nam vos era necessaria, e que o Critico mostra que nam sabe qual é o seu estilo. Serve-lhe a resposta.

O Critico prova tudo quanto diz com os Mestres da Eloquencia antigos, e modernos: e quanto aos Elogios lapidares podia confirmar tudo com os mais doutos Jezuitas, especialmente o P. Jonvency jezuita, que

E.

no

(1) Tom. I. p. 214. (2) Ibid. 218.

(3) Reflex. Apolog. pag. 24.

(4) Tom. I. pag. 215.

(5) Tom. I. pag. 208.

(6) Tom. I. pag. 218.

(7) Reflex. Apol. pag. 26.

(8) Tom. I. pag. 133.

(9) Reflex. Apol. pag. 25, 26.

no seu *Methodus docendi, & discendi* raz escarneo do Juglar; e de outros, que o fustam. E nisto nam diz mais que o que pratica toda a Europa erudita. Quereis saber quanto valem eses Elogios, mandai-os a Roma aos PP. Contucci, e Venturi, que sam oje os millores Retoricos da Companhia: ou aos PP. Cordara, e Noceti, que sam os millores Poetas; ou aos PP. Lagomarsilli, e Nicolai, de Florença, que sam os millores Latinos, e eles vos responderam quanto valem. Ou mandai-os a qualquer das millores Academias de Italia, ou de das Inscripções de Pariz, e ouvireis a resposta.

Compoem um autor de credito em Portugal na Canonizafam dos SS. Luiz Gonzaga, e Stanislas Koska uma Tragedia Latina; e da-lhe este titulo: *Alfius, & Stanislaus Actor, & Imitator*. Manda-a a Roma para abifinar os Jezuitas Italianos. Elles, que sabem mais do que vós, logo no titulo acharam o essencial defeito da obra; que em uma afam primaria, representa duas; e sem mais artificio refere toda a vida dos Beatos: e lepidamente lhe chamam *Liber de ortu, & interitu*. Vede agora se a noticia das composições particulares e necessaria em Portugal; e se effron o Critico em apontar os defeitos?

Enfim a concluzam-e, que a nada respondestes do que o Critico disse, e provou dos defeitos das Poezias: e que mal consolado das ridicularias, que disestes, concluziz, *quello mais que diz sobre a Poezia nam merece resposta; mas total desaprova*. Se ele o defeito de sua cabeça; podia concedervos isto de barato: mas o caso e, que o disse, e o provou com os millores autores; e o podia ainda confirmar com os mais doutos da Companhia, como o P. Rapin, e outros; e geralmente com todos os inteligentes da materia, que seguem as mesmas opinioens. Ele nam fez mais, que mostrar nas composições Portuguezas os defeitos, que os Mestres da arte mandam evitar: e diz quanto basta para se evitarem. E nisto mesmo se mostra a vossa loucura, de condenar como coiza sua o que dizem todos os Mestres.

Verdade e, que confessa nam ter muita noticia dos Poetas Portuguezes: mas tem a que basta para mostrar os seus defeitos: e sabe perfeitamente as regras da Poezia, que e o que vós nam sabeis, como mostrais em tudo o que dizeis, especialmente na censura que fazeis ao Soneto, que ele aprovou, em que dizeis coizas bem indignas. E assim concluímos nós tambem com outra resposta semelhante: *Que nam digo mais, porque nam devo falar com um omem, que nam entende a materia*.

RELEXAM VIII.

Da Logica.

Cuidava eu, que na Logica dissecis alguma coisa, que viesse mais à propolito; visto ter-vos dado milhores ditames que os comuns, quando vos ditei esta materia; mas vejo que aqui falais pior, do que nas outras; nam obstante o falar tam mal nelas.

Primeiramente duvidais se o que diz o Critico da Istoria Filosofica é verdade. E nisto mostrais a vossa grande ignorancia no que pertence a esta proffissam. Depois dizeis que dali nam se tira nada. Nam se tira para vós, que nam sabeis o que é necessario para as ciencias: mas tira-se para os outros, que querem saber com fundamento o que estudam, e com isto querem responder as falsidades, que os Peripateticos, como vós, dizem nestas materias. E tambem com isto se mostra que a Filosofia moderna, que vós censurais, foi, e é actualmente abraçada por muitos omens grandes, sem serem condenados pela Igreja, e sem que ninguem lhe chame pouco seguros na Fé.

Confessai, que a *Philosophia Experimental* é digna de estimar-se: e logo acrescentais, que a Experimental nam deitoe o sistema Peripatetico. E que provas dais para isto? Sila vai: *Apuram as balanças para pesar o ar: que paraben se devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar nam tem mistura de vapores, e exhalacoes, que facilmente podem causar este pezo.* Que bela grãa, meu Fr. Arsenio! Estivestes vós algum dia junto da Lua, para saberes se tem vapores, exhalacoes, e atmosfera? ou meditates ja a altura do ar, para saber se chega até a Lua? creio que nam. Pois quando de lá vierdes, falaremos entam neste ponto.

Por agora so vos digo, que a Lua é um corpo como a terra solido e opaco, cheio de vales e montes mais altos que os nosos, como confessa o Keplero, (1) Monsieur de la Hire, (2) o P. Riccioli Jezuíta (3) e o P. Regnault tambem Jezuíta. (4) E Monsieur Cassini vio, nela monte, que lhe pareceo ter mais de trez legoas de altura. (5) Se tem atmosfera sensivel, nam o sabemos; ajndaque o podemos suspeitar, visto estar exposta aos raios do Sol. Se tem ar ao redor, nem menos o sabemos. Mas uada disto tem parentesco com o pezo do ar neste noso globo; provado com tantas experiencias, que os mesmos PP. da Companhia mais doutos, e especialmente o dito Regnault dizem ser coisa evidente. Mas isto per-

E ii

(1) *Jon Nautia Sidereo*, in *Journal de Physique*, tom. IV, pag. 198.

(2) *Memoires de l'Académie*, 1706.

(3) *Memoires de l'Académie*, 1724.

(4) *Almagest*, tom I. l. 4. p. 208.

(5) *Histoire de l'Acad.* p. 88.

tence à Física, onde mostraremos a incompatibilidade das ditas proposições.

Confessais, *que quanto diz o Critico do Silogismo é ja velho, e que o diz o P. Arriaga*. Aqui temos outra falsidade, e calúnia: porque o P. Arriaga nam diz a scista parte do que diz o Critico, e fala só de uma materia. Confessais, *que as Filozofias Portuguezas andam cheias de muitas questioens, que se podiam omitir*. Pergunto agora, se e cá velho o que diz o Critico, e todos o sabem, para que fazem o contrario? Se o fazem por malicia; são condenaveis: se por inadvertência, devem-se avizar para que se emendem. E em ambos os cazos deviam agradecer ao Critico, o ensinarlhes o verdadeiro caminho de filozofar. O certo é, que isto que vós chamais velho, é aqui tam novo, nam só nas Universidades, mas ainda nos conventos, da Corte que geralmente quasi todos fazem o contrario; e se escandalizam quando lhes dizem o que aviza o Critico: como eu vejo nestes nolos Religiozos. As disputas todos os dias crecem nos Universais, Smaes, Propozicoens, Silogismos, &c. e a Logica que se devia ensinar nam se ensina.

O Critico diz, (1) *que nam á discurso que persuada, que nam seja em virtude de um Silogismo: mas que daqui nam se segue, que sem a noticia distincta do Silogismo nam se possa explicar bem*. O que prova com o exemplo do mastigar. Vós dizeis, *que o Critico umas vezes aprova, outras condena o Silogismo*. Outra calúnia. Valhate Deus para oíhem, que nunca ás-de ler os periodos inteiros, mas troncados!

O critico falando do que os mestres experimentam nos estudantes diz, (2) *que se disserem a um destes, que o ramo é final do vinho pelos termos comuns, logo entende: se pelos termos Filozoficos, que com difficuldade entende*. Vós separando a proposição do contexto, dizeis que o exemplo é uma frioleira; pois se falarem a um rapaz em latim, nam entenderá ainda que a frase seja clara. E temos outra calúnia. Meu P. o Critico no mesmo paragrafo diz ambas as coizas: e vós nam deveis separar uma proposição do contexto para o calumniar. O Critico condena o que se diz no *Priori*, e *Posteriori* da Logica: e esta nam se explica aos rusticos, e idiotas, mas a Filozofos principiantes. Onde tudo o que dizeis é uma mera parvoíce, como pode ver quem ler o dito paragrafo.

O Critico desde a pag. 308. explica cum titulo expreso a *Ideia da Logica*, que pode ser util: ensinando de que nasce a necessidade da Logica: como se adquirem os conhecimentos: dando a divizam das ideias relativamente aos trez objectos, *Modos, Substancias, e Relacoens*: explicando o que significam estas trez vozes: explicando a diversidade dos conhecimentos, especialmente dos Universais; a diversidade dos Juizos; a natureza do Raciocínio. Daqui passa ás causas dos nolos erros, e as explica em breve. Depois dá o método de os evitar; expando as principais leis do método Analitico, e Sintetico; e o modo de disputar. E alim em poucas palavras diz a

substancia das milhores Logicas, com a ordem que lhe pareceo mais natural: e nisto emprega 30. paragrafos bons. Vós copiando as seis regras, em que trata do metodo Analitico, dizeis expresamente, *que o omem prometendo dar uma idea da boa Logica, nam diz mais que as ditas quatro palavras.* Pode aver calumnia, temeridade, e dezaforo semelhante! (é palavra vossa.) E sofre-se no mundo tal modo de cierever, e calumniar, sem aver quem vos castigue por semelhante temeridade! E nam quereis que os nosos PP. digam que sois um ignorante prezuimido sem o minimo fundamento; e que na Religiam Serafica nunca se costumou inventar mentiras para criticar os Escriitores?

Aquellas quatro leis, que o autor indica em poucas palavras, nam se dictam assim aos estudantes; mas cada uma delas se explica, e prova com exemplos, como se pode ver nas Logicas modernas, principalmente de Brescia, Soria, Corsini, que nam sam Jansenistas, e tratam isto com diffuzam. Mas nam quero agora perder o meu tempo, ensinando-vos o que nam sabeis: só vos digo, que lendo esta vossa reflexam, o que tiro é, que admitiz a verdade de tudo quanto diz o Barbadinho: mas que para dezaforar a vossa raiva, e inveja, no mesmo tempo o injuriaes com manifesta calumnia, sem advertir que vos condenais a vós mesmo.

REFLEXAM IX.

Da Metafizica.

TEndo o Critico mostrado evidentemente a inutilidade, e impertinencia da Metafizica vulgar, e o prejuizo que fazem os que demoram a mocidade com semelhantes arengas; vós passando por tudo isto com grande desembaraço sem responder uma só palavra, soamente reparais em quatro coizas: Primeira, que diga que a Metafizica é inseparavel da Logica, e Fizica. Segunda, que critique o Peijoo. Terceira, que critique as formas distintas. Quarta, que critique os atos primeiros proximos, e remotos. E concluez dizendo, *que o mais, que se lê na carta, nem prova contra os estudos da Metafizica; nem impugna os principios Aristotelicos.* Isto sim, que é um novo modo de criticar.

Vós nam respondeis a nada do que o Critico diz contra os defeitos da Metafizica; logo tem razam o Critico no que diz, e vós nenhuma em o concordar: muito mais, porque confesais no fim, *que nestas materias á muita questam impertinente.* E que chamais a isto? criticar a carta da Metafizica? a isto chamam todos nam responder, nem provar coiza alguma: antes fazer-se ridiculo. Se quereis concluir alguma coiza deveis mostrar, *que ou que diz o Critico dos Metafizicos vulgares era falso, ou que só assim se deuja tratar a Metafizica: e que aquella ciencia assim tratada era utilissima.* Em quanto nam provais isto, nam provais nada.

Mas

Mas que ridicularias nam dizeis em cada uma das ditas quatro notas? Na primeira definiu, que todas as coizas deste mundo se podem tratar debaixo do titulo de Metaphizica: mas que isto nam impede, que se possam tratar ellas partes do Ente separadas, e divididas em varias materias. Que profundo pensamento! nam se diz coiza millhor! Mas que tiramos nos daqui contra o que diz o Critico? isto deixo eu a considerasam dos que lerem ambas as coizas, as Cartas, e as Reflexoens.

Vamos a segunda. Dizeis, *que a maior culpa, que o Critico dá ao Feijoo é, porque nos seus livros se aproveitou do que traziam os outros.* Temos outra calumnia. O Critico fala do Feijoo nos trez ultimos paragrafos da Tua carta; (1) e nestes trez ultimos paragrafos nam se achara tal proposiçam como esta. O Critico responde aos que em Portugal diziam, que ninguém podia ser douto em Critica, e Philozofia Moderna, sem ter lido o Feijoo: e prova que isto é uma falsidade. Confessa porem, *que o Feijoo tem muita coiza boa, mas que alguma coiza, que na Phisica diz menos má, é o que tirou das Coleções das Academias Regias.* Mas adverte, que niso mesmo tem muita coiza má; e que pelo menos é inutil a um Philozofa; aos outros pode ser util. E onde se acha aqui a proposiçam, que dizeis?

Mas vós como possais meter a facada, e injuriar o Barbadinho, nam se vos dá, de que seja calumpniozamente. E nam vedes, que todos se rião de vós; porque o Critico nam condena quem se serve dos outros autores, antes aconselha a leitura deles todos os instantes; e mil vezes responde ao seu amigo, que o que diz nam é de sua caza, mas dos millores autores, de quem o tirou: e nas ocazioens necessarias até cita nas notas os palos originaes. Tal é a vossa cegueira, que nem isto vedes.

Mas eu ja entendo porque incaixastes aqui o Feijoo: foi para dizer, que ele nam condenava ninguém pelos seus nomes; e inveir novaniente por este principio contra o Critico. Mas quem vos poderá crer? O Feijoo nomeia nas suas obras todos os autores que critica, antigos, e modernos. E porque nomiou alguns Religiozos, como a Savonarola, teve perseguiçoens terriveis; e tõi necessario que respondese com apologias. Porque nas Espanhas ainda nam se introduzio a critica, e muitos que nam entendem bem as materias, chamam às criticas satiras, como a do Barbadinho; e as satiras criticas, como a esta vossa. Ao mais que dizeis da estimasam da obra, nam quero responder, porque responde pelo Critico toda Lisboa, alem de outros Reinos estrangeiros.

Diz o Critico, *que quem tem boa Logica, nam tem necessidade do Feijoo, para aprender a discorrer bem.* Dizeis vós; *Como se a Logica fosse um conglobado de todas as coizas!* Meu Fr. Arsenio, isto é nam saber entender o que diz o Barbadinho. Ele nam diz que a Logica seja globo de historias, como vós dizeis: diz que a Logica; ou boa razam applicada a qual-quer

quer materia; fará o mesmo que o Feijoo; e pode ser que melhor, porque o Feijoo errou em muitas coizas substanciais. Mas que importa que o Critico nomeie as pessoas, se fala somente dos estudos, e fala com respeito dos mortos, e vivos? Sem duvida que reis que fizese o que fez um certo moderno, que louvou todos os aptores, ainda aqueles, que nem menos se deviam nomiar: e eu me achei presente a varios discursos, que fizeram os doutos, principalmente Estrangeiros, que estalavam contra.

Porem curja vejo que o Critico fez mal. Devia abstrair a razam de erros, de livros, de varios metodos *in genere*: depois dilo abstrair a razam de autor, e reduzi-la ao genero sumo de futilidade por meio das precizoens formais: e reduzi-la ao estado, em que o Chagas poz aquele pe pequeno da Dama, que era necessaria uma se particular para o conhecer. Isto posto, entregar estas razoes genericas ao fute da razam, e pedir-lhe que as destilasse em um lambique bem metalizico, para produzirem a razam summa de metodo: e suprimir esta razam generica de *Metodo*, que sem duvida seria um livro utilissimo para a reforma dos estudos.

Na terceira conelais com uma falsidade, dizendo que depois da Critica, que o Barbudinho faz ao Feijoo, *se segue uma grande reprehenção, que dá aos Peripateticos sobre o admittirem as fórmulas distintas*. Isto é falso: porque depois da critica do Feijoo nem se segue nada na dita carta. Mas vós escrevestes isto de noite. Porem a vossa critica responderei na Teologia, porque vai incluída na terceira Reflexam.

Vamos a quarta nota. Fazeis aqui um longo discurso, condenando o autor de ter criticado os atos primeiros *proximos*, e *remotos*, e provaes largamente que estas palavras são muito claras: Meu P. o Critico mostra entender muito bem estas palavras: o que nam quer entender é a arenga, que com elas se torna na Fizica, e Metalizica. E tem razam; porque os mesmos Peripateticos mais doutos dizem que é uma embrulhada terrível. Mas alemos-lhe que a reflexam seja leve, que vem a ser isto para as infinitas coizas de substantia, que o autor critica nos Metalizicos? Por ventura é este todo o arguniento da carta? Bem se vê logo, que vós dormiéis, quando escrevestes isto, ou que nam sabies como diviéis criticar.

REFLEXAM - X.

Da Fizica.

Cuidava eu, que vos passasse a Fizica sem falar nela. Mas ainda que nam tenhais nada que dizer, como se vê; contudo sempre quereis arranhar o Critico. Desde o principio mostrais a vossa ignorancia Filosofica dizendo, *que se pode conservar a Fizica experimental com a Aristotelica, porque as ex-* person-

periencias nam destroem o sistema Aristotelico. Meu Fr. Arsenio, unir estas duas coizas é unir dois contraditorios. Em primeiro lugar vós nam entendeis que coiza é Física experimental, porque confundiz a pratica com a especulativa. Se tiveseis lido, e entendido bem o Barbadinho, (1) verieis entam que coiza era Física.

A Física comprehende duas partes: uma *Istorica*, que refere todos os phenomenos, e os instrumentos, com que se descobriam: a outra é *Discursiva*, que é a Ciencia, que examina a natureza do corpo mediante os efeitos que vemos. Para isto é necessaria a Matematica, como prova no dito lugar o Bardinho. Desorte que o Físico moderno para explicar qualquer phenomeno, só se serve dos principios da Matematica, que sam eydentes, ou para melhor dizer, com as leis do movimento explica todos os phenomenos.

Daqui saie por legitima consequencia, que um Físico moderno nam pode admitir o sistema Aristotelico. Explicome com alguns exemplos. Primeiro: Passando o raio da luz obliquamente de um meio mais raro para outro mais denso, v. g. do ar para a agoa, ou pelo contrario, nam prosegue por linha direita; mas ou se inclina, ou se afasta da perpendicular. Um objecto visto por uma lente parece muito maior, e os raios vizuais fazem maior angulo na retina. O Prisma de cristal separa sempre os sinco, ou sete raios de diferentes cores, de que se forma a luz; o que admitem todas as Academias. Um moderno prova aqui evidentemente que a luz é corpo, porque encontrando outro reflete, ou se refringe; o que nam faria se fosse qualidade. O Peripatetico, que chama à luz qualidade, isto é, nam corpo, nam pode explicar estes phenomenos.

Segundo: Um vidro verde pizado é branco. A pedra negra pizada faz-se branca. A pedra rustica a lizada toma outra cor. O pao encarnado molhado parece mais escuro, &c. O moderno, que confessa que a luz é um corpo, responde, que mudada a superficie do corpo, ou occupada com a agoa, deve a luz reflectir diferentemente para os olhos, e produzir diferente sensasam neles, que é o mesmo que diferente cor. Aristotelico nam diz, nem pode dizer nada.

Terceiro: A agoa, o vinho, e a mesma tinta bem batidas com um pao fazem uma escuma branca: a agoa com o sabao faz a mesma escuma. Aquela brancura nam é sonho, é coiza que existe, e que todos vem, e dura bastante tempo. Contudo desfazendo-se a escuma, tornam aqueles corpos a adquirir a sua antiga cor. Daqui segue-se que a cor nam é uma qualidade distinta; mas que da parte do objecto é a diversa configurasam da matéria, e a diversa modificasam da luz: e da parte da potencia a diversa afesam produzida nos olhos: E la vai pelos ares a cor Peripatetica.

Quarto: Um corpo odorifero, v. g. uma roza à proporasam que perde o cheiro, perde tambem o corpo, e se vai secando. Daqui tira o moder-

no, que o cheiro são as partículas que se exalam do corpo odorífero; e ferem as membranas interiores do nariz: e por consequência que nam é qualidade Peripatetica.

Quinto: A luz refletindo dos corpos para os olhos, (a que chamam especies vizuais) segundo a diversa configurasão do humor cristalino, representa o objeto maior, ou menor na retina: como se vê nos Presbitas, e Miopes. As qualidades nam tem contato com o corpo, ou quantidade: logo as especies imprensas nam são qualidades Peripateticas, mas um corpo *quanto*, que é a luz.

Sexto: Os animais, como mostra a Anatomia, vivem em quanto o sangue perfeitamente circula no corpo; (e isto confirma o Critico na sua carta da Medicina com o exemplo de Boerhaave) o sangue circula em quanto nam se coagula, ou rarefaz extremamente, ou em quanto se nam rompe algum vazo necessário para conservar a maquina. A alma inteligente nam sabe nada disto que passa no corpo: e assim nam é a que faz este phenomeno. Daqui tira o Moderno, que o que anima os viventes nam é a alma inteligente, mas o dito sangue. E la vai pelos ares a alma informante, e completo da materia, a forma cadaverica, e outras destas ridicularias.

Setimo: Todos os animais, sem excetuar o omem, naceo do ovo, como mostram as observações dos famosos Leeuwenock, e outros: Logo nam á tal semente que se corrompa, para se lhe introduzir a forma de omem, como dizem os Peripateticos.

Oitavo: A pasta, que se cria entre os dentes, dizem os Peripateticos, que tem sua materia e forma particular. Os modernos mostram com o microscopio, que nam é outra coisa mais que uma congerie de bichinhos: e já temos que nam á tal forma Peripatetica.

Nono: Um animal metido em um almofariz, e pizado quotidianamente, reduz-se a polme, e liquido. O trigo pizado faz-se em farinha, e se depois de feito em pani seco se torna a pizar, torna outra vez a ser farinha. O almofariz nam tem virtude de produzir novas formas: e nada ali se produzio de novo. Contudo o polme nam é animal, nem a farinha é trigo, ou pam. Logo a diversa modificasão da materia é, a que faz um novo composto. E la vai regeitada a forma substancial Aristotelica.

Decimo: O ferro, e aço, conforme dizem os Peripateticos, tem duas formas substanciais diferentes. Contudo os modernos do ferro formam aço sem produzir nada de novo. Com que nam á tal forma Peripatetica.

Deixo mil outras experiencias, que provam que o sistema moderno nam se pode unir com o Peripatetico. Estas bastam para mostrar a falsidade da vossa propozisão: (1) *que ainda que sue a goa pela testa, nam á*

F

da

de provar, que estas experiencias destroem o sistema Aristotelico: (1) que todos os instrumentos da Mecanica nam desfazem o sistema de Aristoteles, nem ate aqui se pode provar. Nam o provam para nós, pois nam sabeis nem sistema moderno, nem mecanico, nem coiza alguma destas. Mas para aqueles que o entendem é isto verdade tam certa, que ate os mesmos Jezuitas modernos, que nam obstante a proibisam do seu Geral, se rezolveram a escrever Filosofia moderna, mostram evidentemente que os sistemas sãõ incompativeis, como o P. Castel, e Regnault, alem de outros. E quando abraçam o sistema moderno, logo regeitam o Peripatetico.

Nem pode ser de outra sorte: porque o sistema moderno nam consiste na historia das experiencias, como vós supondes: (e ainda nese caso as melhores experiencias nam se podiam explicar no sistema Aristotelico) consiste sim nos principios, que se abraçam para as explicar. E como os principios dos melhores modernos sejam as leis do movimento, com as quaes explicam tudo: segue-se, que para darem razam de cada fenomeno, devem explicar como a materia movida localmente assim, ou assim, possa produzir o tal fenomeno. Os Peripateticos nam explicam nada por movimento de produçam. Logo quem abraça o sistema moderno, nam pode abraçar o Aristotelico, que é diametralmente contrario. Se vós loubeseis bem, que coiza significa esta palavra *sistema*, nam direis, que as experiencias, e instrumentos eram o sistema moderno: e consequentemente que este era compativel com o Peripatetico.

Dizeis mais, que o sistema de Cartezio á muitos seculos que morreo: e que os Espanhoes, -que tem o juizo em seu lugar, proibiram os livros dele, e os mandáram sepultar na cova do desprezo. (2) Nisto mesmo tornais a mostrar a vosa ignorancia. O Cartezio morreo em 1650. e ainda que os Jezuitas em França, e Flandres lhe foram contrarios, eses mesmos Jezuitas nio sim do seculo pasado, e no presente o abraçam em França, e Flandres, e oje muitos Religiozos o defendem.

O sistema de Cartezio nam é o sistema moderno, que inculca o Critico; mas outro diferente. O sistema de Cartezio consiste na ipotezi, que fez para as experiencias. O servir-se delas, e explicalas por outro modo, fizeram no mesmo tempo o Galilei; o Bacon de Verulamio; o Merseno, o Gazendo, e mil outros sem dependencia de Cartezio. O sistema que inculca o Critico é o sistema experimental do Galilei, reformado pelo Newton. Mas como vós nam sabeis nada disto, tenho necessidade de vos estar ensinando todos os instantes, como a uma criança, que comeca a aprender.

O comum dos Espanhoes nam faz autoridade em materia de Filosofia, porque seguem os mesmos prejuizos dos Portuguezes. Mas os Espanhoes, que tem o juizo em seu lugar, fundáram em Sevilha, e Madrid duas

Aca-

Academias de Fizica experimental, e Medicina, segundo o estilo das de França, para introduzirem no reino a boa Filozofia, e deitaram abaixo as parvoíces da Aristotelica, como confessa o voso mesmo oraculo Feijoo, no 7. tomo falando da Medicina. E dai-lhe tempo, que vós vereis que os Espanhoes, que sam os unicos que faltam, abriram desforte os olhos, queda Aristotelica nam se ouvirá mais que o nome.

Balaís em *Platam*, *Epicuro*, *Anaxagoras*, *Empedocles*, e a estes uniz os *Chimicos*. Pode aver confiança semelhante! querer falar na historia da antiga Filozofia um omem, que nem ao menos ouviu dizer que avia tal historia no mundo! O melhor está em unires os *Chimicos*, que floreceram no XVI. e XVII. seculo, com os Antigos: e cuidares que tendes exaurido todos os sistemas, quando nem menos nomeastes a quinquagezima parte.

Finalmente concluz decretoriamente, *que examinados todos os sistemas, veio-se a concluir que o de Aristoteles concordava mais com os dogmas da Religiam*. Meu Fr. Arsenio, os que concluíram isto foram os que sabiam tanto como vós: porque os SS. PP. concluíram o contrario; que nam avia sistema mais contrario à Religiam, que o de Aristoteles: e o mesmo concluiu no seculo pasado o famoso Conringio, que foi o mais apaixonado por Aristoteles. (1) Sabei que os PP. antigos reprovaram todos os sistemas inteiros, por conhecerem que continham muitos erros: e de todos, a saber dos Platonicos, Stoicos, Aristotelicos, Egipcios, Pitagoricos, &c. tiraram o que entenderam melhor, e que se podia unir com a Religiam: mas especialmente reprovaram o sistema de Aristoteles, por defender tres erros, que deitroem o principal fundamento da nosa Religiam. Porque Aristoteles negou a *Providencia Divina*; afirmou que o mundo era eterno, e que a nosa alma era mortal. E por cauza destes tres erros todos os melhores PP. dos primeiros seis seculos inveíam contra ele, como Justino, Clemente Alexandrino, Lactancio, Atanzio, Bazilio Magno, Gregorio Niseno, e Nazianzeno, Epifanio, Ambrozio, Crisostomo, Jeronimo, Agostinho, Teodoreto, e outros muitos. Lede o famoso Launoio, autor catolico, Francez, que traz todas as autoridades por extenso, e relata todos os erros de Aristoteles contrarios à nosa Religiam. (2)

E por esta mesma razam agradou mais Platam aos primeiros PP. porque tinha menos erros. E se ao despois os modernos no XII. e XIII. seculo introduziram Aristoteles, nem por isto introduziram o sistema, mas as opinioens separadas. E os que quizeram ao despois introduzir o verdadeiro sistema tirado das suas obras, como o Pomponacio, Cremonino, Cezalpino, e outros, caíram em muitos erros, e foram condemnados pelo Concilio Lateranente. Vede se concorda isto com o que vós dizeis.

F ii

Lea

(1) *Conringiana*.

(2) *De varia fortuna Aristotelis in Scholis Parisiensibus, c. I. §. 2.*

Lede com atensam o Critico, e vereis que as obras de Aristoteles foram queimadas por ordem do Concilio Senonense no ano 1209. pelas eretizias que produziam. E que por alguns seculos foram proibidas pelos Papas: mas como isto vos nam serve, por isto o occultais para poder columniar.

Dizeis mais, que sendo necessaria a Matematica para a Fizica, fica muito mais difficultoso o estudo da Filozofia. Se vós o nam entendeis, porque nam sabeis que coiza é Matematica, que culpa tem diso o Critico, que o explica muito bem; (1) e nos reinos Estrangeiros o entendem, onde a Filozofia por aquele estilo se acaba em dois anos, e sabem mais do que vós.

A outra reflexam, de que o Critico por toda a parte inculca a Geografia, tambem é vosa, isto é, *falsa*. O Critico inculca o talestudo, onde é necessario, e onde o inculcam todos os omens grandes, que trataram a dita materia. Mas como vós nestas coizas nam sois juiz competente, apela ele para os que entendem as faculdades.

Finalmente conclui esta famosa critica dizendo, que se o Jezuita dise, que posta a experiencia da agoa introduzida na bola de bronze ja cheias de agoa, sa pelos ares toda a sua Filozofia; era ignorante, ou maliciozo: porque isto nam obsta a nenhum dogma Aristotelico: *e basta que lo diga yo*.

Explicai-me vós no sistema Aristotelico por meio das quatro qualidades a dita experiencia. Certamente com os principios de Aristoteles nunca a explicareis: logo dise bem o Jezuita, que a sua Filozofia nam servia para estas experiencias. Para o ar estar nos vacuos das particulas da agoa, é necessario que a agoa conste de particulas de figura particular, que o possam receber: é necessario que o ar seja preezo entre estas particulas: é necessario que o ar se possa comprimir: é necessario que conste de particulas ramosas para terem virtude elastica. E la vai a forma Aristotelica do ar, e agoa. Para o bronze se dilatar, e deixar sair ou a agoa, ou o ar pelos poros, é necessario que ostenha: e isto nam concorda com a forma Peripatetica dos metais.

Mas seja muito embora isto mau, pior que tudo é a istoria do agoadeiro; e a razam que dais é verdadeiramente de agoadeiro. Devieis provar primeiro, que cada mariola beboe igual quantidade de agoa da sua quarta: segundo, que a agoa que ficou em ambas era muita mais do que a que podia caber em huma so. Em quanto nam provais isto, falais como agoadeiro, e nam como Fizico: e mostrais que sabeis tanto de experiencias, como das outras materias.

Esta é toda a vosa critica à carta Fizica do Barbadinho. E como nem tendes mais que dizer, nem ao menos esse pouco que distestes, ainda quando fosse verdade, obsta ao sistema do Barbadinho, e aos belissimos con-

conselhos, que dá em matéria de Física, em que mostra erudição, e conhecimento profundíssimo, seguesse claramente, que não respondestes a coisa alguma; e que fica em pé tudo quanto disse o Critico contra a Física deste reino: esperando que fazeis algumas experiencias na Lua, para destruir o que dizem as melhores Academias da Europa, donde o Critico o tirou.

O que dizeis das formas accidentais fica para a Teologia.

R E L E X A M XI.

Da *Etica*.

Nesta Reflexam causa horror ver as muitas falsidades, e puerilidades que dizeis, por não entender o que diz o Critico na sua carta. Tenho observado que falando vós muito mal em todas as matérias, quando falais nas ciências, e muito principalmente naquelas, que tem mais conexão com a vossa profissão, ainda falais pior, e mostrais total ignorância dos principios e fundamentos. Mas como eu tenho tomado o empenho de vos ensinar nestas matérias, darvos-ei uma breve lição.

A primeira coisa que vós não entendeis na presente matéria é que coisa seja *Etica*, e que coisa seja *Teologia moral*: porque se o entendesdes, acharíeis a intelligencia das proposições, que diz o Critico; e a resposta a todas as falsidades que escreveis. Muito bem o explica o Critico; (1) mas vós estais costumado a não ver nele o que diz.

A *Etica* ensina a conhecer qual é nosso fim, e dirigir, para conseguir todas as nossas ações: (2) mas tudo somente com os ditames tirados da razão natural, sem fazer memoria alguma da revelação sobre natural: a isto chamamos *Religião natural*. A *Teologia moral* mostra ao homem o mesmo fim, e o conduz a elle, tirando os seus ditames do que Deus nos revelou ou em palavra, ou em escrito.

Daqui vem, que ainda que a *Etica* ensine o homem a conformar-se com a boa razão, para evitar os vícios; como com a luz somente da razão não se alcança qual é a verdadeira origem destes males, que é o pecado de nosso primeiro Pai: (posto o qual nós não temos foras bastantes para nos livrar de todos os vícios, mas necessitamos da graça de

Cris-

(1) Tom 2. pag. 53.

(2) Summum bonum si ignoretur, videndi rationem ignorari necesse est. Ex quo tantus error consequitur, ut, quem in portum se recipiant, scire non possint. Cognitis autem rerum finibus,

cum intelligitur quid sit & bonorum extremum, & malorum; inventa vita via est, conformatioque omnium officiorum... Hoc constituto in Philosophia, constituta sunt omnia. Cicero de Finibus, l. 5. c. 15.

Cristo mediador) segue-se que a Etica, que nam conhece esta graça, nam pode dela deduzir os preceitos para emendar perfeitamente os costumes: e somente ensina a emendar alguns vícios; mas nam pode conduzir o homem ao seu fim, e á sua maior felicidade

Esta é a razão, porque ainda que entre os antigos Filozofos se achassem muitos, que conhecêram confuzamente a Deus, e obráram bem em alguns pontos; (1) contudo nam obráram bem em tudo, porque se guiáram somente pela luz da razão, a qual nam dá noticia da graça de Cristo: e nam puzeram por principio fundamental da sua Etica o amor de Deus, e nam resistiram para ele a bondade das nossas afoens. A Teologia porem, supondo já sabido tudo o que diz a Etica, supre aquillo que falta na pura Etica, porque como se funda nas verdades reveladas, daqui tira a verdadeira origem da nossa infelicidade, que foi o primeiro peccado; e a necessidade que temos da graça de Cristo, para regular as afoens, e conseguir a maior felicidade, que é Deus: propoem os meios, que Deus revelou para isto; e desta sorte ensina muitas coizas, e muitas obrigações ao homem, (aque os Filozofos chamam *offícios*) as quais nam ensina a pura Etica, ou razão natural.

Daqui se segue, que nem a pura Etica basta para regular as afoens dos homens: nem a pura Teologia sem a Etica basta para persuadir a todos: porque a razão, e revelação tem vinculo necessário, e de ambas se compoem este todo da religião, que nós devemos seguir, e defender. Aquella justifica os motivos da nossa religião; porque mostra aos Filozofos Idolatras, que os Teologos nam introduzem senão aquellas maximas, que a mesma razão persuade, e diferam os antigos Filozofos. Esta explica aos mesmos Filozofos aquillo que eles confuzamente entendiam, e lhes mostra, que para conseguir o homem o seu fim nam basta somente a religião natural, mas se requerem outras muitas coizas.

Os Moralistas comumente confundem estas duas coizas; e misturando a razão natural com a revelação, fazem uma selada de materias. Os Modernos porem separam estas profissoens, para proceder com clareza, e fundamento; e juntamente para mostrar, que as coizas que aconselha, e manda a nossa religião, são tam dignas de se receberem, que a maior parte delas praticáram os antigos Filozofos, guiados somente pela luz da razão.

Esta separação de materias é necessária para reduzir os Deístas à nossa religião: e por esta cauza os Teologos modernos tem escrito tam belos tratados da *Religião natural*, para mostrar aos Atéos a existencia de Deus: para dela tirar os principios da religião natural contra os Deístas: e para do

(1) *Gentes, quæ legem (positivam) legem non habentes ipsi sibi sunt lex non habent., naturaliter ea quæ Legis Paulus ad Rom. c. 2. (positivæ) sunt, faciunt: hujusmodi*

do conhecimento da religião natural, mostrar evidentemente a necessidade da revelação, ou da religião sobrenatural; que é a nossa religião Cristã.

Isto é o que diz o Critico, e isto entendem muito bem todos os que sabem que coisa é Teologia; quais são as ereções modernas, e o como se convencem. E daqui claramente se mostra, que tudo quanto dizeis na dita Reflexão, procede de que ignorais estas materias, e de que sois um Teologo de agoa doce, que não sabeis mais, que quatro postillas bem uzuais.

A vossa primeira proposição é esta: *Se a Teologia ensina a conformar-se com a lei natural, e positiva, e também alguns officios, que o Philosopho ignora, que necessidade tem o Teologo da Etica?* Respondo: Tem a mesma necessidade, que tem a Teologia Sobrenatural da Natural: porque a Moral é a Etica sobrenatural; e a Etica é o Moral natural. E assim como nenhum Teologo até aqui duvidou da necessidade da Teologia natural; assim também nenhum deve duvidar da necessidade da Etica, ou do Moral natural. E assim como a Teologia natural serve para convencer os Ateos, assim a Etica serve para convencer os Deístas.

Certamente que para um homem crer o que Deus disse, basta saber o *Credo*: e para obrar bem, basta saber os *Mandamentos*. Mas isto é fê de carvoeiro, não de Teologo, o qual deve saber porque cre, e convencer os outros que não creem. E daqui se segue, que tudo o mais, que dizeis naquele parágrafo sobre a autoridade dos Philosophos, são parvoíces; e provem de que não entendeis o que o autor disse, nem o que acima tenho explicado. Estudai a materia, e não fazeis absoluta uma proposição, que tem sentido determinado.

A segunda proposição é: *que a Etica dispõe os homens para receber a religião este error priori*. O erro está da vossa parte, em não saberdes, que avia Deístas no mundo; dos quais está cheia a Europa, e contra os quais tem escrito os mesmos crejes, como o Clarke, o Derham, o Jaquelot, e muitos outros; e de não saberdes, que o famoso Boyle fundou uma cadeira de Teologia natural em Londres, para defender a Religião Natural contra os Libertinos de Inglaterra, que são os mais prejudiciais crejes entre todos. Mas isto para vós é pior do que o Grego, e Hebraico.

Vós mesmo, sem querer, o confessais dizendo, *que aos Gentios basta provar, que os preceitos do Decalogo são conformes aos ditames da razão*. E quais são estes ditames da razão, se não as leis da Etica? Demais, se o Gentio disser que não são conformes, como lho aveis de provar senão com as razões, que acima digo tiradas da Etica? Bem se vê logo, que destas materias não sabeis nada; e contudo tendes atrevimento para dizer, *que tudo isto se ensina Milhor na Cartilha, do que na Etica*. Outro officio, meu P. Arsenio, que destas materias sabeis muito pouco, ou nada.

A terceira propozisam é; *que nam entende o que significa: A Teologia reconhece a origem da natureza corrupta; A Teologia aponta os meios tirados da revelasam; e que sam coizas escurissimas.* Nam me admiro nada; porque isto succede a quem nunca estudou as materias, como vós. Mas que culpa tem diso o Critico, que o explica muito bem, como asima tenho declarado. O melhor está, em que fazendo do sambenito gala, confesais aqui, *que nam sabeis Grego, nem Ebreo:* nam vos envergonhando de que saia tal blasfennia literaria da boca um omem, que quer criticar as materias dogmaticas. Aqui entra bem a resposta do Ereje de Gibraltar: *Miror, Jesuita cum sitis; ignoretis linguam Gracam.* O que dizeis dos officios (cuja palavra nam entendeis) é verdadeiramente digno da vosa grande capacidade, e modestia.

O Critico diz, (1) que aconselhára a alguns Jurisconsultos, e Teologos Moralistas principiantes (destes é que se fala no tal lugar) seus amigos, que decorassem bem as regras de Direito; *porque nos cazos repentinos quem as posue, e entende bem, julga melhor qualquer cazo, do que os que afeitam exquisita eruditissim.* Vós truncando a propozisam dizeis somente que *basta saber as regras de Direito para os cazos repentinos;* e acarretais mil cazos sem pés; nem cabeça, para provar, que o Critico disse mal.

Meu Fr. Arsenio, isto é uma calumnia, e ignorancia. Calumnia, porque vós troncastes a propozisam, tirando-lhe as palavras, e *as entende bem,* as quais mostram, que o autor nam disse se applicassem cegamente mas com juizo, e reflexam. Ignorancia, porque nem o autor diz que se appliquem sem reflexam, nem isto se segue doque ele diz. E se fosse licito interpretar asim as propozisoes absolutas, o mesmo argumento se podia voltar contra osdez mandamentos, que sem se entenderem, nam se podem aplicar bem. E contudo esta propozisam: *Quem sabe os mandamentos, sabe todas as leis para obrar bem:* é verdadeira, e ninguem a pode censurar, senam uma cabeça, como a vosa.

Diz mais o Critico, ponderando que a falta da Etica produz mil defeitos nos Moralistas: (2) *Os Cazustas comumente nam dam razam do que dizem, mas apontam somente os autores Cazustas, donde o recebêram; os quais nem menos asinam razam, mas fundam-se em outros antecedentes.* Vós aqui fazendo um cazo rezervado, exclamais contra a ignorancia do Critico. Mas a ignorancia está em vós; por nam considerardes, que o Critico nam nega absolutamente que eles dem algumas vezes alguma razam, como se vê de palavra comumente; mas nega que dem pela maior parte boas razoens, tiradas da razam natural, e da Etica: o que confirma comparando-os com Cicero, Seneca, Plutarco.

Abri a summa do Buzembaum, do Potestas, &c. e vereis que a razam confis-

(1) Tom. 2. pag. 54.

(2) Tom. 2. pag. 53.

consiste às vezes em uma regrinha muito piquenina; outras vezes nem isto; e logo passam acitar os autores. E estas razões que dão, tiram-nas cegamente dos outros que citam, sem as deduzir da boa razão natural: e nenhum toma o trabalho de as examinar fundamentalmente; que é o que diz o Critico. Mas vós nunca vedes senão o que quereis.

O Critico quer dizer ali aquilo mesmo, que tem dito os melhores Teólogos da Europa, e entre eles o douto P. Tirso Gonzales Geral dos Jesuítas, e os dois Jesuítas Rebelo, e Comitollo escrevendo contra o *Probabilismo*. Sabe o Critico muito bem, que os Moralistas por falta da boa Etica, e por introduzirem da muita Metafizica pessima tem introduzido o *Laxiorismo* na Teologia debaixo do nome de *Probabilismo*: e que daqui tem nascido a maior parte das proposições condenadas, que traz o voso Lacroix no principio da sua Teologia. Sabe que esta questão tam debatida no século passado abriu os olhos aos Teólogos, pois de entam para cá todos os que tem escrito com fundamento, seguem as opiniões mais provaveis, conforme os conselhos dos Concílios, Padres, e boa razão. Sabe que os Erejes escarnecem os Cazuístas pela mesma razão: e que muitos deles neste ponto (tirando algumas coizas) escreveram melhor do que os tais Cazuístas. Sabe que o famoso P. Concina Dominicano moderno escreveu em Roma belissimos livros contra esta casta de Moralistas, ensinandolhes, de que fontes devem tirar as suas resoluções: e que foi muito louvado pelos Papas. E sabendo tudo isto, contentou-se de tocar somente a materia, porque falava com quem o entendia. Mas se quereis saber mais, lede o dito P. Concina na *Historia do Probabilismo*, na *Quaresma Apelante*, e nas suas cartas contra o P. Benzi Jesuita, que ele vos dará a demazia.

Cauza compaixam ver o que dizeis nos dois paragrafos seguintes, em materias de Direito natural: e mais que tudo, o confirmalo com a autoridade de Aristoteles; quando na vossa opinião os Eticos são superfluos, e na minha Aristoteles não prova nada no dito caso.

Aqui entra de novo outra ineptia: que para saber que coisa é vicio, é necessario consultar a Teologia especulativa na materia de *Actibus humanis*. Irram Arsenio, isto é uma ignorancia: porque os vicios mostram-se com a boa razão na Etica; e o que os Teólogos dizem de bom nesta materia, da Etica o tomam, como acima disse. Além disso o Critico não fala das virtudes sobrenaturais, nem dos vicios opostos a estas virtudes, que estes pertencem ao Teologo: fala sim das virtudes naturais do entendimento, e vontade, e vicios a elas opostos; no sentido em que falam os Eticos Gentios, Panecio, e Cicero, e o voso Aristoteles, que trata de *Virtutibus*; que é o que vós não entendestes. Concluez pois com uma sátira, a qual, examinada palavra por palavra, mais se acomoda a vós, do que ao Critico.

No penultimo paragrafo com a vossa costumada sinceridade chamais sátira ao que o Critico aconselha aos Nobres: sem advertires que ele lou-

va uns, reprova outros, e nam nomcia ninguem: e isto segundo os vossos mesmos principios nam é satira. Satira é o que vós dizeis neste paragrafo, e o fim com que o dizeis, que muito bem se sabe. Aqui mesmo vejo outra ignorancia vosa: que tomais a *fidalgua espiritual* no sentido ecclesiastico, e sobrenatural; devendo tomala no sentido do paragrafo acima. E o que tem mais grana é que confirmais isto com os Etpicos. Finalmente concluiz, mostrando a vosa ignorancia, com dizer que o Critico inculca a *Astrologia*. Nam achareis tal proposiçam em todas as obras do Critico: antes ele condena, como devem fazer todos os bons Filozofos, e Catholicos. Mas vós, que sois Cafre nestas materias de erudisam, nam sabeis, que *Astronomia*, e *Astrologia* sã coizas muito diferentes: e nem menos sabeis que o Critico nam fala exprefamente na Astronomia como tal.

Porem eu ja nam tenho paciencia para estar ensinando rapazes. Somentemente digo, que os nosos Padres atentaram, que vós nam entendestes nada do que diz o Critico: nam impugnastes a necessidade da Etica; e muito menos confutastes o metodo, que ele aponta: mas tomastes somente algumas palavras separadas, que nam entendestes, para o calumniar. E assim fica em pé tudo quanto o Critico aconsella nesta parte da Filozofia.

REFLEXAM XII.

Da Medicina.

Entre tudo, o que se contem nestas vossas Reflexoens, o que fez mais vontade de rir aos nosos Padres foi, o ver nelas o titulo de *Medicina*. Quando soubestes vós, ou estudastes Medicina? ou quando ao menos sonhastes sabela, ou estudala? Que flato foi este, Fr. Arsenio? donde falo esta nova ideia? Falemos sem paixam: qual foi o vosso fim em publicar estas Reflexoens? foi o parecer ridiculo em toda a materia? Suponho que sim: pois de outra forte nam cairieis em semelhante arrojo.

Tendes vós lido todos os autores, que cita o Critico? aposto que nam vistes nenhum. Pois sem esa noticia sois louco em falar em uma materia, que o Critico disputa com tal penetrasam, erudisam, e bom gosto; que asentaram todos os que tem voto, ainda os mais apaixonados contra ele; que era das millores cartas, e mais utilis a este Reino. E chamais satira a uma coiza tam importante, como ensinar aos omens a conservar, e recuperar a saude? Isto só bastava para vos desterrarem de outro qualquer Reino, como omem prejudicial à Republica.

Mas vamos à vosa Critica; a qual se reduz a trez coizas, calumnia, ignorancia, e invetiva. Diz o Critico (1) falando das qualidades do bom Cirurgiam: *que todos os Medicos devem ao menos saber a teoria da Cirurgia,*

para ensinar: o Cirurgiam em caso de erro: e o confirma com Ipoocrates, e Cornelio Celso, que foram Medicos, e Cirurgioens, e com outros modernos. Dizeis vós, que nesta sua critica quer que os Medicos sejam Cirurgioens, e que dá uma razam forte, porque em Lisboa á um Medico que é Cirurgiam-mór: e aqui fazeis uma lamuria eterna. Primeira calumnia. O Critico nam dá tal razam: dá sim a razam intrinseca da necessidade da ciencia no Cirurgiam; e samente 10. folhas antes da tal pagina, falando da Anatomia; incidentemente tinha tocado o caso do Cirurgiam-mór. Contudo isto em uma; e outra parte fica em pé, que o Medico deve ser Anatomico, e Cirurgiam.

Dizeis mais, que a Anatomia se estuda em Portugal pelas estampas, e que por final algumas nam concordam. E que a Anatomia é menos necessaria ao Medico, que ao Cirurgiam. Mandai estudar um relojoeiro por estampas, e dizeilhe ao despois, que vos faza um relógio de minuetes. Pois o mesmo succederá ao Anatomico por estampas. Primeira ignorancia.

Dizeis mais, que o Medico só pode conjecturar a cauza da doenza. Concedo: vamos adiante: O ponto é indagar qual seja o principio do mal, e qual deve ser o remedio. Ajuda para isto a experiencia, e bom discurso. Concedo tudo: que tiramos daqui? Para isto serve muito pouco a Anatomia. Segunda ignorancia. Como pode discorrer o Medico com acerto, se ele nam sabe quais são as partes de que se compoem o vivente? Ide falar nestas matérias com os negros de Angola, ja que nam entendeis o que dizeis.

Dizeis mais, que o Critico fala da artereotomia, como de coisa usual, que devem saber os Cirurgioens. Que temos contra isto, P. Mestre? ai vai a bala: Esta casta de sangria na cabesa é muito perigosa, e nas mais partes perigosissima. Logo nam se deve saber? bela consequencia! Temos outra ignorancia. Tambem a paracentesi no peito, a trapanasam do cerebro, a ligadura da aneurisma, a cozedura da rotura, o tirar a pedra da bexiga, o tirar a catarata dos olhos, o cortar uma perna, são operaçoens mui perigosas; e nem por isto os Cirurgioens as devem ignorar, ou omitir nas ocaziões necessarias. Seria millhor que estiveleis a dormir, do que a escrever.

Conta o Critico, (1) que um seu amigo Florentino casualmente aconselhou a outro, aplicar o nabo pizado ás almorreimas, e que lhe succedera bem: e conta isto para fazer escarneo dos remedios; como se vê no dito paragrafo. Dizeis vós, que a cura se fez com olio de nabos, Segunda calumnia. E logo aqui entra uma invetiva, como se o omem dissesse alguma propositam de Jansenio.

Refere o Critico siuco paginas antes desta, que o Curvo a tribue ao olio de nabos a cura de certas berbulhas: e diz que o nam prova bem. Dizeis porem vós aqui, que o Critico no caso do Florentino, que o remedio tal-vez estivesse no olio, e nam nos nabos. E temos outra calumnia: porque o

G. ii.

Cri-

Critico fala em dois cazos bem diferentes, e em diferentes Lugares.

Mas estejam ja todos os Medicos bem atentos, que S. Paternidade fale agora com um aforismo muito util para sarar todos os doentes do mundo, e refoimar a Medicina da Europa. Tenham pois entendido todas as Academias de Petersburg, Berlin, Leopoldina; de Pariz, de Montpelier, de Londres, de Edimburgo, de Madrid, e de Sevilha: Saibam todos os Medicos modernos da Europa, que ja daqui por diante nam am-de duvidar, *se os simplicios, que entram nos segredos, fazem o seu efeito; e muito menos experimentar cadaum separadamente*; sub pena de incorrerem na indignasam de S. P. que para todos deve ser a mais sensivel: e recebam com a possivel venerasam todos os segredos ja introduzidos; porque S. Paternidade, que é o Fizico-môr do espacio innaginario, sabe de certo, *que se entre eles vai algum superfluo, nam é nocivo, que é o que basta*.

E tambem fiquem advirtidos, de nam dizerem mal do metodo dos Arabes, e de Galeno; porque S. P. muito Reverenda nam gosta diso; e sabe de certo por noticias muito particulares, que achou nos seus Archivos, que os Arabes tinham excelente metodo: da mesma sorte que um negro (seu conhecido) do Certam de Angola tinha uma Filozofia particular para curar Eticos: e quazi quazi que esteve para dizer, que tinha sido chamado para Prezidente da Academia das Ciencias de Pariz. E assim nam devemos dizer mal da Galenica, porque veio da Arabia.

Temos aqui outra falsidade: porque o Critico nam diz mal de Galeno, antes o louva, e lhe chama *bom Interprete de Ipoocrates, bom Anatomico do seu tempo, bom observador*. Diz somente que nam deo razas das cauzas das doensas, porque era Ipotetico, e Aristotelico. E pela mesma razam reprova os Arabes, mas nam por serem Arabes. Porem se os leitores quizerem neste cazo do negro de Angola uzar da solusam, que S. P. dá aos cazos, que conta o Critico, nam seria mui justo pedir-lhe, que nos trouxese a autentica do dito cazo? Porque estes Pirronicos modernos nam crem nada, senam o que se lhes mostra com evidencia.

Aqui acha mais duas propozicoens galantes, e ambas falsas. Primeira: *que muito do que aqui dix o Critico, foi feito em Francez*. E eu pela noticia que tenho dos autores, vejo que o Critico se servio muito mais dos Inglezes, e Olandezes, e tambem Tudescos; o que ele mesmo confesa: o que nam leo as citaçoens somente, mas sim os millores autores in fonte, como será facil mostrar.

A segunda propozisam é: *que as tais noticias se escreveram, nam para dizer mal de Galeno, mas para mostrar, que quem seguisse o metodo daquele Medico, o podia estudar pelo modo, que a se aponta*. E tambem isto é falso; porque o autor nos livros que leo, e cita, acha que o fizeram expressamente para mostrar que Galeno neste tempo ja nam serve. E leo por autores originaes, onde eu acho as mesmas coizas, que ele diz. E um omem de

de tam grande erudição nam tinha necessidade de livrinhos. Mas ainda que seja verdade, o que nam nega, que alguns Francezes tratasem a mesma matéria, porque seguem os mesmos principios; isto nam prova nada contra o que ele diz, antes o confirma. Pertenciavos pois a vós mostrar, que o homem dise mal; e nam excogitar estas saídas, que são solutoens de leigo. E de caminho vos advirtimos, que nam digais mal dos livros em doze; porque vale mais um destes livrinhos, que os voos dois de folha, como julgáram os que os leram.

Mas aqui temos outro argumento insolúvel. *Fora de Portugal avendo Medicos de fama, morrem tantos Reis, e Fidalgos, como em Portugal. Logo aqueles Medicos modernos nam são melhores, que os Galenicos.* Isto sim, que se chama *argumentar ad hominem*. Eu respondo: No Certam de Angola, e nos do Brazil, na Etiopia, na Tartaria Persia, China, Japam, &c. a gente vive tanto como em Portugal, e talvez mais; como nos ensinam os Itinerarios mais celebres. Logo os Medicos daquelas Nações são tam bons como os Portuguezes, e muito melhores. A solução é a mesma.

Dizeis mais; *que se a experiencia mostra, que Galeno manda sangrar, e purgar a tempo, e com isto alivia o doente; que nos importa, que a sua Filosofia seja desta, ou daquela casta?* Temos outra ignorancia. Esta proposição envolve contraditórios. Nam pode mostrar a experiencia, (que é o mesmo que a constante observação; porque um, ou dois cazos nam se chamam experiencia) que o homem manda sangrar, e purgar a tempo, se acaso ele nam forma justa ideia da enfermidade. Nam pode formar justa ideia da enfermidade, sem primeiro formar justa ideia do corpo, e suas partes; (que é a Anatomia;) e justa ideia das doenças, que se podem formar nelas; (que é a Teoria) e justa ideia do remedio, (que é a Fizica) Ora eis aqui temos, que para o Medico purgar a tempo é necessario que seja bom Fizico.

E é coiza ridicula cuidar, que o bom Medico disputa de que partes insensíveis se compoem os corpos, como vos supondes. Já o Critico tinha advertido que isto nam era necessario: (1) pois nem ainda o puro Fizico pode falar nisto com fundamento. Onde se tiveseis lido o autor na dita pagina, acharieis a resposta a tudo o que dizeis aqui; pois nenhum parentesco tem os principios insensíveis dos corpos com as leis da Mecanica, que são as necessarias para o Medico, e as que o Autor encomenda, e se nam acham em Galeno, e menos nos Galenicos.

Finalmente S. P. é tam versado na Medicina, que até sabe perfeitamente curar os cavalos, como mostra no ultimo paragrafo. E conclue dizendo, *que os sistemas modernos tanto servem para a cura do pleuriz, como a lingua dos pretos para entender Latim.* Mas nós, que nam sabemos tantas coizas, dizemos que S. P. aqui nam sabe que coiza é *sistema*: e cui-

da

da que as opiniões particulares são os sistemas da Filosofia, ou Medicina. Leia o Daniel Clerico na *Historia da Medicina*, que ele lhe ensinará que coisa são *sistemas*, que eu agora não tenho tempo, nem paciência para isto. E respondo a S. P. que é pena não se ter applicado às curas, que disse acima, porque sem duvida seria um estupendo alveitar.

Concluamos pois, que tudo quanto dizeis nesta vossa Reflexão, não justifica os vícios, que o Critico condena; nem desfaz o metodo que ele aponta; nem finalmente condena as proposições separadas, que o Critico escreve. E assim devemos todos reconhecer nele, que epilógou em poucas palavras o melhor metodo da Europa.

R E F L E X A M XIII.

Do Direito Civil, e Canonico.

QUando vi este titulo pasnei, de que sendo vós tão vasto de noticias, e tão abundante de conceitos, que tendes cabedal para falar em toda as materias, que não entendeis; ajunteis em um titulo duas materias tão difficultozas, em que o Critico falou com tanto fundamento, e tão copiozas, que bastavam para dar argumento a muitas cartas. Mas sem duvida no vobro Vocabulario o *Direito Canonico*, e *Civil*, são a mesma coisa; assim como também já vimos que *Etica*, e *Teologia Moral*, *Grammatica*, e *Latinidade*; *Astronomia*, e *Astrologia*; *Opiniões particulares*, e *Sistemas*; tudo eram a mesma coisa.

Mas vamos a isto. Se em todas as cartas (dizeis) manifesta o Critico a sua vaidade, e mal fundada presunção, nesta, e na seguinte parece mentecato. Se é pouco, perdoe por agora, que em outra ocasião lhe darão maior esmola. E os nossos PP. disseram à uma voz, que se em todas as Reflexões vós mostrais a vossa ignorância, nesta pareceis que não ao menos tendes alma racional.

Ponho já de parte a vossa singular Logica, que vos ensina nunca provar contra o principal ponto, que diz o Critico; mas ir buscando arredores para arranhar. Quinze paragrafos contém esta vossa Reflexão, nos quaes se acha uma invetiva continuada desde a primeira palavra até a última; e nenhum argumento para deitar abaixo o que diz o Critico. E este é o vobro modo de censurar? isto é o que eu vos ensinei? Perdoe Deus a quem vos ordenou de mais.

O primeiro paragrafo é todo satira, e calumnioza; porque o Critico não nega, que em Portugal se saiba Direito: diz sim (1) que se estuda com muito trabalho, e sem metodo: e comumente fala aqui dos estudantes, e Bacharéis: e vós applicais tudo aos Mestres com manifesta calúnia.

lumnia. O segundo, e terceiro paragrafos contém uma noticia, que nos dá dos estudantes da Universidade; como se o Critico necessitare de tal noticia. Com tudo isto não respondeis ao que ele escreve. Ele diz, que nenhum deles Bachareis; que vós louvais tanto, fez nunca a lisa de ponto para o leuato: e que daqui se prova que não sabem; porque se soubessem bem, não necessitariam de que outrem lhe fizesse. Diz mais, que todo o estudo daqueles oito anos se reduz regularmente a um; ou dois; e que o mais tempo se perde. E isto são fatos notorios; que ninguém pode negar.

Diz mais, que o metodo, com que ensinam aos estudantes o Direito, não pode produzir outro effeito; porque não comem pela Historia, e Etica, que são as fontes do Direito Romano. Diz mais, que estes, que estudam pouco, ou nada, como são todos os matriculas, que são infinitos, depois com o exercicio do foro fazem a sua obrigação também como os outros. E daqui colho, que o estudo da Universidade não servio a estes de nada. E isto também são fatos notorios. E que respondeis vós a tudo isto? nada. Onde seria melhor não teres falado em metodo, nem em Direito.

No terceiro paragrafo são um Lente da Universidade dizendo, que sendo o Direito uma estrada de muitas Legoas, ele só teria andado uma Legoa. Que prova isto contra o que diz o Critico? Ele argumenta com a razão intrínseca; e vós respondeis com a autoridade de um homem, que não sabemos quem é, nem se sabia o que dizia: e ainda concedendo que fosse doutissimo, não prova nada; porque podia entendelo assim, e erra. Por um que vós citais, cita ele muitos Jurisconsultos dos maiores homens; que conhecêram estes dois ultimos séculos; que não só souberam Direito muito melhor do que este vosso Jurisconsulto; mas souberam mil outras coizas, que o tal Jurisconsulto nunca soube. Vale mais a autoridade somente de *Hugo Grotio* em materia de Leis, que todos os voos Jurisconsultos: e assim o julga toda a Europa. E isto prova novamente contra vós, que quem estuda com metodo, pode saber muito mais, que o que diz o Jurisconsulto das legoas.

Mas vós fallaes no tal Jurisconsulto para poder picar o Critico com a collumada *patientaria* de dizer, que aquillo o dizem os autores *Francizes*: como se isto provasse alguma coisa contra ele; ou como se aquillo o não dissem também os *Inglezes*, *Olandezes*, *Italianos*, e *Tudescos*! E aqui acho uma vossa proposição, que me parece de preto bufal: *Nem nos persuadimos também, que bastem os atos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz-se, como diz o adagio.* Pode-se dar caíde semelhante!

O quarto paragrafo contém outra calunnia. O Critico diz, (1) que

quem nam sabe Politica, nam pode fazer a sua obrigasam em nenhum emprego publico; e vai nomeando brevemente todos os empregos. Vós applicando o documento somente ao Conselho Ultramarino dizeis, que o Critico diz, *que naquele Tribunal so se devem admitir pessoas, que tenham visto mundo; porque se nam sabem o que vai la por fora, nam saberam votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fora do reino: Como tambem nam pode tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem nam tem andado por elas.* E que vos parece esta calunnia? pois assim costumais vós fazer.

E para provar se sois louco, basta ler o que aqui dizeis dos Capitães, Pilotos, Carpiuteiros, e Marchantes. E deveis de caminho saber, que uma coisa sam *axiomas*, e outra *arbitrios*, e *maximas*. Mas esta propriedade de termos nam é para vós.

Mas va ja por uma vez esta nao ao mar, e saia finalmente do retrete de S. P. uma maxima Politica, capaz de fazer tremer os milhores gabinetes da Europa. E qual será? ela vai: *que para esles empregos basta a praxe do que se tem ordenado em semelhantes cazos, e o mesmo bastará para o Conselho de Estado, e mais Tribunaes.* Mas os Reis da Europa, que praticam o contrario, poderam tambem defenderse com o exemplo de Portugal, que nam costuma regularmente entregar as Secretarias de Estado, senam a quem saio fora: e nam á diversa razam para os Conselheiros, *proportione servata*. E o Critico póde ajuntar a isto a autoridade de D. Luiz da Cunha e do Conde de Tarouca, que vós ocultastes, porque vos nam servia: e pode tambem provar com evidencia, que os que nam saíram de Portugal, discorrem nestas materias como vós; que é o mais que se pode encarecer.

Nam podeis entender, como os Interpretes fizessem mais embaraçado o texto de S. Tomáz: pois é bem claro: Atribuindolhe coizas, que ele nunca dise: Fingindo sentenças, que ele nunca sonhou; e tirando daqui questoes, que nam se deviam tirar; e de quatro regras, que ele escreveo, formando dez cadernos superfluamente. Se os Comentadores tivessem explicado bem claramente S. Tomaz, porque nam aviam de concordar os Tomistas todos na intelligencia do texto? porque razam os outros, como o Vasques, &c. que o explicam, nam seguem as mesmas opinioens. Este é o mesmo cazo de Aristoteles. Porque os Escolasticos o quizeram explicar a seu modo, por isto oje os que lem o texto com o socorro da Historia, e Critica, acham nele coizas bem diferentes do que disseram os Escolasticos. Mas eu vou entrando muito na *Historia Critica da Filozofia*, que é coisa que vós nunca lestes, nem ouvistes.

No decimo paragrafo saie a vossa erudisam legal a revelarnos, que tambem a Rota revoga o que primeiro tinha firmado. A noticia é bem recondita! O Critico nem tal sabia, nem tinha lido o Cardial de Luca, nem con-

consultado, e conferido as Decisões antigas de *Seraphino* com as *Recentiores*, nem com as *Volantes*, nem com aquellas que chamam *Coram*, v. g. *Coram Molines*, *Coram Falconerio*, *Coram Caprara*, &c. Mas que coiza boa saie daqui? Logo nam prova; que ca nam tenhamos bons *Juristas*, *quod erat demonstrandum*. Grande *Juriconsulto*, e *Matemático* se perdeu em vós. O *quod erat demonstrandum* era, que o metodo era muito mau; e isto está provado evidentemente.

O undecimo, e duodecimo paragrafo tem coizas de grande considerasam. Primeiro ordena S. P. que nam estudem os *Juristas* o Grego, porque tudo isto está em Latim: e nam devemos por novo pezo aos *Juristas*. Em segundo lugar, que nam estudem *Historia Romana*, e *Eclesiastica*: porque basta saber o que manda a lei, sem ser necessario saber, se foi promulgada neste, ou naquele cazo. Assim o ordena S. P. e ninguem lhe pode replicar. E ainda que lhe digam, que nos outros reinos os rapazes saiem das escolas do Latim com o Grego sabido: e que para saber o que a lei manda, é muito necessario saber o sim, porque foi promulgada, e o tempo, &c. Isto nam importa nada; porque como S. P. nam quer, nam temos mais remedio, que calarmos: ou dizer que o Papa, e mais *Principes* fazem muito mal em consentir nas suas *Universidades* cadeiras de *Historia*, porque é uma coiza superflua, e prejudicial ao *Direito*. Finalmente nisto para a vossa *Critica* do *Direito Civil*.

A do *Direito Canonico* tem so tres paragrafos, e contem isto. Primeiro que o *Critico* nam dá fundamentos para dizer que ca nam se sabe *Direito Canonico*. Isto é falso; porque o *Critico* só tem por fim, mostrar os defeitos do metodo, comque se estuda, e apontar o modo de os emendar: e isto tem ele conseguido. Em segundo lugar, que suba o *Critico*, que *Gregorio XIII.* mandou expurgar os erros de *Graciano*. Grande omem! chapadissimo *Doutor* é este noso *Fr. Arsenio*! nam se pode dizer coiza melhor, nem mais erudita, e profunda! E quem vos mandou, *Fr. Arsenio*, esta noticia tam particular? como a podestes pescar? sem duvida tendes vigilantissimas espias em *Roma* dentro do gabinete; porque de outra sorte nam era possível descobrir semilhante noticia. Vede se podeis descobrir outra; que vos diga, que *Graciano* escreveu com bom metodo, e que fez uma obra util, e digna de ser explicada com preferencia aos outros. que esta noticia seria mais necessaria para o ponto.

E que diria o noso *Fr. Arsenio*, se as suas espias lhe avizassem, que *Pio IV.* e *Pio V.* antes de *Gregorio XIII.* ja tinham mandado emendar o *Graciano*; e tudo estava feito antes do ultimo Papa? que diria, se ouvisse, que o *Van-Mastrich* imprimio em *Lipsia* o *Graciano* com as *Instituições* de *Lanceloto*, e belissimas notas? e lhe mandassem outras noticias semilhanes! Entam sim, que enchia a barriga de quindos a todos, e trilhava dos *Juriconsultos*, e do *Critico*.

Em terceiro lugar diz, que os canonistas nam devem saber nem Ictoria, nem Grego, baltando que entendam Latim. Prova isto com Confucio Filozofio Chinez, cujas obras traduzio em Latim o P. Couplet. *Digame agora (continua) se para eu entender as sentensas deste omem, tenho neccesidade de aprender a lingua dos Chinas?* Respondo, que para entender superficialmente, nam tenho tal neccesidade; mas para as saber fundamentalmente, sim. Porque se ea enlihar, ou de'ender a dita doutrina, e vier alguem dizendome, que o P. Couplet nam soube o que dise; porque Confucio uzou de diferentes palavras, e em diferente sentido, e me citar Confucio em Chinez; sera' neccesario que eu saiba a dita lingua. E ja que estamos em uma materia, que vós nam sabeis, quero com o vósio mesmo exemplo mostrar-vos que dizeis mal.

Os primeiros que estudaram a doutrina Sinica, disseram que os Chinas eram Ateos, e que o seu Deus era a materia Celeste. (1) E isto mesmo confessaram os PP. Sabbatino, e Ruys Jezuitas em tratados particulares: (2) e o P. Longobardi provou isto contra o famoso P. Ricci. (3) Desorte que o P. Vieira Visitador, movido das gritarias de tantos Missionarios, quiz condenar a opiniam do P. Ricci. O mesmo disseram outros Missionarios Religiozos, e Seculares, e Bispos. Contudo Trigautio, (4) e Semedo emprendêram defender o contrario, com outros, dizendo que nam eram Ateos: e naceo um cisma terrivel entre os Missionarios por esta cauza.

Finalmente apelaram para Roma, e Clemente XI. em 1704. despois de ouvir as informaçoes exatas de ambas as partes, que sabiam bem a lingua, respondeo, que nam se podese[m] servir das palavras *Tien*, e *Xang-Ti*; porque nam explicavam aquilo, que nos entendemos por Deus: e o mesmo determinou na China o Cardial de Tournon. (5) E nacendo despois disto grandes disputas sobre a intelligencia das ditas palavras, sempre Roma confirmou o decreto do Cardial de Tournon. E contudo isto a contenda durou ainda por muitos anos despois, afirmando uns, e negando outros Jezuitas, segundo a intelligencia, que davam ás palavras, e á dedusam que faziam do sistema Filozofico de Confucio. Vede agora, meu Fr. Arsenio, se para determinar as questçoes fundamentais em materia de doutrina, é neccesario saber as linguas originais.

Alem disto, se a vossa razam valêse, ninguém se deveria valer dos textos originais da sagrada Escriitura: e poderia o Teologo seguramente re-

(1) *Veja-se o P. Couplet*, Scientia Sinica. Procerialis declaratio, pag. 40.

42. 44. *Martinus Hist. Sinens.* l. I. p. 17.

S. Franc. Xavier, l. 4. *Epist.* p. 229.

(2) *Apologia pro Dominicanis*, pag. 98. *Gallice.*

(3) *Minorelli Jesuita.*

(4) *De Christ. Expeât.* l. I. c. 10. pag. 104.

(5) *Veja-se a Const.* Ex illa die de Clem. XI.

regêitalos. Comtudo vemos que a Igreja os abraça, com eles argumenta, e castigaria a quem os reprovãse.

Em quarto lugar dizeis, que dise mal o Critico em afirmar, *que a materia de Sacramentis pertencia ao Direito Canonico*. E porque? porque no Direito so se tratam poucas coizas de Sacramentis, e o mais tratam os Moralistas. Está muito bem respondido. E eu digo, que ese muito que tratam os Moralistas, pela maior parte sam sutilezas ridiculas, que se nam deviam tratar. Esta materia ou trata das questoes dogmaticas; e estas pertencem ao Teologo: ou das questoes de disciplina; e estas pertencem ao Canonista, ou Moralista Especulativo, que sam a mesma coiza, como diz o Critico na sua carta. As questoes Escolasticas superfluas pertencem aos Teologos, que falam em coizas, que nam entendem, como fôis vós.

Eis aqui temos toda a critica, que fazeis ao Barbadinho: da qual se segue por legitima consequencia; que em Direito Civil, e Canonico errou o Barbadinho no que dise do metodo de Portugal; que errou o verdadeiro metodo de ensinar o Direito: que dise muita falsidade: que os autores, que aponta, nam valem nada: que o que diz dos defeitos de ambos os Direitos é falso: finalmente que nam acertou com coiza alguma. E verdade isto? saiem naturalmente daquele principio, quero dizer, das vossas Reflexeens estas concluzoens? Direis vós que sim. E o Barbadinho dirá, que apela da vossa sentença para os que sabem que coiza é Direito, e que entendem o que ele diz nas suas cartas: e apela para os grandes Jurisconsultos, que temos em Portugal, dos quais vós podieis ter aprendido a discorrer milhor na materia. E se nem nienos estes lhe quizerem fazer justiça, apelará para França, Alemanha, e Italia, que la lha faram.

Mas no em tanto o dito Barbadinho vos remete à *Bibliotheca Juris Canonici*. tom. 2. fol. Pariz, por Justello, e Moello: e ao *Pandecta Canonum* de Beveregi, Oxonij 2. tom. fol. em que traz os Escolios de Zonara, e Balsamon, &c. e ao *Codex Canonum Ecclesia Primit.* do mesmo: e ali verereis quais sam as fontes do Direito Canonico, e se necessita da Istoria para se entender.

Dizeis mais *que os Juristas da Universidade dizem, que nam querem seguir o metodo do Critico*. Aqui seria licito uzar da vossa mesma resposta, e pedirvos que mostraseis a procurasam autentica. Mas eu nam digo tanto: so digo, que se é verdade que eles dizem, *que nam querem*; que este argumento é de tanta foria, que nam tem resposta.

E aqui tenham entendido todos, que as palavras *nam teve vergonha*, sam palavras abcenas, mal soantes, offensivas do proximo, indignas de sairem da boca a um Cortezam, e quazi quizi *sapiunt harefim*: porque assim o define S. P. que tem uma fraseologia particular para os Cortezaoens; e porque é um homem Palaciano, mui versado nas urbanidades, e etiquetas

da Cotte, on-le sempre pretendeo fazer a primeira figura de Satrapa ; e assim sabe isto fundamentalmente. Mas aqui diz bem um certo proverbio: *Outro officio minhoto, as artes nam sam para vós.*

R E L E X A M XL

Da Teologia.

Finalmente dobramos ja o cabo da Boa esperansa, e entramos em um oceano de cruditiã agradável. Para aqui é que eu guardo as lagrimas, e os votos. E quem poderá, meu Fr. Arsenio, engolfar-se nesta materia, e acompanharvos pelo alto mar das vossas contemplações? Vós com uma nao de primeira linha, bem guarnecida de marinheiros, mui veleira, fazendo cem legoas por sangradura, com uma ciencia mui particular de conduzir as naos a salvamento por entre penhascos, baixos, estreitos, e parceis; foltando cutelos, e varredouras, perdendo de vista com vento arrazada a popa o fatal promontorio, vos engolfais com tanta ouzadia, e soberba, ficamos sumergidos, e confuzos entre as ondas os que navegamos em barcas piquenas, e nam nos atrevemos a afastar das Costas, e Enseadas, para irmos assim mais seguros. Mas como no mar os mais atrevidos sam os que muitas vezes quebram os fofinhos em algum, calhao desconhecido, temo muito nani vos succeda a vós o meimo, pela confianca, comque navegais. Deos nos leve a salvamento.

Nesta materia, que foi toda a vossa profissã, em que tendes escrito alguns cadernos, sem duvida ouviremos coizas mui reconditas. Sairãam textos da Escritura, Tradisoens, Concilios, &c. e irá tudo razo em materia de dogma. Quem poderá duvidar disto? Mas vamos devagar, que pode ser que duvidem todos.

Reduzindo pois a vossa Critica a capitulos determinados, primeira-mente dizeis, (1) *que o Critico desfaz na Teologia Especulativa, como coiza que nam é de proveito, e começou á pouco tempo.* (2) *Que se ve o erro, em que tropeça o Critico, querendo dixer-nos, que a Teologia Especulativa é moderna.* (3) *Que a Teologia Especulativa começou no principio da Igreja, assim como a Dogmatica. que é pafmo ver a seguranca, com que este Critico assevera, que á pouco tempo começuram a apparecer as que chama sutilezas da Escola.* (4) *Que se os PP. desviãram (como diz o Critico) Aristoteles da Teologia, nam foi da Dogmatica; logo foi da Escolastica. E daqui se infere com evidencia, que ja nese tempo avia Escolastica. Tirelhê la a prova. Sam palavras vossas.*

Daqui pois se infere com evidencia, que vos nam sabeis, que coiza é

(1) *Reflex. Apolog. pag. 48.*

(2) *Ibid. pag. 50.*

(3) *Ibid. pag. 51.*

(4) *Reflex. Apolog. pag. 52.*

za é Teologia Especulativa, nem Dogmatica. Mas aqui me parece estar ouvindo dizer aos vossos discipulos: Pode aver arrojo semelhante, como dizer a um P. Mestre em Teologia, que nam sabe que coiza é Teologia? a um Mestre tam celebre, autor publico, cujo nome voa por toda a Europa no frontispicio de livros *in folio*? Mas nam se entadem Vossas Caridades, que nam lóu eu o que digo; ele mesmo foi o que o publicou nas suas propozicoens; e eu com autoridade de leu Mestre, zelo da Religiam, e confiança de amigo, posso ainda dizerlhe pior. Tenham paciencia, e vana ouvindo.

Todos os Autores modernos, que escreveram com bom metodo, examinam que coiza é Teologia, e suas divizoens: e respondem, que nam á mais que uma Teologia *adquisita*; que é aquella *Ciencia discursiva*, que das verdades reveladas tira as suas conclusões. Esta chama-se *Positiva*, se explica os fundamentos, em que se estriba a nosa Religiam, que sam a *Escuritura*, e *Tradisam*; ou interpretando-os, ou confirmando-os, ou defendendo-os. Chama-se *Escolastica*, se explica estes mesmos fundamentos com o metodo das Escolas, e estilo Dialectico, confirmando illo que diz com as outras Ciencias.

Cada-uma destas Teologias se se-emprega em provar contra os Erejes os nosos dogmas, e responder aos seus argumentos, chama-se *Polemica*. Se explica o modo de reformar os costumes, chama-se *Moral*. Se dirige os nosos afetos para amarmos a Deus, como devemos, chama-se *Mistica*.

E como muitos Erejes, a saber, Luteranos, Calvinistas, Socinianos, &c. escarneceram os Teologos da Escola pelas muitas questoes ridiculas, que excitavam; os nosos Teologos para mostrar, que aqueles defeitos, nam sam proprios da Ciencia, mas dos tais Teologos, perguntam; que differença á entre a *Positiva*, e a *Escolastica*? e respondem todos, que realmente é a mesma faculdade, e a differença está no modo de explicar. A *Positiva* serve-se de um estilo mais livre, e oratório, como fizeram os SS. PP. tratando-as materias em livros inteiros, e em diversos lugares. A *Escolastica* serve-se do metodo escolastico sucinto, e com melhor ordem. Onde conclue o Anato. com estas palavras. (1) *Scholastica vero sic hodie dicta, quod in Scholis tractatur, atque discatur, eadem est in re, idemque prestat ac Positiva, diverso tamen modo, h. e. accuratius, subtilius, & ad artis Syllogistica regulas accomodatis: suasque conclusiones interdum, & per accideus, extraneis confirmans, & illustrans argumentis, ut sic facilius iis, qui de foris sunt, Catholicam persuadeat fidem; & omni poscenti de ea: quæ in nobis est, fide rationem reddat.*

Daqui tira o Anato duas conclusões, que sam correlatios do que tinha dito, e que prova extensamente, respondendo aos argumentos dos Ere-

Ere-

(1) *Apparat. ad Theolog. Li. art. 1. p. 3.*

Erejes, e de alguns modernos. A primeira é: *Utramque Theologiam Positivam, & Scholasticam esse unam, & eandem essentialiter, scientiam, solo accidentali quodam procedendi modo diversam.* A segunda é: *Nec sufficere Theologo Positivam sine Scholastica, nec Scholasticam sine Positiva; sed utramque utilem; utramque necessariam; sufficere neutrum.*

O famoso Cardial Gotti Dominicano modernissimo diz o mesmo: (1) *Scholastica Theologia sic dicta, quia in Scholis traditur, & discitur, eadem quidem est ac Positiva, (ut dicetur) sed strictiori modo, & methodo Dialectica regulis accomodatori.... Ego autem Theologia Scholastica ex istis principiis procedat, ac Positiva; interdum tamen suas conclusiones confirmat extraneis argumentis, utens Scientiis inferioribus in obsequium fidei.* E mais abaixo (2) *Utraque Theologia Positiva, & Scholastica est una, eademque essentialiter, solo accidentali quodam modo procedendi diversa.* E prova isto muito extensamente.

O mesmo diz o Habert, (3) o Tournelly, (4) e o Berti, (5) que ainda vive ao presente, e escreve em Roma, e notai uma explicação importante, que elle acrescenta: *Scholastica nuncupamus Theologiam illam, quae ad Syllogisticam artis regulas se se accuratius accomodat, neque apriori (Positiva, diversa est, nisi metodo disputandi. Unde qui servato verborum delectu, & ampliori oratione sua ex Theologicis fontibus deprompserit argumenta, non tam Scholasticam, quam Positivam tenere is videbitur Theologiam.* Onde se ve, que toda a differença é accidental, e mui tenue: porque a Escolastica se pode converter em Positiva, e esta em Escolastica. Da mesma sorte que uma carta familiar se pode converter em silogismos, se a puzermos em forma Escolastica, sem se mudar nada na substancia. Nam cito mais Autores, porque é coisa comua: bastando somente dizer, que nam apontareis um unico autor, que trate a questam, e a nam rezolva deste modo.

Perguntam mais os mesmos Teologos, *que idade tem a Teologia Escolastica?* e respondem que *quoad substantiam* é tam antiga como a *Positiva*, por ser a mesma: *quoad methodum* alguns vestigios vemos nos antigos, que reduziram as materias a tratados, como Origenes, S. Agostinho em certos lugares, S. Joam Damasceno no 8. seculo, e S. Anselmo no fim do 11. Mas que o metodo, comque se trata oje, é moderno de 500. ou 600. annos a esta parte: digo, desde Pedro Lombardo, e alguma coisa despois. Assim respondeo o Tournelly, (6) o Cardial Gotti, (7) o Anato, (8) e todos os outros. E

(1) *Theolog. Scholastico-Dogmat.*
tom. I. q. 1. dub. 1. §. 10.

(2) *Ibid. dub. 2.*

(3) *Theolog. Dogmat. & Moral.*
tom. I. cap. 2.

(4) *De Deo, & Attribut. q. 1. art. 3.*

(5) *De Theologic. Disciplin. Prologom. cap. 1. pag. 4.*

(6) *Loco supracitato, pag. 4.*

(7) *Loco supra, pag. 12.*

(8) *Loco supra, art. 3. pag. 11.*

E è de notar , que o P. Petavio Jezuita começando a sua incomparavel obra , *Theologicorum Dogmatum* , diz no primeiro paragrafo , que publicava uma Teologia , *Non illam contentiosam quidem , & subtilem , quae aliquot ab hinc orta seculis , jam sola pæne scholas occupavit : à quibus & Scholastica proprium sibi nomen ascevit : verùm elegantiores , & uberiorem alteram , quae ad erudita Vetustatis expressu speciem , &c.* Notai bem as palavras deste autor , que é de bom nome.

Isto suposto , dois sentidos tem estas palavras *Teologia Escolastica*. O primeiro é : Teologia metódica acomodada ao estylo da Escola com argumentos , e respostas pelo modo Dialéctico. E neste sentido so se distingue accidentalmente da Positiva : e neste mesmo sentido a louvam todos os autores , que apontamos. Outro sentido é : Teologia fundada nas opiniões de Aristoteles , digo das formas substanciaes , e accidentaes , introduzindo mil questões de possível inuteis , e outras coizas semelhantes , nam tratando senão uma , ou outra questão de dogma , e ainda estas mui superficialmente , e empregando todo o tempo em coisas finas , e metafizicas. Esta é a comua Escolastica. E neste sentido é totalmente distinta da Positiva ; e todos os milhores Theologos a condenam com o mesmo Cardial Gotti : (1) *Quod si aliqui Scholastici , relicta Scriptura , Conciliis , & PP. autoritate , plus aquo ad rationes naturales confugiunt , non Theologia , sed Theologorum vitium est , qui Metaphysicos potius se ostendant , quam Theologos.* E mais adjante. *Dicam absque metu : Hoc non Theologia Scholastica , sed aliquorum Theologorum vitio vertendum esse.*

Destes principios , que são certos entre os que sabem que coiza é Teologia , segue-se evidentemente , que vós nam sabeis que coiza é Dogmatica , porque a supondes distinta da Escolastica na substancia : como se ve na vossa pag. 50. e 51. em que attribuiz à Dogmatica *se virse da Escriitura , Igreja , e Tradisam Apostolica* , e defender tudo isto contra os Erejes : e à Especulativa attribuiz *tratar somente com a razão a solida doutrina da Igreja : e tratar com muita curiosidade , e pezo de bom discurso muitas questões especulativas.* Como se os principios de ambas forem diferentes.

Segue-se em segundo lugar evidentemente , que nam sabeis que coiza é Especulativa ; porque a separais da Dogmatica em quanto aos principios : como se a Dogmatica tratada com o metodo das escolas nam fosse Escolastica , como bem adverte o Berti.

Segue-se em terceiro lugar , que nam entendestes nada do que diz o Critico : Porque elle expresamente declara , (2) que por *Teologia Escolastica* nam entende no dito lugar , nem o metodo dialéctico , nem as razões naturais , &c. (que estas com o mais são a verdadeira Escolastica) mas somente a Teologia fundada sobre as formas substanciaes , e accidentaes : e
mais

(1) *Loco supra , dub. 3. §. 2. n. 17.*

(2) *Tm. 2. pag. 160.*

mais abaixo diz, (1) *Entendê-se* 1.º *P.* que por *Escolastica* entendo sempre a *Teologia fundada sobre a Física, e Metafísica dos Arabes*; ou da que passa com o nome de *Aristoteles*, que é a *comua Teologia*. Se tiveis entendido estas palavras, verieis que o *Critico* só condena a *Escolastica Peripatetica*, ou *comua Escolastica*. Sendo pois certo que esta nam se introduziu na *Teologia*, senão depois que *S. Tomaz* explicou a *Física de Aristoteles*; com razão disse o *Critico*, que era muito moderna.

E de um homem, que nam sabe que coisa é *Dogmatica*, e nem mesmo sabe que a *Escolastica* se toma em dois sentidos; e que nam leu, nem entendeu o sentido, em que a toma o *Critico*, que se pode esperar? Este homem sem duvida criticará com os olhos fechados, e por força dirá muita loucura; e fingirá um inimigo imaginário; e dará murros no ar; como com effeito vós fazeis.

E assim, ou vós por ignorancia escrevestes estas coisas, e entam mereceis compaixam por falardes em materia, que nam entendeis: ou advertidamente occultastes o sentido, e palavras do *Critico*, e sois um calumniador, e impostor, que quereis enganar o mundo com estas voas *Reflexões*.

Do que fica dito bem entendido saie já naturalmente a respostas a todas as voas proposições mais notaveis. Quando os *PP.* dos primeiros seculos desviaram *Aristoteles* da *Teologia*, foi da *Teologia Dogmatica*: porque ainda entam os dogmas nam estavam reduzidos a *metodo Escolastico*: e muito menos avia a *Teologia Peripatetica*, que comefou no *XIII. seculo*. Costumavam os primeiros *PP.* *Ecleticos* servir-se de algumas opiniões dos *Filozofos*, para convencerem os *Etnicos*, que abraçavam as tais doutrinas. Mas vendo que *Aristoteles* ensinava coisas contrarias à nossa *Religiam*, como acima disse; e que os *Arrianos* com a *Dialectica de Aristoteles* inventavam perigosos erros, (2) encomendavam muito, que se deixasse fóra da *Teologia* tal homem. Ouvi por todos a um dos Doutores bem informados nestas materias, e grande *Filozof*, que foi *Tertuliano*: (3) *Miserum Aristotelem! qui Dialecticam instituit artificem struendi, & destruendi; versipetilem in sententiis; coactam in conjecturis, duram in argumentis; operariam contentionum, molestam etiam sibi ipsi; omnia retractantem, ne quid omnino tractaverit.* O mesmo dizem da *Dialectica* dos *Erejes Gregorio Niseno*, (4) *Gregorio Nazianzeno*, (5) *Ilario*, (6) *Ambrozio*, (7) e outros.

Daqui

(1) *Ibid.* pag. 162.

hæres. 76. c. 2.

(2) *Cum Dialecticam adprime celeret (Arius) in absurdos sermones delapsus esset.* *Sozomenus Hist. l. 1. c. 15.*

(3) *Lib. de Prescript. c. 7.*

(4) *Lib. 2. adv. Eunom.*

(5) *Orat. 16.*

(6) *Lib. 12. de Trin.*

(7) *Lib. 1. de Fide, c. 3.*

Dialecticis tricis totas deditas (Eunomius) Divini Verbi ratione non omnem quibusdam figuris explicabat. *Epiphani.*

Daqui se mostra evidentemente, que são falsas estas vossas proposições: (1) *Que quem não tem estudado Especulativa, não sabe dar razão de innumeráveis perguntas, que se lhe podem fazer em materia de Religiam.* Citaes alguns textos, e concluez, que estes só os entendem os Especulativos, e não os Dogmaticos. E logo acrescentais, (2) *que raro é o erro contra a fé, que não conheça quem for versado na Especulativa.*

Nestas proposições se ve claramente, que por *Especulativa* entendeis a *Escolastica Peripatetica*, que é o que communmente se entende por esta palavra *Especulativa*, ou *Escolastica*. Ora isto é manifestamente falso: porque os que tem estudado somente aquellas coizas, como não tem estudado os fundamentos, de que se tiram as doutrinas reveladas, não sabem que coisa é de fé, nem que coisa contra a fé; como estamos vendo nella vossa critica. E assim só podem saber responder a questões metafisicas, totalmente inuteis, e ás quaes não querem saber os verdadeiros Theologos. Onde a verdadeira proposição é esta: *Que será bem raro o erro, e tal que nenhum rustico o possa ignorar, o qual conheça quem somente sabe Especulativa.*

Aqui mesmo se acha uma contradicção patente. Dizeis (3) *que os Especulativos sabem dar razão dos textos da Escriitura que citaes.* E logo dizeis (4) *que a Dogmatica pura pertence explicar o sentido em que falam as Escrituras.* Isto, meu Fr. Arsenio, é contradicção.

Daqui também se segue que é falsa esta vossa proposição; (5) *Que S. Tomaz mostrou, que o sistema de Aristoteles se ajusta melhor com os dogmas da religiam. E que o santo fundado nestes mesmos principios naturais escreveo contra Gentes.* Aqui temos dois erros grandes. Primeiro: S. Tomaz não mostrou, nem podia mostrar, que o sistema de Aristoteles se unia com a nossa religiam, pois S. Tomaz não podia concordar coizas totalmente opostas. Já acima fica dito qual era o sistema de Aristoteles, e como era contrario a nossa religiam. S. Tomaz explicou as opiniões particulares; e servio-se delas nas ocações; mas nunca do sistema. Vós não sabeis que coisa é *sistema*.

O ser queimado Aristoteles publicamente por ordem de Gregorio IX. e proibido por mais de trezentos anos em Pariz com excommunições gravissimas pelas herezias, que produzia; (6) e condenados depois Pomponacio, Cesalpino, Cremonino, e outros por terem abraçado o puro sistema de

- (1) *Reflex. Apolog. p. 49.*
- (2) *Ibid. pag. 49.*
- (3) *Ibid. p. 50.*
- (4) *Ibid. p. 50.*
- (5) *Ibid. p. 52.*
- (6) *Immo, & alii (hæresibus) nondum inventis præbere poterant, iussi sunt*

I. Aristotomnes (Aristotelis libri) comburi: & sub poena excommunicationis cautum est in eodem Concilio, ne quis eos de cetero scribere, & legere præsumeret; vel quocumque modo habere. Rigordus in vita Philippi Augusti apud Launoium da Fortuna Aristotelis. c. I.

Aristoteles : isto que nam vos tinha conta, calastes yds : e só falastes em Santo Tomaz. Mas nam sabieis, que S. Tomaz nam teve por fim unir Aristoteles com a Religiam; mas somente mostrar, que do tal Filozofio se podiam tirar opinioens, de que os Teologos se servissem, sem produzirem as erezias, que todos os dias nacião da sua Dialectica. Nem S. Tomaz podia ter outro fim, supostas as prohibiçoens dos Papas, e Concilios dese tempo.

Isto mesmo se confirma com a istoria destes seculos: porque vemos, que os mais doutos Teologos dese tempo, como o Cardial Alliaco Cancellario Parizienſe, (1) e seu discipulo o Veneravel Gerſon tambem Cancellario, (2) e outros muitos declamaram sempre contra a introduſam deſtas Filozofias na Teologia, pelos danos que produziam todos os dias. E que a meſma Faculdaſe Parizienſe acuzando Fr. Joam de Montelono Dominicano a Clemente VII. na ſua obediencia ao Pontifice Maximo, poem a culpa deſtes erros aos que introduziram Aristoteles na Teologia: e eſpecialmente diz que S. Tomaz pecara contra o decreto de Gregorio IX. (o que eu nam creio, pois tenho boa razao para julgar, que teve licenſa ou tacha, ou expreſa) e que a tal Teologia ſe devia reformar. (3) E ſempre é

ver-

(1) No livro que eſcreveo contra Pſeudo-Postores.

(2) Deinde cur ob aliud appellantur Theologi noſtri temporis Sophiſta, Verboſi, & Phantaſtici, niſi quia reliſtis utilibus, & intelligibilibus pro auditorum qualitate, transferunt ſe ad nudam Logicam, vel Metaphyſicam, aut etiam Mathematicam: ubi, & quando non oportet, nunc de interſione formarum, nunc de diſiſione cōtinui, nunc de tegentes ſophiſmata Theologicis terminis obumbrata, nunc prioritates quaſdam in Divinis, meſuras, durationes, instantia, ſigna natura, & ſimilia in medium adducen-tes: qua, eſſi vera eſſent, & ſolida, ſicuti non ſunt; ad ſubverſionem tamen magis audientium, vel irriſionem, quam ad rectam fidei adificationem ſape proſciſcitur. Gerſon Leç. 8. in Marcum. E o meſmo Autor no Exame doſtrinarum prefero S. Boaventura a todos os mais, como menos ſogeito aos ditos defeitos.

(3) In omnibus (inquit Facultas) etiam arduiſſimis Fidei articulis, ipſe

(D. Thomas) utitur dictis Aristotelis, & immiſcet ejus Philoſophiam doſtrina Fidei, ſicuti patet cuilibet intuenti. Hoc autem prabet occaſionem errandi, cum ipſe dicat, quod authoritates Philoſophorum ſunt argumenta extranea doſtrina ſacræ. E no tim. Nec apparet iſtud mirabile, ſi S. Thomas in hac doſtrina erravit: quia, ut dicunt, non loquitur ibi Theologicæ, cum nullum Scriptura, aut SS. autoritatem inducat. Sed ſolum Philoſophicæ & ſecundum rationes naturales. Hoc autem in doſtrina Theologica præſtat occaſionem errandi... Unde dicunt etiam, quod interminis Philoſophiæ & naturalibus principiis in eodem loco c. 15. erravit manifeſte... Dicunt etiam quod in pluribus locis doſtrina ſacræ ipſe erravit, per hoc, quod principia Philoſophiæ, ſeu quaſdam Philoſophorum verba ad concluſiones Theologia nimis applicavit. In Corollar. 1. probat. 1. concl. 3. c. 3. apud Læunoium de fortuna Ariſt. c. 1. 2.

verdade, que os milhiores Teologos reprovaram esta introdução: ainda que o abuzo ao despois venceo, e introduzio o que primeiro se condenou. E nenhum Pontifice condenou nunca a Faculdade Parizienſe, ou aos mais Teologos, por terem censurado S. Tomaz, e os mais que o seguiram, nesta materia.

O segundo erro está em dizerdes, que S. Tomaz com os principios de Aristoteles escreveu *contra Gentes*. O Santo escreveu contra eles com os principios da boa razão, e nam com os de Aristoteles, que nam podem servir para convencer Idolatras. Era melhor nam falar no que nam sabeis, nem entendeis, do que escrever tais falsidades.

Daqui tambem se vê a falsidade desta vossa proposição: (1) *Que para apura dogmatica é que serve a Istoria Ecclesiastica, e a Civil pouco lhe serve.* Assim fala quem nam sabe que coisa é dogma. O principal ponto da nossa Religiam é a verdade de ambos os Testamentos. Esta nam se prova se nam com a fundada noticia da Istoria Profana. Lede o famoso Huctio na sua *Demonstram Evangelica*; e vereis que se serve de toda a Istoria para isto. O outro ponto principal da Dogmatica Cristian é a Viuda de Cristo. Para mostrar a verificação das Profecias de Daniel é necessario recorrer à istoria antiga profana; e sem isto nam se prova. O Testamento velho pela maior parte é uma istoria. A intelligencia de muitos lugares nam se alcança sem a istoria profana. A istoria Ecclesiastica dos primeiros seculos encadeia de sorte com a istoria dos Imperadores, que Monsieur de Tillet mont escrevendo a istoria dos primeiros seis seculos da Igreja, vio-se obrigado para o dito effeito a escrever a vida dos Imperadores dos ditos seculos. Milhares de definições de Concilios, principalmente Gerais, nam se podem entender sem a istoria desse tempo, nam só Ecclesiastica, mas Civil. Nam quero mais provas, porque estas bastam, e nem menos vós as entendeis.

Tambem daqui se mostra ser falsa a vossa proposição; (2) *Quanto à lei, em que o Critico ordena, que na Teologia se nam introduza a razão natural, salvo se for necessaria para explicar os dogmas, nam estamos por ella, por ser feita sem legitima autoridade, e tambem ser contra a mesma razão.* Mas por força aveis de estar por ella; porque se segue da definição da Teologia: a qual como se funda em principios revelados, nam podemos servir nos da razão, senam para confirmar os dogmas, e tirar conclusões deles.

Isto mesmo ordenaram todos os PP. antigos. S. Agostinho diz; *Nil salubrius in Ecclesia Catholica fieri, quàm ut rationem precedat autoritas.*

(3) *Ut in quibusdam rebus ad doctrinam salutarem pertinentibus fides precedat rationem.* (4) S. Cirilio: *Post fidem cognitio sequitur, non illam antecedit*

I ii

(1) *Reflex. Apol. p. 50.*

25.n. 46.

(2) *Ibid. pag. 52.*

(4) *Epist. 222.*

(3) *L. de Morib. Eccles. Cath. l. c.*

cedit. (1) S. Joam Demasceno: Porro decet Reginam ancillarum-quarundam uti ministerio. Accipiamus igitur doctrinas istas, tanquam veritatis famulas; & impietatem, quæ tyrannico dominatu sibi eas usurpaverat, procul amandemus: neque bono-male utamur; nec ad circumveniendo simplices convertamur artem illam disputandi. (2) E S. Tomaz de Aquino diz o mesmo: Utitur etiam sacra doctrina ratione humana, non quidem ad probandam fidem, sed ad manifestandum aliqua alia, quæ traduntur in hac doctrina. Cum igitur gratia non tollat naturam, sed perficiat, oportet quod naturalis ratio subserviat fidei; sicut & naturalis inclinatio voluntatis obsequitur Caritati. (3)

Os milhores Teologos excitam a questam: *Se a Filozofia é necessaria ao Teologo?* e respondem uniformemente: *Humanum rationem fidei subjici debere, non præponi ei subservire, non dominari.* Assim responde o Tournelly, (4) o Berti, (5) e os mais. E finalmente nam apparecerá um só autor dos que tenham nome, e escrevesem nestes ultimos tempos, em que as Ciencias se restauraram, que excitando a questam, nam responda do mesmo modo; e nam prove largamente, que a razão só tem lugar na Teologia, em quanto serve para aclarar os dogmas, ou provando aqueles, que são notos lumine naturæ; ou desfazendo os argumentos contra os outros, que só constam pela revelação. Donde se segue, que o Critico disse o que dizem todos os que entendem a materia. Mas isto para vós, torno a dizer, é Grego, e Hebreo.

Aqui mesmo dizeis duas grandes falsidades: Primeira: *Que o Critico diz que o Concilio de Trento acabou no ano 1650.* (6) Segunda: *que encomenda que estindem por Origenes cheio de Erezias.* (7) Leia-se toda a carta do Critico, nam se acharão semelhantes propozicoens. Vós lestes no Critico estas palavras, (8) *desde o fim do XIII. século até o Concilio de Trento no meio do XVI. e logo com a vossa Logica inferistes, que o Critico asentou, que tinha acabado em 1650.* Se soubeseis, que o Concilio de Trento foi celebrado bem no meio do XVI. século, nam cairíeis em tal erro.

Dizeis mais, *que a questam do principio que em termos se tratou no Concilio Florentino.* (9) E eu digo que é mentira: porque dos cinco pontos, que se trataram no tal Concilio, os dois primeiros, que pertenciam à Trindade, foram estes, e nada mais: *Se o Espírito Santo procedia do Pai, e do Filho, como de um principio: = Se se devia conservar a palavra Filioque no Simbolo.* Isto provouse com autoridades de Escrituras, e SS. PP. Gregos, e Latinos; e nam com questoes Metafizicas. Nem os Gregos, e muito menos Marcos Arcebispo de Efezo, e Bessario Arcebispo de Nicca, eram

(1) L. IV. Comment. in Joan.
(2) Dialogor. primo.
(3) L. p. q. 1. a 8. ad 2.
(4) Loco supra citato, art. 4. conclus. 2.

(5) Loco supra, cap. 2. propos. 3.
(6) Reflex. pag. 48.
(7) Ibid. pag. 53.
(8) Tom. 2. pag. 162.
(9) Reflex. pag. 51.

eram omens capazes de se deixarem persuadir com termos Escolásticos; pois eram capazes de negar a luz do meio dia. E o mesmo fizeram os Latinos por boca de Fr. Joam: *Videtur inter nos illud constare debere, sacra Scriptura, testimonia, Sanctorumque Patrum, quos secundo loco Ecclesia Sancta recipit, sententias in his disputationibus afferendas: habendusque esse veluti quosdam terminos nostra disputationis, quos transgredi non liceat, aut arguementanti, aut respondenti.* (1)

Se nas disputas particulares algum dos Latinos, como Fr. Joam de Montenegro Dominicano, ou Joam Bilpo de Forli, se servio de alguns termos Escolásticos, isto nam é o mesmo, que ter necessidade o Concilio da tal questam para definir o dogma, ou tratarle em termos a questam ao dito Concilio. Leia V. P. o Concilio *in fonte*, e nam nas postilas, como fez quando copiou as suas; e nam nos venha ea vender louhos por dezoens do Concilio Florentino.

Diz mais V. P. (2) que fez muito mal o Critico em dizer, *que o Belarmino nam dá cabal solusam aos argumentos; e que devia apontar qual era o argumento, que nam solta bem.* O Critico nam escrevia uma disserta-
sam, mas uma carta; e nam devia apontar os argumentos, quando só incidentemente tocava o tal ponto. Que pois o Belarmino nam responda bem, e nam explique bem muitos argumentos, isto só nam sabe quem nunca estudou Dogmatica. Vá V. P. a Roma, e fale com o P. Berti, que está actualmente compondo nestas materias, que ele lho dirá muito bem: ou também confronte o Belarmino com os outros Dogmaticos modernos, e entam verá se dise bem o Critico. Mas isto é para quem o entende. O Belarmino traz bem os argumentos; porque os copiou fielmente dos mesmos Erejes: muitas solusões nam explicou bem para o noso tempo; porque seguindo o metodo Escolastico foi demaziadamente breve; e porque os Erejes depois diso tem escarafunchado muitas mais coizas. Isto é o que diz o Critico, e entendem todos os que sabem a materia. E isto nam prejudica nada ao merecimento de Belarmino respectivamente ao seu tempo; pois só neste sentido é que o louvam todos.

Aqui mais se escandaliza V. P. dizendo, *que o Critico mete medo aos Teologos com dizer, que os Judeos tem fortissimos argumentos.* V. P. tem virtude particular para calumniar, e troncar as propozicoens. O Critico só fala dos Teologos *Escolásticos Peripateticos*, (3) v. g. como V. P. que sã Teologos de agoa doce. E destes diz com razam, que nam sabem responder aos Judeos. E senam fasa a experiència: fale com algum destes Judeos de Olanda, ou de Salé, &c. e verá se nam lhe succede o mesmo, que succedeo aos Jezuitas de Gibraltar. E quem poderá duvidar do mau successo, vendo que pondo V. P. nas suas postilas (4) um titulo muito formozo de

Existen-

(1) *Seff. XVII.*

(2) *Reflex. pag. 51.*

(3) *Tom. 2. pag. 17.*

(4) *Tom. 1. part. 2. pag. 6.*

Existentia Trinitatis, e querendo prova-la contra os Judeos, os fundamentos que dá se reduzem a um paragrafinho de dez regrinhas; e passa logo às Metafísicas. E parece-lhe ser este o verdadeiro modo de provar o mysterio da Trindade?

Alem disto, no seguinte tratado, em que promete tratar da *Incarnação do Verbo*, dizendo mil metafísicas inutilissimas, teve tanto que fazer com elas, que totalmente se esqueceu de tratar a principal, e fundamental questam: *Existit Incarnatio Verbi*. E se V. P. nestes dois tratados, que são os que nos separam dos Judeos, não provou o que devia; com que cara nos diz; ou que os Escolasticos provam muito bem os Dogmas, ou que podem confutar os Erejes, e Judeos com esta casta de Teologia? Leiam os que duvidam todas as disputas de V. P. e achará, que em lhe cheirando a dogma, supõem a coisa certa, e definida, e vai-se safando para a Metafísica, para poder dizer coisas muito engenhozas. Desfarte que se ouvirmos de julgar pelos seus escritos, podem dizer que não sabe mais Dogmatica, que a que pode ensinar a Cartilha do Mestre Ignacio. E se V. P. sendo um Mestre em Teologia tão celebre, cae nestes erros, e defeitos, que quer que suspeitemos dos outros, que não chegaram à sua erudição?

E se o Crítico em outra parte (1) diz, que os Judeos tem omens douturissimos, e que sem ter grande erudição é perigozo falar com eles nestas materias, não diz mais que aquilo, que experimentam todos os dias os Catholicos, que tratam com eles, ou escreveram contra elles. Ora ouzã V. P. o que a mim me succedeo uma vez, quando eu não lia mais que Escolastica.

Por acaso encontrei-me em Italia com um Ebreo moço de 22. anos, chamado Abraam de Capua. Vendo-o de tão poucos anos, e de boa percesão, cuidei de o convencer às duas palhetadas. Mas logo que lhe toquei os pontos da difficuldade acerca da vinda do Messias, achei que o dito moço não somente lia, e falava as linguas Ebraicas, Caldeia, e Siriaca com maior facilidade, e intelligencia do que eu a Portugueza; mas que também sabia de memoria todo o Testamento velho, as interpretações dos seus Rabinos, e alem disto a Teologia particular deles, a que chamam comumente *Kabala*; como se le em Pedro Galatino, Arcangelo Burgonovense, Joam Reuclino, Joam Pico de Mirandola, e em outros muitos Autores Catholicos, que escreveram sobre a mesma materia. Confessei-lhe a verdade, que me vi bem apertado; porque era incrível a erudição, e agudeza, com que o tal Ebreozinho explicava o sentido dos passos, que eu lhe alegava: e muito me custou acabar onradamente a disputa. Dezejára que V. P. se achasse ali presente, para ver que saida dava às ditas difficuldades com as suas Metafísicas, e sutilezas Peripateticas; ou como manejava os textos da Vulgata por meio dos termos Escolasticos. Mas V. P. nunca se viu nestes banquetes.

E

E nam euide que os Ebreos lá sabem de contratos, como supõem: tem escolas publicas, e Doutores nelas, que sabem muito mais, do que V. P. nam imagina. Leia o Basnage na *Istoria dos Judeos* nos ultimos seculos, e entam sabereis, se tem omens grandes, principalmente em Olanda, Alemanha, Polonia, Ungria, e Turquia: e mais o Basnage nam era Judeo.

Finalmente fecha! V. P. esta sua Reflexam com outra calumnia, dizendo, *que o Critico no fim da sua carta se vai desfizendo pouco a pouco, e ja vai admitindo Escola Media, e Tomistica, &c.* O Critico em nenhuma parte se desfiz; porque em nenhuma parte disse o contrario. O Critico fala das paixoes, que cada um toma pela sua Escola: e diz (1) que cada um pode defender a sua opiniam sem dar em extremos. Que ele nam condona estas Escolas veneraveis. Se a Igreja as permite, que as permite ele tambem. Onde se acha aqui a retrataçam? Por ventura disse em alguma parte, que te nam explicarem estes pontos fundamentais da Escola segundo as diferentes Escolas? De mais, que defende o decreto praedeterminante, ou concomitante, ou a Ciencia Media, ou a pura doutrina Agustiniana, tem necessidade por ventura de defender, e inventar mil questoes ridiculas; que se disputam na Escola, e que de nenhum modo dependem desta? Como á de provar V. P. isto? Pois em quanto o nam prova, nam prova nada contra o Critico. E eu posolhe mostrar o Gotti, o Berti, o Boucat, &c. que defendendo as suas Escolas nam introduzem estas ridicularias. Isto é na supozitam de que o Critico as aprovase: mas ele nam diz tanto; diz *as tolera, e permite*, e sabe Deus porque motivos. E isto está muito longe do cazo, que V. P. supõem.

Mas paraque é tanto trabalho, se o Critico se explica aí mesma? Diz ele: *Especialmente digo isto, falando do metodo: pois é certo que á de ser muito preocupado, quem nam conhecer que este metodo Escolastico fundado sobre a Filosofia Aristotelica, nam é proprio para a Teologia.* Aqui tem V. P. que o autor fala dos Escolasticos Peripateticos, e destes, que cegamente abraçam o seu sistema, e condenam tudo o que nam entendem. Este é o argumento daquelle paragrafo; e nam o aprovar, ou reprovar as Escolas, as quais nam pertencem nem ao fim da carta, nem do dito paragrafo.

E eis aqui temos a sustancia da critica que fazeis á carta da Teologia. Deixo de parte as outras coizas frivolas, que escrevestes, por nam me demorar tanto, e por nam ser decoro meu imitarvos em censurar palavrinhas. E achais vós que com isto tendes mostrado, ou que o metodo de Portugal é bom, ou que o que aponta o Critico é mau, ou finalmente que o Critico nam sabe Teologia Dogmatica, como dizeis claramente em uma parte? Achais, digo, na vossa consciencia, que tendes provado algum des-

tes

tes tres pontos? Pois se nam avieis de provar nada disto, para que fizeste esta critica? para que vos quizeis envergonhar a vós, e a nós Religiam, que tem tantos omens grandes, e que sabem falar nas materias com profundezã, e penetrãlam? Esta é a critica de um omem Mestre em Teologia, e autor de tomos *in folio*? Nam era melhor estares calado, do que sair a publico para mostrares claramente, que nam sabeis que coiza é Teologia: e ainda encina insultar o Critico, dizendo *que nam sabe nada*? Conteleo-vos que estou envergonhado de ver tantas calumnias, e falsidades, quantas ecreveis nesta carta; e pasinam comigo todos os omens prudentes da confiança, com que apparecesteis neste teatro literario.

Propozisoens censuraveis.

Mas aqui diram outra vez os vossos Discipulos: Devagar com isto, que ainda temos um sacco de *propozisoens ereticas*, ou quazi ereticas, que o Critico introduz em toda a sua obra. Vejamos se o são.

Diz o Critico; (1) *O peccado de noso primeiro Pai nos trouxe por castigo sermos sujeitos ao engano: e por pena do mesmo peccado se nos limitou a esfera da nosa perspicacia: nam conhecemos tambem como ele, e somos mais sujeitos a conhecer mal.* E mais abaixo. *Por isto nós pecamos, e pecando nos desviamos da verdade da lei Divina, que é tam conforme a boa razam; porque nam damos atensam a dita verdade.* Aqui diz S. P. que à falsidade, e *aliquid sapiens heresim*. Mas toda esta caraminhola, que aqui fazeis, ultimamente nam prova nada: porque deixando o sentido obvio, e natural da propozisam, tirais mil consequencias galantes, e com elas fazeis toda abulha. Se vós olhaleis para tudo o que diz o Critico neste paragrafo, verieis que nam avia motivo para a censura.

Primeiramente, que a ignorancia seja uma das penas do peccado de Adam, isto ninguem o duvida senam vós. S. Agostiuho a prova exprelamente contra os Pelagianos. *Sunt re vera omni peccanti anima duo ista prænalia, ignorantia, & difficultas.* (2) *In illas igitur ignorantia densissimas tenebras, ubi anima infantis recentis ab utero, utique anima hominis, utique anima rationalis; non solum indocta, verum etiam indocilis jacet; quare, aut quando, aut unde contrusa est?* (3) Que pois a ignorancia seja a fonte da maior parte dos nosos erros, tambem nenhum omem de juizo o pode duvidar, se reflectir nas cauzas, porque comumente erramos. *Approbare falsa pro veris, ut erret invitus; non est natura instituti hominis, sed pænna damnati:* (4) diz o mesmo S. Doutor. Pois isto mesmo é o que diz o Critico no tal lugar. Ali nam se disputa, se Adam podia enganarse antes de pecar: bem claro é, que se enganou. Busca-se a raiz dos nosos erros, e

(1) Tom. 1. pag. 253.

(2) Lib. 3. de Liber. arb. c. 18.

(3) L. 1. de peccat. merit. c. 16.

(4) L. 3. de Liber. arbit. c. 18.

enganos, e acha-se na pena de Adam: que é o que basta para verificar a proposição do Critico.

Vamos á segunda: Que a *concupiscencia* seja outra pena do primeiro peccado, tambem nam duvidará ninguem que sober o que S. Agostinho escreveu nesta materia contra Julianio, (1) e o que dizem as Escrituras, e Concilios. Que pois a concupiscencia nos arraste para outros objetos, e nos impida dar atençam á lei natural, isto confessam todos com S. Paulo: *Videa aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis mea; & captivantem in lege peccati, qua est in membris meis.*

Pois isto em sustancia é o que diz o Critico. Nam examina ali o Critico, se um omen para pecar, deve ter advertencia: ja se sabe que para pecar se requer conhecimento da lei, que o proibe. O que diz é, que arrastado pela fantazia para objetos sensiveis, nam dá a verdade aquela atençam, que era necessaria: porque se a dese, se examinasse bem fundamentalmente a conformidade do preceito com a razam, comumente nam pecaria. Pois vemos comumente, que quem considera, e examina bem os preceitos da lei Divina, ou Natural, e os têm sempre diante dos olhos, difficulmente peca: (supomos o auxilio da graça com todos os mais requisitos) e por isto a Escritura aconselhava aos Judeos, que trouxessem sempre a lei na frente, &c. o que os Farizeos interpretavam mal, trazendoa escrita em fitas de pergaminho.

Digame agora, meu P. do paladar exquisito, *que erezias lhe nam sabem nesta explicação?* Nam sabe V. P. que para criticar uma proposição é necessario ter sempre diante dos olhos o contexto do livro, e o fim que teve o autor? Pois se V. P. assim o observasse, logo acharia que nas tais proposições do Critico nam havia nada que censurar. Se eu quizesse inferir consequências das suas proposições, mostraria que V. P. nam só e Ereje, mas Ereziarca, pois diz coizas bem más, e perigozas, e diametralmente opostas á doutrina da Igreja: mas como fala por ignorancia, por isto lhe perdoo.

A segunda proposição eretica é esta: *O accidente da cor consiste na diversa disposição da superficie de um corpo, que reflete a luz: que é o mesmo que dizer, que nam é uma entidade distinta da substancia.* (2) Esta proposição diz S. P. que se nam ajusta bem com a condemnacão da segunda proposição de Wickleff. Isto mesmo repete S. P. na Reflexão X. querendo provar com particular Filosofia, que Wickleff admitio dois erros: primeiro, em admitir a substancia do pan no Sacramento: segundo, em admitir a substancia, e mais os accidentes no mesmo Sacramento: de que tudo se infere, que nam são identicas ambas as proposições. (3)

Diz mais S. P. que a Graça santificante é inerente á alma do justo, como diz o Tridentino: logo é forma accidental distincta: e diz muito mal

K

(1) Veja-se o L. IV. c. 13. & 28. e o L. VI. c. 14.

(2) Tom. 2. pag. 11.

(3) Reflex. Apol. pag. 33.

o Critico, que os SS. PP. a explicáram diferentemente: (1) porque nam só a graça santificante, mas também os abitós sobrenaturais, a graça auxiliante, os atos do entendimento, e da vontade sam coizas distintas da alma, e nam sam sustancia. *Os que vamos direitos com os dogmas da Fe, chamamos-lhes formas accidentais*: Logo, &c. sam palavras suas na Reflexam IX. pag. 38.

Diz mais S. P. (2) *que sendo a alma racional sustancia, e nam materia, poderemos chamarlhe forma*: como lhe chama o Lateranense V. logo temos muitas mil formas sustanciais. Prova o mesmo das almas dos peixes, &c. logo temos almas materiais.

Esta é toda a critica, que fazeis ao sistema moderno: para responder à qual cabalmente, seria necessário mais tempo, e papel; e seria também preciso, que vós tiveseis lido materias, que nam sabeis: e assim responderei por outro estilo mais breve.

Comecemos por Wickless. Meu Fr. Arsenio, se um omem no meio de Lisboa disese, e defendese, que a ostia consagrada nam era redonda, nem branca, nem gostosa, nem cheiroza, ou pezada: e que o vinho depois de consagrado nam tinha cor, nem gosto, nem cheiro, nem pezo, nem fluidade; estou certo que o nam mandavam para o Santo Officio, mas para o Ospital: e o mesmo succederia a Wickless se tivese dito o mesmo. E assim querer defender que o Concilio definio o que se esta vendo, é ser louco.

Nenhum Istorico, ou Dogmatico atéqui dise, que Wickless, negára os accidentes; mas todos dizem que negára a sustancia. Assim o entenderam todos os que o condenáram: e assim se explicou o mesmo Wickless: *Hostiam consecratam esse corpus Christi tantum in figura, & verum panem in natu a: seu verum panem naturaliter, & corpus Christi figurativer.* (3) As censuras dos Teologos, que se acham no Concilio, tomam as ditas duas propozisoens no mesmo sentido. E note de caminho, que o Cardial Alliaço, que foi um dos Padres do Concilio diz: *Quod accidentia panis manent ibi, hoc insertur ex eo quod supponitur, quod substantia panis transubstantiatur, & accidentia panis sint aliud ab ejus substantia. Istud autem secundum nec est evidens, nec est in Scriptura expressum, nec ab Ecclesia determinatum: sed est unum probabile, tamen receptum ab iis, qui sequuntur Philosophiam communem Peripateticorum. Sed si esset aliquis, qui diceret oppositum hujus, non esset propter hoc tanquam hareticus habendus.* (4) Note bem

(1) Ibid. pag. 33.

(2) Reflex. Apol. pag. 30.

(3) Sam palavras suas na Sess.

(4) In IV. Sentent. n. 6. art. 3.

XV. do Concilio Constant. Veja-se o P.

Labbe Jezuita no tom. XVI. das Conci-

lios, col. 242.

do Mss. que está na Biblioteca dos PP. Franciscanos de Veneza.

bem isto, meu Padre das erezias. O mesmo achará no P. Fortunato de Brescia de *Accidentibus*.

Na Bula de Martinho V. contra os erros de Wickleff, Joam Hus, e Jeronimo de Praga, dada no Concilio Constanciense no ano 1414. quando se ordena o modo de conhecer os que são seus seguidores, se poem varios itens, nesta forma: *Item, utrum credat, quod post consecrationem sacerdotis, in Sacramento Altaris, sub velamento panis, & vini, non sit panis materialis, & vinum materiale, sed idem omnino Christus, qui fuit in cruce passus, sedet ad dexteram Patris. Item, utrum credat, & asserat, quod facta consecratione per sacerdotem sub sola specie panis tantum, & prater speciem vini sit vera caro Christi, & sanguinis, & anima, & Deitas, & totus Christus, ac idem corpus absolute, & sub una qualibet illarum specierum singulariter.* Que coiza mais clara para mostrar o que julgou o Concilio, e o Pontifice do erro de Wickleff? que ocaziam mais oportuna para dizer: *Item, utrum credat, quod accidentia sunt in Eucharistia: quod substantia panis, & vini sit distincta ab accidentibus, &c.*

Mas para nam estar perdendo tempo, explicando-vos estas materias, que tendes estudado: direi brevemente, que esta opiniam, que defende o Critico, e o sistema moderno, que impugna os accidentes Peripateticos, são opinioens Catholicas, nam só toleradas pela Igreja, mas defendidas publicamente em Roma. E baste-vos por prova, que o P. Fortunato de Brescia Franciscano, leitor publico de Filosofia moderna na dita Universidade, entre varias obras que publicou de Filosofia moderna, imprimio um tomo, em que prova este sistema dos accidentes, o qual de dedicou a Monsenhor Fonseca Bispo do Porto em 1740. e ninguem atequi lhe chamou nomes, nem foi condenado por esta cauza. E os seus Religiozinhos defendem o mesmo em Roma. Agora se vós sois; ou quereis ser mais Catolico que o Papa, isto deixo eu julgar aos pios leitores. Entretanto o Critico pode dizer, que vos nam quer obedecer, porque nem sois Papa, nem sabeis o que dizeis.

Esta mesma solusam, basta para todo o sistema da grãa, que se explica maravilhosamente sem formas distintas, e se defende em Roma publicamente em conclusioens dedicadas ao Papa, e Cardiaes, sem que atequi fossem os defendentes castigados por Erejes. E os Espanhoes, que vós dizeis, *que tem juizo em seu lugar*, já á muito tempo que tem abraçado o mesmo sistema. Baste por prova o P. Tosca Filipino da Congregação de Valença, que nas suas obras de Filosofia defende o sistema Atomistico; (1) e o sistema da grãa, segundo as opinioens de Maignan, e Saguens; e contudo foi muito louvado pelos revizores, e aprovado pelo Santo Officio de Espanha.

Nem é difficultozo responder ao que vós alegais pela vossa parte; pro-

K ii

que

(1) Tom. 2. de Phys. general.

que nam mostrarem nenhuma diminuição de Concílio; que diga, *que a Alma racional é forma substancial no sentido Peripatetico*: ou também, *que a graça santificante, e hábitos sobrenaturais, &c. são acidentais no mesmo sentido Peripatetico*. Em quanto nam provais isto, falais; e nam provais nada; por que todas as expressões dos Concílios admitem os modernos: mas como sabem que os Concílios nam definiram estas questões especulativas; mas só definiram os dogmas; explicam as palavras segundo o seu sistema: da mesma sorte que os modernos abraçam as palavras, *materia, forma, e uniam*, sem abraçarem as ideias, que os Peripateticos unem as ditas palavras. Isto é em quanto V. P. nam manda vir de Roma alguma definição, que nos proiba explicar as palavras *materia, forma, e acidentais* fora do sentido Peripatetico; porque entam logo nos calaremos.

Sobre o dizer o Critico, *que os SS. PP. explicaram a graça sem recorrer á forma accidental distinta*, isto só o nega quem como V. P. nam sabe nada de historia, nem de dogma. Todos sabem, quam debatida foi a questão da graça contra os Pelagianos, e Semipelagianos, e o quanto S. Agostinho traballou, e escreveu nesta materia. Nam mostrará V. P. que S. Agostinho se serviu nunca das formas accidentais Peripateticas para explicar, nem apparecerá texto que diga tal loucura. E como se havia de servir delas S. Agostinho, se ele era Platonico Alexandrino, e estes nam admitem tais *formas distintas*? Alem disso, o S. escrevia no IV. e V. seculo: e ellas introduziram-se na Teologia no seculo XIII. E todos os que trataram a mesma materia neste meio tempo, se explicaram sem formas Peripateticas.

O famoso P. Berti Agostiniano, um dos maiores Teologos Romanos, que expoz a doutrina de S. Agostinho largamente, e que por ordem de Benedito XIV. no ano 1747. respondeo a certos Medistas Francezes; especialmente ao Bispo de Rhodes, que em um escrito calumniozo lhe chamou Jansenista, e Bayano; este P. digo, explicando a doutrina de S. Agostinho neste ponto, nega que a graça atual seja qualidade, e diz que consiste somente *na illustração do entendimento, e deleitação da vontade*; (1) os quais atos ele explica pelo modo de Maignan. Nam se a fuste V. P. nemi cuide que é Jansenista; porque a Sé Apostolica tem examinado ja muito bem esse ponto contra os seus acuzadores, e o declarou Catholicissimo. Onde o que disse o Critico, nam é coisa nova, mas velha entre os Teologos de alto bordo, e nam de agoa doce, como V. P.

Quarta propozição eretica; *A natureza humana de Christo unida á Pessoa do Verbo nam é pessoa humana, mas Divina*. (2) Aqui S. P. nam obstante todas as interpretações, que dá a esta propozição, nam acha lido, que possa ser catolico; e assim decide Conciliarmente, que é *ereticá*, ou

ou blasfêmia? Mas a muita Metanizica lhe cegou os olhos do entendimento para nam ver o sentido obvio da proposição.

Qualquer que le a tal proposição conhece muito bem, que o Critico nam ignora, que a natureza criada nam é pessoa Divina, porque são duas coisas realmente distintas. Onde vem a dizer somente, que a natureza humana unida ao Verbo, perde a sua subsistencia, e subsiste na Pessoa Divina. Humam diz mais o Critico, que o que diz o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo, ex anima rationali, & humana carne subsistens*. Unus autem non conversione Divinitatis in carnem, sed assumptione humanitatis in Deum. Quem lê esta ultima proposição, nam julga, que o Simbolo quiz dizer, que a humanidade era realmente Divindade; mas que subsistia na segunda Pessoa, e que se chamava Deus. O mesmo se pode dizer das palavras, *perfectus Deus, perfectus homo... subsistens*. Estamos no erro.

Agora o que eu acho aqui é, que V. P. nam obstante toda a sua Teologia, diz neste lugar coisas intoleraveis. A sua proposição no segundo parágrafo, p. 14. é esta, *Se o Critico confessa, que da natureza humana unida a Pessoa do Verbo resulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que este se nam pode dizer pessoa humana, porque para isto é necessário, que tenha subsistencia humana; diz uma grande falsidade; porque para uma pessoa se chamar humana, só se atende a natureza, seja ou nam seja humana a subsistencia: tanto assim, que estas palavras, homem, e pessoa humana sum synonymis*. Confesso-lhe, que nam sei como os revedores lhe deixaram falar esta proposição.

Orá deixem V. B. inferir desta sua doutrina humana conclusam. Logo assim como é verdade dizer com o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo... Deus, & homo unus est Christus*: assim também será verdade dizer: *Persona Divina, & persona humana unus est Christus*: já que segundo a doutrina de V. P. tanto vale dizer *homem*, como *pessoa humana*. Tereis lá a prova, sem palavras suas. Mas V. P. tem Teologia para tudo.

Além disso, expliquenos V. P. porque razão a natureza humana de Cristo unida ao Verbo Divino nam é pessoa humana. Nós, os que vamos coherentes com a fé, entendemos que é, porque lhe falta a subsistencia humana; e porque se ser pessoa humana se nam deve tomar somente da natureza como V. P. diz, mas da subsistencia ser também humana, como dizem todos os Católicos. Onde em Cristo nam é o mesmo ser *homem*, que ser *pessoa humana*. V. P. pode ser que tenha outras razões incongnitas aos Teólogos Católicos, e só proprias de Nestorio, ou Eutiches: e que retratate aqui, para poder calumniar o Barbadinho, a quella mesma doutrina, que tinha defendido nas suas celebres postillas, onde diz (I) o contrario.

De mais, expliquenos V. P. que quer dizer: *Perfectus Deus, perfectus homo*: Se quer dizer em ambas as partes *pura natura*, nam se pode entender, como duas naturezas sem subsistencia fazem um só Cristo subsistentes:

sistente : se quer dizer, *duas naturezas subsistentes*; também fica a mesma dificuldade. E bem se vê, que muitas destas palavras nam se devem tomar sempre no sentido rigoroso; mas segundo o contexto, e mente da Igreja. E isto mesmo succede na proposição do Critico. Quando S. Joani diz: *Verbum caro factum est*: ninguém o toma neste sentido; *O Verbo Divino se fez realmente carne*; mas neste; *O Verbo unio a si a carne*: porque este é o sentido obvio. E o mesmo se deve dizer da proposição do Critico. Onde conclue maravilhosamente S. Cirilo: *Neque enim illam Verbi carnem dicimus factam esse Divinitatem, sed potius Divinam; ut illius propriam. Si enim hominis caro humana dicitur; quid prohibet Divinam dicere eam, quæ est Verbi Divini?* (1) Declaro, que eu nam entendo muito destas matérias Dogmaticas; creio firmemente o que diz a Santa Igreja Catolica, e o Simbolo; e somente proponho a V. P. estas dificuldades, para que me diga, quem foi o que cometeo o erro; se o Critico, ou V. P. que é o culpataz dos Teologos?

A quinta proposição eretica no mesmo lugar é esta: *Quando a natureza criada se une a uma pessoa Divina, perde o alto dominio, que tinha nas suas afoens, que se ficam attribuindo a Divina.* Aqui V. P. fez a mercede ao Critico de lhe trincar as ultimas palavras, que se ficam attribuindo a Divina; para poder columniar o pobre Barbadinho. Mas a isto chamam os doutos ser um calumniador, e impostor prejudicial à quietação da Republica: porque senam troncasse a proposição, veria que pelas palavras *alto dominio*; quiz dizer o Critico, que perdia a sua subsistencia, e subsistia na pessoa Divina, a qual se ficavam attribuindo as afoens, e nada mais.

Sexta proposição eretica: *Omniem que nam despe primeiro por meio da Etica os vicios do animo, todas as afoens destes omniem nam sum officios, mas vicios, e maldades. A Politica sem a Etica é arte de enganar, &c.* (2) Aqui S. P. passando de um argumento para outro, porvia de perguntas, e ilaloens conclue, que o Critico, é Bayano, e que caie na proposição condenada: *Omnia opera infidelium sunt peccata, &c.*

Forte teima de reduzir tudo para as proposições condenadas da Janfenio, e Bayo! Toda a sua doutrina dogmatica se reduz a isto. Meu P. o Critico nam fala ali no sentido Filosofico, ou Teológico; fala no sentido vulgar, e Politico, e diz bem, que a *Jurisprudencia sem a Etica* (que este era o seu argumento) *nam pode produzir senam muitos erros.* Nam disputa, nem tem por fim examinar se o tal omniem tinha liberdade, ou nam; mas mostrar os danos, que resultam ao Jurisconsulto da falta da Etica. E assim é verdadeira a proposição.

Setima proposição eretica: *A Teologia fundada sobre as formas accidentais,*

denciais, e substanciais é prejudicial aos dogmas da Religião. (1) Já se sabe, que S. P. sai fora de si todas as vezes, que lhe tocam nas formas distintas. O seu argumento neste lugar é este: S. Thomaz, e Escoto, que seguiram na sua Teologia as formas, foram louvados pelos Papas: logo é temerário, e alguma coiza mais, dizer, que os Papas louvaram uma Teologia oposta aos dogmas.

Aqui tem V. P. outro silogismo com premisas verdadeiras, e com a mesma forma. Gregorio IX. mandou queimar publicamente todos os livros de Aristoteles no ano 1209. pelas crezias, que produziam, e se julgara podiam produzir para o futuro. O mesmo Papa, e seus successores proibiram por alguns seculos com excomunham a leitura de Aristoteles, e só nos fins XV. e XVI. seculo, por comprazer ao genio depravado de muitos Profesores Parizienses, se foram tolerando, e permitindo alguns livros; de que naceo o abuzo da introduzirem ao depois. O Cardinal Alliaco, Cerson Cancelarios de Pariz, Clanregio, e outros Doutores Teologos clamaram sempre contra o abuzo que os Teologos faziam de meter Aristoteles na Teologia. A Faculdade Parizienze acuzando Fr. Joam de Montelono Dominicano ao Papa Clemente VII. na sua obediencia *Pontifici Maximo*, diz que os tais erros naceram de se ter introduzido Aristoteles na Teologia; e afirma que S. Tomaz pecára contra o decreto de Gregorio IX. como acima fica dito; e o Papa nam os castigou. O Concilio Lateranense V. condenou as opinioens de Pedro Pompanico, Cezalpino, Fr. Joam Minorita, e outros, que continham o mesmissimo sistema Aristotelico. Logo é temerário, e alguma coiza mais, dizer que tantos Papas, tantos Concilios, tantos Doutores condenaram uma doutrina necessaria, ou pelo menos util á Igreja; e aprovaram a que era prejudicial aos nosos dogmas.

Se nam basta este silogismo, aqui temos outro com a mesma forma. Os Papas modernos, e principalmente Benedito XIV. reformando os estudos da *Sapiencia Romana*, no ano 1747. introduzio diversos Leitores de Philozofia modernissima, e tirou os da Peripatetica. O mesmo se fez no Collegio Apostolico de *Propaganda fide*, onde se instruem fugeitos de todas as naçoes para irem pregar a verdadeira Fé de Cristo por todo o mundo. O mesmo fazem em Roma os Padres das Escolas Pias, que abriam no presente anno novo Collegio em Roma debaixo dos auspicios do mesmo Papa; cuja praça de *Sapiencia* fez o P. Olivieri Portuguez, que foy de tenra idade para Italia; e lá estudou. O mesmo fazem outras Comunidades de Celestinos, Beneditinos, Somascos, de S. Francisco de Paola, e muitos outros. Logo é temerário, e alguma coiza mais, condenar aquillo mesmo, que fazem tantas Comunidades de omens doutos; e reformados; e o que louvam, e mandam fazer os mesmos Papas, ainda que seja contrario ás formas Aristotelicas. De-lhe V. P. a solutão.

A resposta direita é a que o Círculo tinha já insinuado no mesmo lugar; (1) que os Papas nunca aprovaram S. Tomaz, e Elicoto, porque defendiam Aristoteles: antes isto era contrario ás prohibições, que tinham feito de se explicar Aristoteles. Aprovaram-lhe o methodo destes Doutores naquelle tempo, em que nam avia outro mais util. Oje põem o mundo tem aberto mais os olhos, e por isto as coizas se tem mudado totalmente.

Que a Teologia Peripatetica com as suas formalidades seja prejudicial aos dogmas, prova-se, porque tem aberto a porta a mil futillezas, e fofisimas, e erezias; e porque nem é util (para os defender contra os erejes. Ja no Concilio de Trento reconheceram isto os meliôres Padres. O Cardial Sadoletto escrevendo a Paulo III. diz que por meio dos Escolasticos nunca se concluiria nada; antes se aumentariam as erezias. E o Cardial Palavicini Jezuita, escrevendo a istoria do tal Concilio, diz repetidas vezes, (2) que os Padres ordenaram aos Teologos, que tirassem as decizões da Hieritura, Traditam, Concilios aprovados, Constituiçoes Pontificias, e SS. PP. (isto é dogmatica;) e que se abstivessem de disputas, e questões superfluas, (isto é Escolastica vulgar.) E se a tal Escolastica fosse util, e boa para defender os dogmas, sem duvida se serviriam dela para condenar as erezias.

Neste mesmo tempo, um Escolastico tam grande, como Melchior Cano, se queixava disto: *Intelligo autem fuisse in Schola quosdam Theologos adscriptitios, qui universas quæstiones Theologicas frivolis arguentis absolverint, & vanis, invalidisque ratiocinulis, magnum pondus rebus gravissimis detrahentes, ediderint in Theologiam commentaria vix digna lucubratione anicularum.* (3) E em outra parte: *Egit autem Diabolus, quod sine lacrimis non queo dicere, ut quo tempore adversum ingruentes ex Germania haereses oportebat Schola Theologos optimis esse armis instructos, eo nulla profusus haberent, nisi arundines longas, arma videlicet levia puerorum. Ita irrisi sunt à plerisque, & merito irrisi, quoniam vera Theologia solidam effigiem nullam tenebant: umbris utebantur, & eas ipsis utinam sequerentur.* (4) Podia tambem citar alguns Jezuitas, como o Maldonado, Vasques, (5) &c. mas nam é necesario tanto para uma coiza tam clara.

Oitava proposiçam eretica: Deus no estado da innocencia ensinou aos omens muitas verdades. (6) Quem tal dissera, que S. P. podia tirar daqui uma erezia! pois esprimida na imprensa de S. P. deita uma erezia bem grande. Mas digame, meu P. das erezias no estado da innocencia nam tinhamos Adam, e Eva? Estes dois individuos nam são verdadeiramente dois omens, assim no sentido da Escritura, como no Gramatical; e Filozo-

(1) *Histor. Concil. Trident. 12. c. 1.*
 U. 1. 12. c. 10.

(2) *De locis Theologicis, 1. 8.*

(3) *De locis Theologicis, 1. 9. c. 1.*

(4) *In 1. p. D. Thoma disp. 3. c. 3.*

(5) *Tom. 2. pag. 136.*

(6)

fico? Pois entam, que tem aqui que centurar? Alem diso, ainda dado cazo que assim nam fose, nam podia V. P. advertir, que podia o impresor ter acrescentado um S. de mais?

Nona proposiçam eretica: *Da Tradisam nasce a autoridade da Igreja universal, dos Concilios gerais, e da Igreja Romana.* (6) Aqui soltando S. P. todo o pano a sua erudisam Dogmatica conclue evidentemente, que o Critico e Ezeziarca. Dezagrada-lhe muito aquela divizam de *Igreja universal, Igreja Romana, e Concilios gerais*: e finalmente por *faz*, e por *nefaz* nos encaixa aqui outra vez Jansenio, e Quessel: que é a quanto chega toda a sua erudisam Dogmatica.

Primeiramente V. P. nam entendeo o que diz o Critico. Ele nam disputa, se a autoridade da Igreja se funda somente na Escritura; ou na Tradisam: que isto seria entrar no dogma: diz que saie da Tradisam; porque com efeito com a Tradisam é que se prova, e mais copiozamente: nam de outra sorte do que o misterio da Trindade, e outros dogmas, que confuzamente estavam revelados nas Escrituras; e os quais sem a tradisam nam entenderiamos. E os dogmas, que assim se provam, costumamos dizer que pertencem à Tradisam. Leia V. P. o Duhamel na sua Teologia, e verá que reduz todos os lugares Teologicos intrinsecos a dois, *Escritura, e Tradisam*. E isto é comum entre os Teologos.

E senam fasa-nos V. P. o favor de nos explicar o sentido das palavras de Cristo a S. Pedro, que la cita, sem ser por meio da Tradisam Apostolico Divina. Fasa-nos tambem a merce de nos dizer, comque fundamentos sabemos; que a Escritura, de que uza a Igreja, é Divina, senam por meio da Tradisam. Onde quando V. P. diz: *Dizer, que a autoridade da Igreja nasce da Tradisam, é erezia; porque nasce de Cristo*: mostra que nam sabe que coiza é Tradisam, e que a tal Tradisam, de que aqui fala o Critico, é a Tradisam Divina, ou de Cristo; a qual por outro nome se chama *Apostolico-Divina*, como nos inculca S. Paulo, quando diz: *Præcipio non ego, sed Dominus*: e nam a pura tradisam Apostolica, ou Ecclesiastica, que o mesmo Santo nos insinua, quando diz: *Cæteris ego dico, non Dominus*. Mas em tudo isto caie, quem nunca leu Dogmatica.

Tudo o mais, que V. P. aqui acumula, provém de nam saber quais sam os lugares Teologicos: que se o soubera, nam se escandalizaria de que o Critico os dividise em dez: *Escritura; Tradisam Divina; Igreja Universal; Concilios Gerais; Igreja Romana, ou Pontificæ; SS. Padres; Teologos da Escola, em que entram os Canonistas; Razam evidente, Filozofos, em que entram os Jurisperitos; e Historicos.*

Esta divizam abraçam todos os Teologos, que tratam a materia. O primeiro de todos foi o famoso Melchior Cano no seu aureo livro de

L

Loci Theologici: e depois dele todos os que tocaram o ponto, como o Cardial Cottino primeiro tomo da Teologia, o Tournelli, o Habert, o Berti, e muitos outros, que nam são Jansenistas, mas Teólogos Romanos, e Espanhoes, e muito obedientes a Sé Apostolica. E disto ninguém duvida sem V. P. que nunca leo Dogmatica; e nem menos sabe, que elles são os fundamentos da verdadeira Escolastica, que professa. E aqui nemlino conhecerá, que os Jurisconsultos Civis devem saber Filozofia, e Etica; porque por esta razão os Teólogos os introduzem nos Lugares Teológicos. E assim, milhor fora nam ter escrito nesta materia, do que publicar em cada folha que nam sabe os mesmos fundamentos da sua profissão.

Decima proposição eretica: *Depois do seculo VI. dilatandose a jurisdição dos Pontifices nam só sobre os Seculares, mas tambem sobre os Ecclesiasticos*; devia dizer ás aveias; nam só sobre os Ecclesiasticos, mas tambem sobre os Seculares em algumas coizas, &c. (1) Aqui S. P. com a sua costumada Dogmatica acha um valente erro contra a jurisdição do Vigário de Christo. Nam sei como lhe escapou aqui Jansenio!

Ea podia responder a isto evidentemente; porque a materia nam é de Dogma, é de facto historico: mas como V. P. nam sabe nada de Historia, como tem mostrado, perderia eu nisto o tempo. Somente digo, que se V. P. confessa, que os Pontifices nos primeiros seculos nam exercitaram tola a sua jurisdição; nem ainda oje a exercitam muitas vezes contra os Cristãos, por reconhecerem nisto inconvenientes; para que chama nomes ao Critico?

Dilataram os Papas a sua jurisdição em todos os povos, que se são fugeitando à Igreja; e no XIV. seculo sobre os Gregos reunidos com os Latinos. Quem pode negar, que esta proposição seja verdadeira; assim como o é tambem esta: Dilataram os Portuguezes outra vez a sua jurisdição na India depois da aclamaram. Quem pode negar, que em uma, e outro cazo a jurisdição se dilatou? Saie logo V. P. dizendo: *Diversa coiza é nam exercitar a jurisdição, ou nam a ter*. Com que no vocabulario de V. P. a palavra dilatar significa usurpar aquilo a que nam tenho jus. A prova é tão boa, que nam necessita de mais resposta.

Undecima proposição eretica: *A autoridade dos PP. antigos é infalivel*. (2) Esta é uma erezia tam desmarcada, que S. P. cheio de zelo verdadeiramente Apostolico, exclama aqui: *Grande erro! Esta prerogativa só pertence à sagrada Escriitura, e desfructos da Igreja*. E aqui nos tapa a boca com uma proposição condemnada por Alexandre VIII. porque S. P. Leo muito os Prologomenos, que se acham na Teologia moral do P. Lacroix, e aqui fez todo o seu estudo Dogmatico: tudo de la saie.

Mas

(1) Tom. 2. pag. 192.

(2) Tom. 1. pag. 181.

Mas neste caso exclamam todos os Dogmaticos : *Grande ignorancia a de S. P.* ! por nam saber, que um dos lugares Theologicos, que dam argumento infalivel, é o consento de todos, em da maior parte dos PP. em materia Dogmatica. Ousa por todos o Cardial Gotti, que nam é jan-
 senista : *Vico quarto: Unanimis SS. Patrum consensus in explicatione S. Scripturae, & in re pertinente ad fidem, est signum à posteriori, & infallibile testimonium Divinae revelationis; ideoque certum, & irrefragabile nobis sup-
 pedit argumentum. Hanc assertionem omnes Theologi Catholici invicem sus-
 tinent contra Protestantes. (1)*

Dirá V. P. pois porque nam dise o Critico, que nam falava de um Padre somente? porque nam sabia, que avia de crever para V. P. que por nam entender a materia, e querer criticar o que nam estudou, tomou o plural pelo singular.

Aqui tambem exclamam ontra vez todos os Dogmaticos : *Grande erro de S. P.* em excluir na sua propozisam da autoridade infalivel a *Transm. Di-
 vina*, e a *Igreja universal dispersa, e congregada*: quando elles citam tam
 bem argumento infalivel, como dizem todos os Dogmaticos, com os que
 acima citei. *Vejá agora o Senhor Doutor* (sam palavras suas) *quantos erros
 dise nesta materia.*

E se o Critico responde, que a *doutrina de S. Agostinho em mate-
 ria de Graça deo sempre regra às definições da Igreja*: e que as palavras,
non respiciens ad ullam Pontificis bullam, so se applicam ao Critico calu-
 niozamente, que diria S. P.? Pois estude a resposta, e entam conhece-
 rá a diversa razam.

Duodecima propozisam eretica : *A Cartilha chamada do Mestre Ina-
 cio é coisa indigna.* (2) Esta propozisam é tam fora de toda a razam, que
 nam achando S. P. condigna censura para ela em todas as Bulas dos Pa-
 pas, inventa uma nova especie de censura, a que chama *dezaforo*. E por-
 que? *porque á quasi dois séculos aprendendo Portugal por ella os mysterios da
 fe, conservouse sem erezias*: esqueceolhe acrescentar, e nam por outra ra-
 zam, senam porque aprendee por ella.

Primeiramente pergunto a V. P. se os Judeos, e alguns Clerigos,
 que aqui vi queimar em Lisboa; e todos os mais Judeos, e Erejes, que o
 Santo Officio costuma castigar quasi todos os anos; estudaram pela Carti-
 lha do Mestre Ignacio? Responderme-á que sim. E eu daqui infiro com evi-
 dencia: logo a dita Cartilha nam basta para conservar o reino sem erezias.

Outro argumento : A famoza Congregasam da Doutrina Cristian in-
 stituida por Clemente XI. para propagar, e conservar a Doutrina Cristian;
 mandou, que se servisem da Doutrina do Belarmino; e *Catechismo Roma-
 no*, e nam mandou traduzir a doutrina do Mestre Ignacio. A sagrada Con-
 gre-

gregasam de *Propaganda-Fide* em Roma, procurando um *Catechismo* para os seus alumnos instruirem na fé os povos Orientais e nam mandou trazer o do Mestre Inacio, mas outro. logo é *dezaforo* dizer, que o do M. Inacio é melhor, que os outros, ou tam boim: e tambem é *dezaforo* dizer, que o M. Inacio sabia melhor, que estas duas Congregasoens tudo o que convinha para a propagasam da Religiam Catolica em toda a sua pureza. A solutã, que V. P. der a estes argumentos, dará o Critico à sua propozisam.

Mas de caminho advirta V. P. que o Critico somente applicou a palavra *indigna* à Cartilha, pelo que lhe faltava para ser um bom *Catechismo*: como se ve claramente desta sua propozisam pag. 293. *Era melhor, que alguns Religiozos em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas escuzadas, compuxesem um breve Cathecismo Historico util para a mocidade; porque a chamada Cartilha do Mestre Idacio é coiza indigna.* Mas V. P. com a sua costumada Logica applicou a palavra *indigna* ao que a Cartilha contem, e nam ao que lhe falta. E assim ja que mudou de supozisam, nani conclue o argumento. Se V. P. leste todo o paragrafo, entenderia logo o sentido, em que falava o Critico: mas esta sinceridade de trato nam é para V. P. como bem tem mostrado nestas suas Reflexoens.

Nisto se comprehende toda a Critica de V. P. e o faco de propozisoens ereticas, que tinha achado no Critico. E como se souberse o que dise, ou tivesse dito alguma coiza, conclue mui utano, *que se o Critico quer compor alguma Cartilha livre destes erros, que aqui vam apontados; que a mostre a quem lha possa emendar.* E isto mesmo applicamos nós oje de todo o corasam a V. P. *que se quer criticar, aprenda primeiro o que aqui lhe insinuamos: e que pesa a alguem, que lhe explique, que coiza sam aquellas materias, de que o Critico fala nas suas Cartas; e especialmente que lhe explique bem, que coiza é Teologia; porque é a faculdade, em que V. P. se acha muito falto de noticias.* E em quanto nam souber isto bem, que se abstenha de falar nas tais materias. E como V. P. nunca estudou mais que quatro postilas furradas de Escolastica; e nunca vio, nem ouviu o que nas ditas Cartas se contem, com mais razam lhe applicamos o seo versinho: *Nec futor ultra crepidam.*

REFLEXAM XV.

Instruasam para Confesores, e Mulheres.

VOfa Paternidade, por nam deixar folha de papel, em que nam nie-ta unha, la foi tambem arranhar a ultima carta; a qual, sem reparar no que denovo ali diz o Critico, chama *Epilogo das antecedentes.* Nella porem so acha duas coizas, que morder. Primeiro ordena, que os Con-

fefores nam estudem pela Etica, mas pelos Moralistas. A isto ja está respondido.

Alem disso, esquecido do seu instituto, que nada tanto lhe recomenda, como estar longe de mulheres, dezembainha, qual outro D. Quixote, a espada para as defender; e vaza aqui um sacco de erudifam profana, capaz de atemorizar o mesmo Grcio, em que diz coizas bem galantes. Tem medo, de que appareça alguma Filozofia moderna, que ponha em duvida, se as mulheres sam da mesma especie que os omens, sem lhe lembrar, que nisto caíram os Antigos, e muitos dos Peripateticos, que lhe chamavam animais imperfeitos, e monstros da natureza. Finalmente asenta que o Critico poem obrigaçoens muito peçadas as mulheres; e especialmente lhe dezagrada aquilo de *menuetes*; porque como S.P. sem saber dançar anda tam tezo, e direito, que parece uma trave ambulante; julga, que o mesmo pode succeder as mulheres; e assim determina, que se nam fale mais em *menuetes*, porque nam é amigo disso.

Quando eu estava em Roma, fui um dia ao *Seminário Romano*, e vi que os PP. Jezuitas, que dirigem aquele Collegio, mandavam dançar os rapazes, e assistiam com elles à dança: e perguntandolhes eu a razão, disseram-me que a dança ensinava a endireitar o corpo, e a caminhar com boa graca, e saber entrar em uma conversasam, &c. Este exemplo podia provar alguma coiza. Mas V. P. nam gosta de exemplos de Roma, que logo lhe enbrulham o estomago.

Concluindo pois ao nolo intento, digo, que todos os nosos Padres asentaram que atè nesta ultima Reflexam quizesse mostrar a vossa ignorancia, e ouzadia de falar em uma materia que nam entendeis; e tem tocar nos pontos, que deveis tocar, metervos a dizer gracas, e ridicularia. Deixai falar nisto aos Seculares, e tratai de vos encomendar a Deus, e estudar o que deveis.

Com que, meu Fr. Arsenio, de todo este discurso conhecereis a vossa insuficiencia, e total ignorancia de todas as materias, que censurais. Conhecereis as infinitas calumnias, que escrevestes contra o Barbadinho, e as muitas injurias, que lhe difestes. Conhecereis a injuria, que fizestes ao Reino, e principalmente à nosa Religiam Serafica, publicando esta satira. Se tendes temor de Deus, caridade do proximo, e vergonha do mundo, deveis retratarvos publicamente, confesando a todo o mundo literario a vossa temeridade, e desculpando-vos de ter feito isto por cabela alheia.

Mas antes que acabe de todo, quero-vos avizar, e nam so a vós, mas tambem a todos os mais do voso jaez, que se persuadem, que a apologia nam é outra coiza mais, que injurias, e invetivas, de que temos o exemplo nestas vossas Reflexoens; que para responder apologeticamente, se requer uma grande ciencia naquelo genero, em que se á

de criticar. Requer-se um juizo perfeito, e reflexivo, que compreenda, e peze hem todas as circumstancias, e motivos, que teve o Autor, contra quem se faz a Apologia. Requer-se saber com toda a perfeição todas as regras da *Arte Critica*; a qual por nosos peccados ainda neste Reino, nam appareceo. Deve alem diso criticar, e notar o que diz o Autor, sem entrar a falar na sua vida, e costumes, nem nos seus defeitos fizicos, e morais pertencentes a vontade. Este é o defeito, em que geralmente caem todos aquelles, que neste Reino escrevem Apologias, parecendo-lhes, que nam podem criticar, sem satirizar o Autor, descobrindo, e censurando nele todos os defeitos, que ou ás tortas, ou ás direitas podem descobrir: no que mostram claramente, que ignoram a verdadeira *Arte de criticar*.

Recebei pois, meu Fr. Arsenio, estes avizos, e conselhos como prova da nosa amizade, e zelo: e reconhecei nisso mesmo a sinceridade, com que vos tratamos. Porque se nam dezessemos cooperar para a vosa estinacsa, e descanso; nam nos censuriamos em vos advertir o que é necessario para evitar disputas perniciosas: e pode ser que com o noso bom modo, e ingenuidade de trato tenhamos ja desviado algum raio, que estava para vos cair em cima. Nós prevemos todas as circumstancias desta vosa Apologia; ou Satira. Suseitastes contra vós, nam um io, mas muitos adversarios, com grande doutrina, com muitos amigos; e com poder bastante para vos fazerem arrepender. Deus queira que isto pare aqui. Se achardes nesta resposta alguma palavra mais picante, deveis attribui-lo ao furor da disputa, e ao zelo, com que vos falei: e tudo me perdoará a vosa benevolencia, e amizade. Deus vos guarde, &c.

F I M.